



INSTITUTO FEDERAL DE RONDÔNIA CAMPUS CALAMA



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E INOVAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

ANTÔNIO PEREIRA SOBRINHO

Os saberes indígenas e a Educação Profissional e Tecnológica: contribuições do
povo Apurinã para a formação integral

Kãkytywakury imarutxi e imaruã parĩkuwary e ãty werekatxi:
pupykarywakury sykakyty ykynyka kamakuryã.

PORTO VELHO-RO

2025

ANTÔNIO PEREIRA SOBRINHO

Os saberes indígenas e a Educação Profissional e Tecnológica: contribuições do povo Apurinã para a formação integral

Kãkytywakury imarutxi e imaruã parĩkuwary e ãty werekatxi:
pupykarywakury sykakyty ykynyka kamakuryã

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal de Rondônia, área de concentração Educação Profissional e Tecnológica como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Linha de pesquisa: Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos em Educação Profissional e Tecnológica

Macroprojeto 5: Organização do currículo integrado na EPT

Orientadora: Dra. Lediane Fani Felzke

Co-orientadora: Dra. Sandra Aparecida Lopes Ferrari

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Gerador de Ficha Catalográfica do IFRO,
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Pereira Sobrinho, Antônio.

Os saberes indígenas e a Educação Profissional e Tecnológica:
Contribuições do povo Apurinã para a formação integral / Antônio Pereira
Sobrinho, Porto Velho-RO, 2025.
150 f.

Orientador(a): Profª Drª Lediane Fani Felzke.

Coorientador(a): Profª Drª Sandra Aparecida Lopes Ferrari.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e
Tecnológica - ProfEPT) – Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Rondônia - IFRO, Porto Velho-RO, 2025.

1. Educação Profissional e Tecnológica. 2. Princípio da omnilateralidade.
3. Povo Apurinã. I. Felzke, Lediane Fani (orient.). II. Ferrari, Sandra
Aparecida Lopes (coorient.). III. Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Rondônia - IFRO. IV. Título.

Bibliotecário(a) Responsável: Cleuza Diogo Antunes, CRB-11/864 (Campus Ji-Paraná)

Dedicatória
Dedico este trabalho a mim,
à minha esposa, meus pais, meus filhos,
que me incentivaram nessa caminhada.
Dedico a todos os meus familiares
e aos participantes desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por mais esta etapa que se conclui. Não foi fácil.

Agradeço a minha mãe por ter lutado por mim desde o início da minha existência, mas neste momento não se encontra em vida, em nosso meio, mas agradeço pelas experiências deixadas.

Ao meu pai, que sempre ensinou querer alcançar os objetivos, respeitando o próximo em qualquer circunstância, e também os ensinamentos do cultivo e da pesca.

A minha esposa, por ser realmente uma parceira de todas as horas e estar presente, compartilhando e dividindo os momentos felizes e difíceis deste mestrado e outras situações.

Aos meus familiares que compreenderam a minha ausência em momentos importantes em suas vidas.

As minhas professoras orientadoras Dra. Lediane Fani Felzke e Dra. Sandra Aparecida Ferrari, pela oportunidade dada, pela escuta, conselhos, rigor e crítica construtiva, paciência e apoio ao meu tema de dissertação.

Aos professores e professoras das disciplinas do programa, com certeza os saberes compartilhados ampliaram meu olhar e possibilitaram para que eu enxergasse para além do conhecimento dos rios e florestas, de modo complementar a este conhecimento.

Aos participantes da pesquisa Angelita Feliciano, Francisco Marques, João Baiano, José Inácio, Maria Batista Apurinã, Maria Elza, que foram de fundamental importância, para que este trabalho fosse realizado.

Por fim agradeço aos amigos, colaboradores do DSEI Médio Rio Purus, da FUNAI em Lábrea e a todos os participantes dessa pesquisa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Terras Indígenas Apurinã

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP/IFRO - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos. DSEI - Distrito Sanitário

Especial Indígena do Médio Purus

EPT – Educação Profissional e Tecnológica.

FUNAI – Fundação Nacional dos Povos Indígenas

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFRO - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia.

ISA - Instituto Socioambiental

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

ProfEPT - Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica.

SESAI - Secretaria Especial de Saúde Indígena

TALE - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os saberes indígenas e a Educação Profissional e Tecnológica:
contribuições do povo Apurinã para a formação integral

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo levantar informações sobre a história, a organização social e a cosmologia do povo Apurinã que mora na cidade de Lábrea-AM com a finalidade de produzir um livro paradidático de informações e saberes acerca dos povos indígenas a partir do olhar *apurinã*. Foi realizado no contexto do Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), vinculado à linha de pesquisa Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos em Educação Profissional e Tecnológica e ao macroprojeto Organização do currículo integrado na EPT. A formação da identidade cultural está vinculada à forma como cada povo vive. Então, em cada momento da pesquisa foi respeitado o tempo e a cultura de cada indígena. Na pesquisa foram entrevistados seis indígenas deste povo com idade entre 40 a 80 anos. Esse trabalho também utilizou de pesquisa bibliográfica, documental e autobiográfica. A propósito, a minha vivência e experiência pessoal, bem como acadêmica e profissional, durante o curso na EPT, possibilita estar em diferentes contextos e temporalidades, cujo principal deles é fazer uma leitura desta realidade com novos olhares, em que buscou-se apresentar minha posição como “indígena fora da aldeia”, como biólogo, na tentativa de tornar complementares os conhecimentos em estado de aprendizagem da cultura do povo Apurinã tanto aqueles que são apreendidos nas aldeias quanto aqueles adquiridos nas cidades. Por fim, é evidente a diversidade cultural desse povo, suas vivências e experiências particulares, a relação com a mãe natureza, o mundo físico e metafísico, os saberes e as artes. Assim sendo, o livro paradidático poderá ser utilizado pelos gestores e docentes da Educação Profissional e Tecnológica como apoio pedagógico nas discussões sobre a temática indígena junto aos alunos dos cursos técnicos integrados ao médio. Além do mais, esta pesquisa atende aos princípios da formação integral e omnilateral da Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

PALAVRAS-CHAVE: Educação Profissional e Tecnológica; Princípio da omnilateralidade; Povo Apurinã.

Indigenous knowledge and Professional and Technological Education:
contributions of the Apurinã people to comprehensive education

ABSTRACT

This paper has the objective of gather information about the history, social organization and cosmology of the Apunirã people who live in Lábrea-AM, with the aim to create a supplementary book containing information and knowledge about the indigenous people within the apurinã perspective. It was accomplished in the context of the Masters in Professional and Technological Education (ProfEPT) linked to the research area Organization and Memories of Pedagogical Spaces in Professional and Technological Education, and to the macro-project Curriculum Organization within the EPT. The formation of cultural identification is linked to the way how each people live. Than, in each moment of the research the time and culture of each indigenous was respected. Six indigenous within this people, with ages ranging between 40 and 80, were interviewed for the research. This paper also used bibliographic, documental and autobiographic research. By the way, my own experience, professional and academic during the classes within the EPT, allowed me to be in different contexts and temporality, and the main one was to make a look their reality with new perspectives, with the attempt to show my position as an “outside village indigenous”, as a biologist, aiming to make supplementary the knowledge culturally learned with the Apurinã people and the knowledge learned in the city. Lastly, it’s evident the cultural diversity of this people, their group and personal experience, their relationship with mother nature, the physical and metaphysical world, theirs knowledge and arts. Consequently, the supplementary book can be used by educational managers and teachers of Professional and Technological Education in the discussions about indigenous theme, together with students of technical courses. Moreover, this research meets the integral and omnilateral formation principles of the Professional and Technological Education (EPT).

KEYWORDS: Professional and Technological Education; Omnilateral Principle; Apurinã People.

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	12
2.1 Diversidades dos povos indígenas.....	12
2.2 Os Apurinã e o princípio da omnilateralidade	15
2.3 A lei 11.645/2008 e a educação profissional e tecnológica.....	20
3. METODOLOGIA	23
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	25
4.1 História de vida dos entrevistados.....	25
4.2 As culturas indígenas	28
4.3 O Kusanaty Apurinã.....	30
4.4 A cosmologia Apurinã: Narrativas de origem	32
4.5 Contribuições dos Saberes Indígenas para o mundo dos brancos	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	41
ANEXO I – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP DO IFRO	44
ANEXO II – PARECER CONSUBSTANCIADO DA CONEP	49
APÊNDICE	61
CURSOS TÉCNICOS INDICADOS: Todos.....	61
1.1 Introdução/ Justificativa	61
1.2 Objetivos.....	62
1.3 Formas de utilização.....	63
2 IMPACTO SOCIAL	66
2.1 Fortalecimento da identidade cultural	66
2.2 Atendimento a Lei 11.645/2008. A importância das sociocosmologia indígena na	

1. INTRODUÇÃO

Para começar a falar dessa pesquisa, é importante citar que sou indígena pertencente ao povo Apurinã, sou formado em Ciências Biológicas, sempre tive uma relação direta e indireta com a natureza e busquei compreender meus momentos vividos na comunidade e na cidade.

A sociedade do branco que tanto fala dos povos indígenas, de forma muitas vezes equivocada, realmente não conhece o que se passa em cada comunidade e muito menos sobre os indígenas em contexto urbano. Com esta pesquisa, os não indígenas que atuam na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) terão oportunidade de conhecer mais sobre o povo Apurinã a partir do olhar dos indígenas que vivem na cidade. Isso é importante porque mostra que, mesmo vivendo em contextos urbanos, não deixamos nossos conhecimentos.

O objetivo principal é o de refletir sobre a relevância dos saberes históricos e socioculturais do povo Apurinã e sua importância para a Educação Profissional e Tecnológica no âmbito do Instituto Federal de Rondônia (IFRO). Os docentes e estudantes da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) terão a oportunidade de conhecer um pouco sobre as ciências indígenas e sobre os povos indígenas que vivem em contextos urbanos e que contribuíram com entrevistas para este trabalho.

Nesta aproximação defendemos que a EPT tem muito a aprender com os conhecimentos ameríndios na medida em que esses conhecimentos ensinam formas sustentáveis de estar no mundo, como aponta Ailton Krenak (2019), o que combina com os princípios de formação integral e o princípio de omnilateralidade (Manacorda, 2007). Dessa forma estamos contribuindo para uma formação multicultural no contexto da EPT.

Esta pesquisa, aprovada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) por meio do parecer de Número: 6.661.864, data 14.02.24, está inserida na linha de pesquisa Organização e Memória dos Espaços em EPT e compõe o Macroprojeto 5 – Organização do currículo integrado na EPT pois discute os conceitos de educação integral e omnilateralidade a partir das concepções do povo indígena Apurinã.

Os que as bases teóricas da EPT chamam de “formação integral” e “princípio da omnilateralidade” nós chamamos de aproximação da relação homem/natureza, ou seja, “aquele que define não propriamente pela riqueza do que o preenche, mas pela riqueza do que lhe falta e se torna absolutamente indispensável e imprescindível para seu ser: a realidade exterior, natural e social criado pelo trabalho humano como manifestação humana livre” (Santos, 2013, p.39).

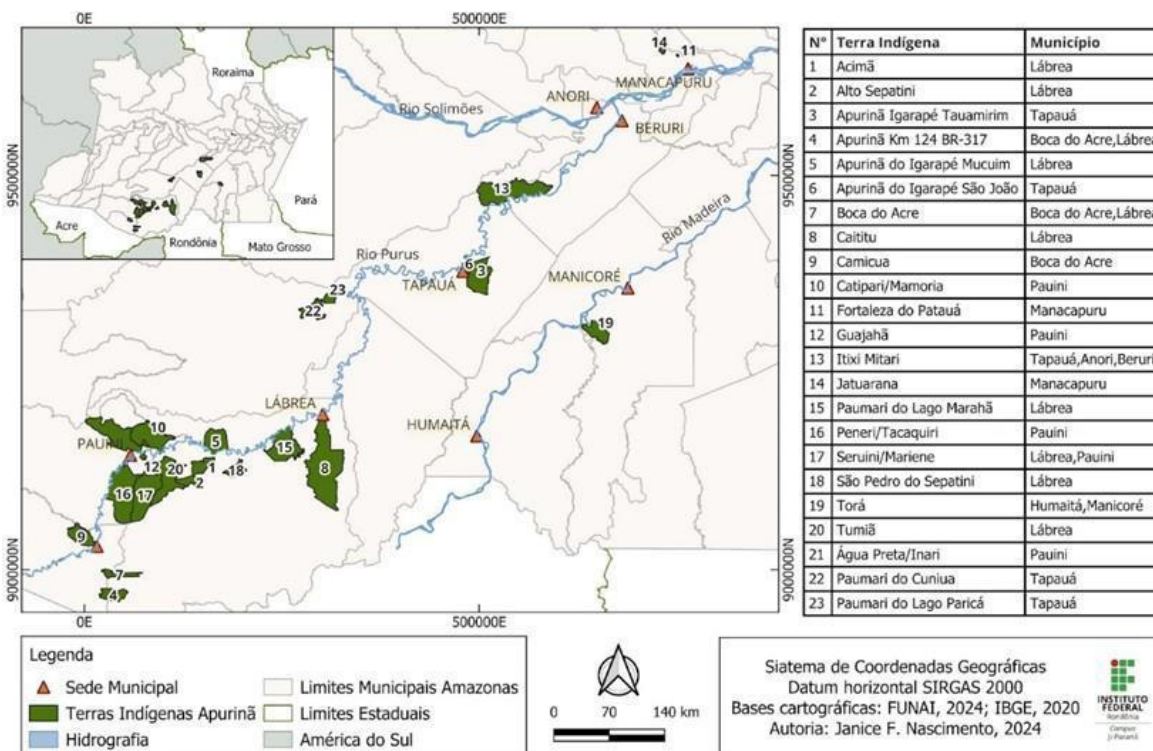
Assim sendo, o princípio da omnilateralidade que é apresentado neste trabalho estabelece que “a relação dos povos indígenas na produção do seu conhecimento passa por não construir objetos, mas por estabelecer relações, respeitar sujeitos. Sabemos que existem diversos conhecimentos [...]” (Apurinã A., 2018, p.19).

A pesquisa aborda os conhecimentos de indígenas Apurinã residentes em contexto urbano do município de Lábrea – AM. A propósito, Lábrea localiza-se às margens do Rio Purus no estado do Amazonas. Sua população é de 45.448 habitantes de acordo com os dados levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022, sendo que destes, aproximadamente doze mil se autodeclaram indígenas. Esses dados tornam Lábrea um dos municípios com maior porcentagem de indígenas no Brasil. O estado do Amazonas, por sua vez, concentra uma população de 490.854 indígenas.

Lábrea está localizada na região chamada de Médio Purus que abrange também os municípios de Canutama e Tapauá. Os povos da região são atendidos pelo Distrito Sanitário Especial Indígena do Médio Purus (DSEI) e pela Coordenação Regional da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) do Médio Purus.

Segundo o site do Instituto Socioambiental (ISA), em 2003 haviam aproximadamente 5100 Apurinã. Atualmente os três municípios da calha do Rio Purus abrangem uma população de (5259 indígenas Apurinã vivendo nas aldeias e 2415 os que moram na zona urbana, totalizando uma população de 7707 Apurinã). Então, se formos comparar, a população Apurinã teve um aumento expressivo nos últimos anos. Mas os Apurinã não estão localizados apenas no Médio Purus. O povo vive em 23 terras indígenas distribuídas em nove municípios como mostra o mapa abaixo.

Figura 01: Terras Indígenas Apurinã
Mapa de localização das Terras Indígenas Apurinã



Essa pesquisa foi realizada junto a seis Apurinã mais velhos que moram na cidade de Lábrea, três homens e três mulheres. Para mim foi uma experiência plausível diante de cada entrevistado, os mesmos mostraram o quanto foi difícil suas caminhadas até a cidade e conseguir espaço na sociedade, cheia de preconceito. As narrativas de cada um me mostrou o quanto os Apurinã lutaram e o que tem para contribuir para sociedade, mesmo com as dificuldades encontradas de alguns por nunca ter entrado em uma escola, mostrou experiências de vida acumuladas cheia de aprendizado adquirido na floresta e na comunidade. A sociocosmologia onde eu pude me aprofundar sobre o deus dos Apurinã (Tsurã), o pajé com suas curas xamânicas, a troca de conhecimento minha com outros Apurinã foi o pontapé de vida de reconhecer, onde eu estou agora, um Apurinã da comunidade para cidade, da cidade para faculdade.

Faço minhas as palavras de Francisco Apurinã (2020) quando ele fala do desconforto que causa nos pesquisadores indígenas o fato que ao longo dos anos, as pesquisas etnográficas têm atribuído a nós indígenas e, sobretudo, à classificação histórica continuamente reproduzida que coloca o não indígena como pesquisador e o indígena como “objeto de pesquisa”, inclusive nos excluindo do papel de interlocutores.

A história oral do povo Apurinã está presente nesse trabalho e nosso povo conta histórias de abuso, negligência e racismo. Estas histórias já foram contadas pelos parentes,

mas precisamos registrar. Buscarei mostrar a realidade dos indígenas Apurinã que parece estar um pouco esquecida. Para começar é importante dizer que os povos originários estão ameaçados pelo processo de globalização que, juntamente com os valores da sociedade urbano-industrial está expropriando indígenas e também outras comunidades tradicionais da Amazônia (Risso, 2005).

Portanto, com esse trabalho levantamos informações sobre a história e a sociocosmologia do povo Apurinã junto aos indígenas que vivem na cidade, e foi verificado como os Apurinã urbanos se relacionam com saberes ancestrais do seu povo. Mediante a pesquisa foi possível identificar e analisar elementos da cultura do povo Apurinã que contribuem para a efetivação do princípio da omnilateralidade na EPT. Também, produzimos um livro paradidático com as informações sistematizadas no decorrer da pesquisa e elaboramos sugestões de como esse livro pode ser utilizado pelos docentes da EPT.

Aqui também serão abordadas minhas experiências vividas e conhecimentos adquiridos em várias comunidades indígenas e não indígenas, conhecimentos aprendidos em minhas contribuições na área da saúde para os parentes. Nesse sentido, acredito que todos precisam conhecer um pouco mais da nossa cultura, tanto dos indígenas que vivem em comunidades quanto daqueles que vivem na cidade, uma maneira de diminuir o preconceito.

Por fim, será válido conhecer aquilo que parece esquecido na sociedade dos não indígenas. Os docentes do IFRO poderão ter uma visão mais esclarecida, um conhecimento diversificado sobre a história e a sociocosmologia do meu povo. A comunidade indígena não pode ser considerada em um único conhecimento, mas sim em uma variação de culturas. Mostrar essa realidade não será fácil, mas na prática docente será possível trazer e disseminar os conhecimentos do povo Apurinã na EPT.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Diversidades dos povos indígenas

A cultura dos povos indígenas é bastante diversificada, mas algumas características são típicas de alguns povos, e cada grupo ou etnia tem uma história diferente. Buscar definir de onde vêm nossos conhecimentos é trazer um pensamento, uma longa história que aos poucos foi desaparecendo devido aos confrontos ocasionados pelas batalhas oriundas de enfrentamentos com os brancos. Dizer e entender que os indígenas vivem em simbiose com a natureza é formativo para nós. Dentro do universo desses povos tradicionais a natureza é perfeita e oferece o que realmente cada comunidade/pessoa precisa.

E mesmo em pleno século XXI ainda persistem preconceitos em relação a esses povos tradicionais (Instituto Socioambiental). Sendo assim, faz-se necessário “compreender o cenário pluriétnico, suas diferentes formas de viver e de enxergar o mundo por meio de seus valores e costumes étnicos, que necessariamente precisam ser respeitados” (Apurinã F, 2017, p. 488).

Seguindo essa linha de pensamento Krenak (2019, p. 8) em sua obra *Ideias para adiar o fim do mundo*, reflete que “o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história”.

Então dentro desse conceito de civilização os indígenas internalizam essa condição de *ser e estar aqui na terra*, existindo como uma parte real da própria natureza e da composição coletiva a que pertence, construindo assim um legado, sua história como um ser humano racional e dotado de cultura. A diversidade cultural e étnica dos povos indígenas são um patrimônio nacional. É um multiculturalismo sinuoso que se apresenta em “suas sociedades, culturas e formas de ver e ser no mundo” (Apurinã F, 2017, p. 489), bem como na relação com a natureza, perfeita simbiose, diferente de tudo e de todos.

As lideranças e os mais velhos falam que os Apurinã, há muito tempo, trilham o entorno da área geográfica da calha do rio Purus e seus afluentes e se comunicam por meio de uma língua do tronco linguístico Aruak, família Maipure. Conforme Apurinã, F. (2016, p.139) “A língua mais próxima seria a dos Manchineri. Contudo, alguns Apurinã afirmam que também compreendem um pouco da língua do povo Kaxarari, em razão da saída conjunta da ‘terra sagrada’, segundo versa nossa cosmogonia”.

Ao passar por várias comunidades indígenas no entorno do município de Lábrea, pode-se perceber que a língua do nosso povo é pouco utilizada pelos Apurinã. É triste perceber que este conhecimento pode desaparecer.

É como Francisco Apurinã pontua em relação ao valor dessas marcas culturais, o qual se introduz no discurso deixando mais explicitado e firme a necessidade de “elucidar os valores e significados, dos lugares, dos seres e dos rituais, e muitos outros aspectos de nossas vidas, que são ‘culturais’ e ‘sagrados’ para nós Apurinã” (Apurinã, F. 2017, p. 489-490).

Para complementar esse argumento é preciso dizer que os ensinamentos podem vir de várias partes de culturas diversificadas. Os ameríndios são capazes de introduzir novos conhecimentos e estão sempre abertos para aprender novos saberes (Lévi-Strauss, 1993).

Viver em harmonia com a natureza, os animais fazem parte dos povos indígenas, que possuem uma relação de troca com tudo que o ambiente oferece. A compreensão das coisas

no universo dos povos indígenas ultrapassa a lógica do positivismo ocidental, que orienta o homem “branco” em suas concepções de mundo e verdade (Krenak, 2019).

A realidade material e imaterial dentro dos aspectos culturais dos povos indígenas corresponde a um modo todo particular de existir/coexistir com os seus semelhantes e mais ainda em relação a natureza em toda a sua completude, fauna, flora e seres espirituais associados à natureza “cuja essência transcende o alcance da ontologia ocidental naturalista e está permeada pelo imaginário simbólico que implica uma ética específica de relação entre as pessoas e o seu meio” (Apurinã, F. , 2020, p. 20). Ainda segundo Apurinã, F. (2020, p. 22):

Inclusive, podemos dizer que esse pensamento apurinã é que fornece a base para percepção do cosmos, sociabilidade, espiritualidade e das ideias mais profundas sobre a vida humana – entendido como de cunho metafísico ou próximo de ontológico, no sentido diferente do que é pensado pelas etnologias contemporâneas.

O material e o imaterial são tangíveis e inevitáveis na cultura e vivência indígena. Numa outra observância em torno do mundo metafísico Apurinã F, (2020, p. 33) citando Barreto, elucidada:

O espaço-terra, espaço-água, espaço-floresta e espaço-aéreo são as casas dos seres invisíveis (*wai-mahsã*), contudo, para fazer uso e mesmo circular por esses espaços (casas), os humanos precisam pedir “licença” a eles. Caso isso não seja feito, os *wai-mahsã* se voltam furiosos contra as pessoas podendo lhe causar doenças que podem levar à morte” (Barreto, 2013, p. 71).

Então, o universo imaterial e tudo relativo a este é tão plausível para o povo indígena quanto o chão debaixo de nossos pés, nisso os seres invisíveis que de fato existem prezam por respeito e insultá-los é pôr-se em perigo mortal. Desse modo, “fica evidente que para o entendimento indígena há uma relação das pessoas com os seres espirituais não humanos, animais, plantas e lugares; quanto que, para os não indígenas, o que existe é a relação dos humanos com a natureza” (Apurinã, F. 2020, p. 34).

Nesses aprendizados vemos bom olhar a medicina tradicional. Tomemos por exemplo “o clássico da medicina indígena versus a biomedicina em relação ao processo de formação do Kusanaty apurinã (denominado, o pajé) e do médico” (Apurinã F, 2020). A propósito, dentro de nossas culturas esses sujeitos perpassam por longos períodos de aprendizados.

Todavia, há diferenças entre as metodologias formativas de ambos. O médico, por exemplo, passa anos estudando os mais variados teóricos e disciplinas, ainda se dedica em especializações e tem os mais renomados professores da área de medicina. E no referente ao Kusanaty Apurinã, o pajé:

[...] o processo pelo qual o *Kusanaty* é submetido para obtenção de conhecimentos que lhe permite curar e causar doenças também é longo e exige muita dedicação. Esses especialistas apurinã absorvem seus conhecimentos no mato por meio de sua relação e do respeito com os demais existentes que ali habitam, resultando numa

aprendizagem sem tempo para acabar. Seus professores são seus guias espirituais, que podem estar nesse plano físico ou metafísico, também podem ser humanos e não humanos, podem ainda ser vistos ou não. O vento, as árvores, as rochas, os animais, a chuva e os trovões são auxiliares dessas agências xamânicas (Apurinã F, 2020, p. 22).

Nesse contexto da medicina indígena e biomedicina aliam-se processos tão diferentes e percepções de mundo tão opostas servindo, de certo modo, a um mesmo propósito, projetar referências de cura em suas respectivas sociedades. Dentre os cuidados com a saúde, a floresta oferece os medicamentos para curar as enfermidades do corpo e do espírito. “A maloca das medicinas é o encontro desses diversos seres, da fauna, flora, e outros elementos; poderíamos dizer que lá é como uma farmácia viva, onde encontramos vários seres que nos curam, que nos previne de adoecermos, que nos mantém com saúde” (Apurinã, A, 2018, p.20).

O trabalho do pajé muitas vezes não encontra respaldo na ciência ocidental que considera a “ciência indígena em mero ‘conhecimento tradicional’ ou quando esse conhecimento não é suprimido pelo conhecimento da biomedicina” (Apurinã, F. 2020, p. 23). E como resultado desse negacionismo explícito, Apurinã, F (2020, p. 23) posiciona-se da seguinte maneira:

Falo isso com muita tranquilidade, o que se tem visto constantemente nos últimos anos reflete o abandono e o esquecimento dos pajés, rezadores, benzedores e dos demais conhecedores das raízes, das plantas, das pedras e de outras fontes vitais de onde provêm saberes que previnem e curam doenças e ainda salvam vidas.

A complementação de assistência de atenção básica de saúde ofertada pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) para as várias comunidades deixa o povo mais confortável. Quando as comunidades têm o pajé essa assistência oferecida pela SESAI a comunidade só tem a ganhar.

O abandono das tradições e, conseqüentemente, a falta do surgimento de novos pajés e outros curandeiros dos povos indígenas não é, única e exclusivamente, proveniente do demérito que a medicina indígena sofre frente à medicina do branco, mas certamente isso influencia.

2.2 Os Apurinã e o princípio da omnilateralidade

Os Apurinã não conhecem o termo “omnilateralidade”, mas o conceito que explica esse termo é muito parecido com a vida e com o ensino que é feito nas comunidades. Os povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas, assentados e outros, trazem no seu conhecimento de vida noções que são mais profundas do que aquelas que os brancos escreveram sobre o

princípio da omnilateralidade.

Nas comunidades Apurinã no município de Lábrea, a educação das crianças e dos jovens é feita pensando em todos aspectos da vida, não apenas no conhecimento intelectual, mas sim no grupo em geral, para desenvolvimento em vida, tudo que vive. Os espíritos que são os defensores da natureza, os conhecimentos do que pode o que não pode mexer, isso é base familiar e o que se aprende nas escolas uma interação do professor diante das disciplinas composta na escola, não deixar a criança e o adolescente em único pensamento.

Neste ponto vamos tratar desse princípio de duas formas, a primeira é como os indígenas Apurinã entendem sua vida de uma forma omnilateral e a segunda está calcada no fato de que conhecer a vida, a sociocosmologia e a epistemologia indígena é importante para que o princípio da omnilateralidade seja tratado na EPT situada na Amazônia, no Brasil e na América Latina.

Para Frigotto (2007) a EPT deverá promover a emancipação do indivíduo, o que implica em formar não somente indivíduos para realização daquela atividade em si, mas formar acima de tudo cidadãos conscientes de sua realidade, que entendam o contexto de seu trabalho e da sociedade onde estão inseridos. Isso já é feito nas aldeias indígenas desde o tempo dos nossos ancestrais quando eles ensinam as crianças e jovens da comunidade a preparar seus materiais de utilidade, desde um simples abanador, arco, flecha etc, como deve respeitar a natureza para que não sejam castigados. Trabalhar em grupo nas caçadas, pescarias e roçados para que não venha faltar o básico. Temos muitos aprendizados que podem se complementar com EPT, ficam várias questões martelando a cabeça dos brancos, em que os indígenas podem ajudar? Somos a família do ecossistema, da biodiversidade.

E dada a complexidade de significação do termo e suas implicações sociais Santos (2013, p. 38) citando Sousa Júnior (2009) afirma que “o conceito de omnilateralidade não foi precisamente definido por Marx, todavia, em sua obra há suficientes indicações para que seja compreendido como uma ruptura ampla e radical com o homem limitado da sociedade capitalista”. É essa ruptura que os indígenas sugerem que os brancos façam, que não fiquem pensando em apenas acumular, em tratar a natureza como uma fonte de recursos, mas sim como uma solução de vida para cada indivíduo.

Gonçalves (2017, p. 16) se referindo a Marx traz à tona que “o maior desafio da educação é formar para a omnilateralidade, rompendo com a unilateralidade, uma educação voltada apenas para o mercado de trabalho”. Por isso trago aqui a ideia de olhar mais para os povos indígenas e aprender com eles, com os Apurinã, que a vida não é unilateral, que tudo está interligado, que nós indígenas trabalhamos em conjunto com a natureza em cada estação

do ano, damos importância a tudo que está ao nosso redor.

Nesse sentido, a escola, como uma das responsáveis pelo processo de formação humana, tem que ter uma participação mais ativa para a modificação desse cenário. Diante disso, a Educação Profissional e Tecnológica precisa voltar seus olhos para os povos e as ciências indígenas que têm os princípios da formação integral e da omnilateralidade (mesmo sem conhecer essas palavras) como centrais na formação das crianças e jovens, onde a família é a principal base dos conhecimentos construtivos das futuras gerações, formando e preparando os futuros formadores dos conhecimentos do valor da vida.

Ademais, mediante Gonçalves (2017, p. 16) citando Marx (2002, p. 211), o “trabalho é processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza”. Marx e Engels nos apresentam ainda que “a formação omnilateral deve se dar através do tripé cultura geral, desenvolvimento físico e profissional, ficando desta forma organizado um currículo integrado, almejando uma formação que alie saber teórico, científico e prático (Marx; Engels, 2002, p.51 apud Gonçalves, 2017, p. 17)

Nesse pensamento omnilateral de enxergar o trabalhador, quando o trabalho vem beneficiar os dois lados, pode quebrar essa barreira quando falamos sobre os povos tradicionais, que convivem em ambiente menos desigual, que divide suas tarefas durante o dia, dividindo entre eles o que foi produzido sem levar em conta de quem tem mais, quando ensina o que aprendeu de seus ancestrais sem mesmo ter o conhecimento da escrita, passando esse conhecimento sem cobrar nada em troca.

Para Souza Junior (2009, p. 2) mencionado em Santos (2013, p. 39) “o homem omnilateral não se define pelo que sabe, domina, gosta, conhece, muito menos pelo que possui, mas pela sua ampla abertura e disponibilidade para saber, dominar, gostar, conhecer coisas, pessoas, enfim, realidades – as mais diversas”.

Nesse sentido, a omnilateralidade se apresenta no sentido do desenvolvimento humano de maneira mais completa e reelaborada, não sendo estabelecido numa única perspectiva, ao mesmo tempo que vai ao encontro a realidades dos povos indígenas quando entra nas escolas de tempo integral, com a educação ofertada pelo EPT, e opõe-se à unilateralidade.

Uma formação unilateral geraria apenas manutenção das realidades de produção em que aqueles que produzem dificilmente desfrutam de seus esforços nessa sociedade cada vez mais desumana e capitalista. O problema se dá na distribuição dos bens, da cultura e lazer, por exemplo, em quem poucos estão a gerir todo esse sistema. Assim, a educação tem que reformular suas bases. É, como argumenta Marx citado em Gonçalves (2017, p. 16) “o autor

defende que o maior desafio da educação é formar para a omnilateralidade, rompendo com a unilateralidade, uma educação voltada apenas para o mercado de trabalho”. Este é mais um sentido em que os povos indígenas e os povos não indígenas, são diferentes. Podemos observar na articulação de trabalho, a menção a perpetuação do conhecimento recebido dos indivíduos mais velhos.

A educação da unilateralidade, fabril e classista propicia a manutenção das desigualdades sociais e de formação dos sujeitos, sendo que “enquanto a educação atender apenas o mercado, a produção e o consumo, os sujeitos serão submissos ao capitalismo, alienados diante do opressor, vítimas das desigualdades sociais, culturais e materiais” (Gonçalvez, 2017, p. 17).

A omnilateralidade considera que todas pessoas são constituídas de diferentes dimensões, as quais devem ser desenvolvidas de forma articulada, superando a visão unilateral, mecanicista, possibilitando a construção de um sujeito pleno de conhecimentos alienatórios.

Em termos de capitalismo e socialismo, para buscar conhecer os dois lados, podem trazer prazer na vida ou ser relevantes para alguns povos. Os ameríndios trazem consigo um lado socialista sem mesmo ter conhecimento do significado, mas eles defendem o interesse coletivo de seus povos. “Frente a isso, é preciso entender que a função social da educação para Marx seria garantir ações para eliminar e extinguir os meios e instrumentos usados na sociedade para alimentar o processo de alienação e a desumanização do próprio homem” (Gonçalves, 2017, P. 20). Assim, nesse aspecto da produção/formação, numa nova abordagem dentro desse ambiente fabril/trabalhista e numa reorganizada sociedade, consideremos o pensamento de Santos Ribeiro, Sobral e Jataí (2016, p. 5)

A produção deve estar voltada à universalização, buscando eliminar o refinamento da especialização, caracterizando a chegada do ser social à omnilateralidade, representada pela multiplicidade de habilidades e atividades, bem como o aumento do tempo livre para o gozo de bens espirituais e materiais, conforme nos coloca Manacorda (2010).

A educação na escola, hoje, envolve uma série de fatores e elementos que contribuem para aprofundar a dicotomia a qual nos referimos. Podemos dizer que, basicamente, prepara o sujeito para ingressar no mercado do trabalho através de um currículo que propõe a aquisição de conhecimentos técnicos e que não favorecem a formação integral do ser homem, político e conectado com a sua realidade para que a sua participação seja consciente e ativa enquanto sujeito, responsável por suas próprias ações.

Baseado nessa ideia a formação estaria a cargo de uma classe dominante, que preconizava uma sociedade dividida em formação especializada e formação técnica, respectivamente, aqueles que serviriam e aqueles que se beneficiariam, considerando suas realidades sociais diferenciadas, mantendo assim, uma classe estática e trabalhadora, bem como, inferiorizada técnica, cultural e cientificamente à outra.

Essa ideia se distancia dos conceitos indígenas que busca alcançar as técnicas dominantes cosmológicas que envolve uma ciência diferenciada, em um contexto de conhecer os limites e força, onde devemos buscar e respeitar esse mundo, a realidade social está na divisão dos afazeres em grupo, as técnicas manusear e polir um arco, flecha, na produção de um paneiro, a perfeição das parteira na hora de realizar um parto, até mesmo corte umbilical da criação, com de uma pedaço de palha.

Outra observância em torno da omnilateralidade, Santos (2013, p. 40) cita Gadotti que relaciona o desenvolvimento das capacidades e potencialidades humanas para além de sua natureza biológica, sendo esta também produto do meio social, assim sendo, Gadotti (1995) compreende a omnilateralidade não apenas como o desenvolvimento das potencialidades humanas inatas, mas sim a criação dessas potencialidades pelo próprio homem no trabalho. Esse conceito implica na emancipação do homem através do trabalho.

A partir dessas definições em torno da omnilateralidade Ramos (2007, p. 3) citada por Santos (2013, p 40), pontua que:

A integração, no primeiro sentido, possibilita formação omnilateral dos sujeitos, pois implica a integração das dimensões fundamentais da vida que estruturam a prática social. Essas dimensões são o trabalho, a ciência e a cultura. O trabalho compreendido como realização humana inerente ao ser (sentido ontológico) e como prática econômica (sentido histórico associado ao respectivo modo de produção); a ciência compreendida como os conhecimentos produzidos pela humanidade que possibilita o contraditório avanço produtivo; e a cultura, que corresponde aos valores éticos e estéticos que orientam as normas de conduta de uma sociedade.

Nesse mesmo sentido, Gonçalves (2017, p. 16) afirma que

a formação omnilateral é uma perspectiva de plenitude, da formação de um sujeito capaz de colocar-se no mundo de forma crítica, assumindo seu papel de sujeito de direito, que participe da construção de um mundo mais humano, com mais equilíbrio de oportunidades entre todos.

A formação omnilateral reelabora a base social classista. As aptidões dos sujeitos passam a ser exploradas sem restrições, o acesso à informação e formação é universalizado e integrado tornando os sujeitos conscientes de suas realidades e, paulatinamente, descaracteriza a máxima da pessoa explorando a pessoa.

Então o ensino é o mecanismo no enfrentamento ao “crime de exclusão e desigualdade”? Já que a escola pode nos ensinar a escrever, ler, sermos críticos, com

comportamento social adequado, mas será que saber é só quem sabe ler e escrever? O saber também está no conhecimento adquirido em cada momento da vida através de cada trabalho. Nós, indígenas, para nos manter temos que ter conhecimento da construção da fauna e flora.

2.3 A lei 11.645/2008 e a educação profissional e tecnológica

A Lei 11.645/2008 que trata da obrigatoriedade do estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, é um importante instrumento para aproximar a EPT da ciência e dos conhecimentos indígenas. Quando comparados à sociedade dos “brancos”, os povos indígenas apresentam características comuns. No entanto, quando vistos de perto, nota-se além das semelhanças, muitas diferenças. É por isso que atender essa lei representa um avanço para se conhecer as diferenças, respeitá-las e aprender com elas.

Estudantes e docentes da EPT precisam saber que no Brasil há mais de 300 povos indígenas, mais de 270 línguas, que cada povo possui sua organização social, sua história, seus rituais, sua cosmologia, sua alimentação, sua forma de produzir e se sustentar. É fundamental conhecer que a Constituição Federal de 1988 garante direitos aos povos indígenas:

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

§ 1º São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

§ 2º As terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se a sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes. (Brasil, 1988).

Embora esses direitos estejam presentes na nossa lei maior, sabemos que ainda hoje muitos povos não tem suas terras demarcadas e acesso integral à saúde e à educação. Além disso, na situação de pressão em que vivem no Brasil, as comunidades indígenas são obrigadas a aprender e a usar a língua portuguesa e a deixam entrar mais e mais em suas áreas ou em suas casas, através de funcionários do governo (de todos os níveis), através de documentos, jornais e revistas, através da escola, do rádio e da televisão. Nesse ponto, as comunidades claramente têm que decidir se querem ou não continuar falando sua língua, a língua que receberam como uma herança preciosa, dos seus antepassados.

Por todos os lados os povos indígenas são aproximados dos brancos e de sua cultura ocidentalizada e globalizada. Desse modo, manter a ancestralidade, o modo de ser e estar no mundo, a relação com a natureza, bem como a língua nativa, se torna, cada vez mais, um grande desafio. Especialmente em relação às línguas indígenas, recai um grande fardo, porque a língua oficial do Brasil é o português brasileiro.

A humanidade construiu suas relações com tudo ao seu redor por meio da língua e “quando se fala em perda lingüística, inevitavelmente, fala-se também em perda de uma parte substancial por meio do qual se veiculam pensamentos, crenças, visão de mundo, conhecimento, tradições e cosmovisão de um povo” (Ferreira, s.d, p. 3).

No contato entre duas línguas, uma língua irá se sobrepor à outra em alguma medida, e neste caso as línguas indígenas parecem estar perdendo espaço na sociedade moderna. Assim, me pergunto se daqui a cem anos restará indígenas falantes de suas línguas originárias. A pesquisa de Ferreira (s.d, p. 6) em relação à língua indígena Apurinã pontua que:

A fragilização da língua Apurinã passa por um processo gradual, causado por um conjunto de fatores que se pode prever, ou seja, ao invés de uma morte imediata da língua. A assimilação de sua língua e cultura pela sociedade envolvente infelizmente se faz de forma involuntária e violenta, ter ou não ter contato com a sociedade envolvente, falar ou não falar o português é um comportamento que não depende mais dos Apurinã, uma vez que o contato com a sociedade envolvente é importante para a própria existência do povo Apurinã.

Nesta interrelação entre a língua Apurinã (da família Maipure-Aruak) e o português, a língua originária está num processo inconsciente de assimilação e que se tornou parte da realidade indígena. A proximidade constante e de longo tempo com a cultura ocidental, tão atraente, mais fácil, rápida e tecnológica, foi gradualmente se tornando parte das experiências das novas gerações, por isso essa perda linguística se fortaleceu. Assim, a revitalização dessa cultura e dessa língua, assim como de outras culturas e línguas, se faz necessária.

E, considerando o trabalho da pesquisadora Ferreira (s.d), poderíamos realocar essa proposta também às escolas não indígenas. Assim, em certa medida, que o ensino convencional se proponha a articular e incorporar a língua indígena no currículo, e que professores indígenas e aqueles com formações específicas sejam agregados em determinadas escolas rurais e urbanas.

Os Apurinã e outras etnias vêm buscado cada vez mais uma educação escolar indígena de qualidade, se formos pensar em um passado de uns vinte anos atrás, muitas coisas mudaram, a educação era péssima se comparada a de hoje, poucas escolas existiam nas comunidades, professor na comunidade “inventava aula” e o aluno fazia de conta que ia para a escola. Essas barreiras de falta de professor eram terríveis para o aprendizado, isso que

chamamos de educação escolar sem rumo.

São muito importantes e necessárias definições sobre o que seja a Educação Indígena, Indígena, Educação Escolar Indígena e o ensino da temática indígena, pois infelizmente, com frequência presenciamos que existem muitas confusões não somente nas falas de pessoas que estão à frente de órgãos públicos na área de educação, como também em documentos administrativos estatais, atribuições equivocadas no que se refere aos significados dos referidos termos. Tais equívocos e confusões resultam, sobretudo, do desconhecimento, desinformações, pré-conceitos, equívocos e generalizações que comumente ocorrem sobre a temática indígena (Silva, 2014, p. 23).

Em relação a uma educação de qualidade que compreenda e se articule às necessidades dos povos originários é necessário, além da inclusão da cultura e língua indígena no currículo, um profissional competente para articular os saberes. Isso seria o ideal de formação multicultural. Ao mesmo tempo que são caminhos a serem pensados nessas tentativas de revitalização das línguas indígenas. Aliás, “no Brasil, o processo de políticas de educação e língua minoritárias, como as línguas indígenas é um processo recente, logo não se têm tantos exemplos de experiências nesse sentido que deram inteiramente certo, na tentativa de revitalização de uma língua minoritária” (Ferreira, s.d, p.7).

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas para sua implementação a Educação Escolar Indígena baseada na educação intercultural, diferenciada e bilíngue vem sendo pautada desde a Constituição Federal de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei 9394/96. A temática indígena na escola não-indígena, por outro lado, se constituiu muito recentemente. Somente em 2008 a promulgação da Lei 11645 tornou obrigatório o ensino da história e cultura indígena na educação escolar não indígena.

A Lei 11.645, promulgada em março/2008, que determinou a inclusão nos currículos escolares da Educação Básica pública e privada o ensino da História e Culturas Afro-brasileiros e Indígenas, faz parte de um conjunto de mudanças provocadas pelas mobilizações da chamada sociedade civil, os movimentos sociais. [...] portanto, em diversos cenários políticos, os movimentos sociais com diferentes atores conquistaram e ocuparam seus espaços, reivindicando o conhecimento e o respeito às sociodiversidades. (Silva, 2014, p.22).

No entanto, a implantação da lei ainda sofre muitas dificuldades práticas, por preconceitos e informações. Digo isso com respaldo porque trabalhei em escolas estaduais, no estado de Rondônia. E lá percebi a falta de conhecimento de alguns professores sobre a cultura dos indígenas. Eles ignoravam totalmente os saberes desses povos que trazem com eles uma gama de conhecimento. Algumas vezes busquei informações nas secretarias, na orientação, supervisão e direção das escolas que eu lecionava. Eu perguntava se os gestores tinham conhecimento de quantos indígenas estudam em suas escolas e a resposta sempre era

negativa. Muitas vezes me falavam “pode até ter indígenas nessa escola, mas eles não querem ser reconhecidos como indígena”. Essas escolas também não possuíam atividades voltadas à cultura dos povos indígenas. Alguns professores se encontravam com a mente fechada, falavam de modo pré-histórico sobre povos originários, como se fossem seres do passado. Desse modo, reforçam os equívocos apontados por Bessa Freire (2002) que os brancos reproduzem sobre os povos indígenas do Brasil.

Fiquei desnorteado com tamanha ignorância de alguns colegas de trabalho. Eu, como falei, sempre me apresentei nas escolas como indígena, e buscava ajudar outros alunos a encontrar seu espaço na sala de aula e na sociedade. Dentro da sala eu perguntava se tinha algum indígena na sala, alguns me respondiam que sim, outros me respondiam fora da sala de aula. Eu perguntava por que que você não me respondeu dentro da sala. Eles me responderam que era por motivo de alguns colegas fazerem *bullying*. Então preparei algumas aulas multidisciplinares voltadas para todos os grupos étnicos. Pude perceber o quanto é importante trazer esses conhecimentos para sala de aula, fazer com que os alunos, que não têm esse conhecimento dos povos tradicionais e originários, busquem mais por diversidade cultural e construam um novo pensamento para o futuro de nosso país, com menos preconceito.

Nas reflexões sobre o currículo escolar que tragam de fato para a prática docente as diretrizes da Lei 11.645/2008, é primordial pensar na Educação Profissional e Tecnológica como terreno propício para isso, já que a EPT tem por um de seus pilares mais importantes a direção omnilateral dos temas a serem trazidos para a sala de aula, por meio de uma educação integrada e humanizadora.

Nesse cenário é imperativo uma abordagem que possibilite essa sociodiversidade nos ambientes educacionais. E, mais que isso, é necessário repensar a história da formação do povo brasileiro “a concepção a respeito ‘da mestiçagem’, **do lugar dos índios**, negros e outras minorias que formam a maioria da chamada população brasileira” (Edson, 2014, p. 23 – grifo nosso). A formação do profissional de educação ganha destaques nesse contexto.

3. METODOLOGIA

O estudo foi realizado no município de Lábrea - AM, junto aos indígenas Apurinã residentes em contexto urbano. A cidade pode ser acessada tanto por estrada como por meio de transporte fluvial, pelo Rio Purus. Historicamente, os Apurinã ocuparam as margens do médio Rio Purus e seus afluentes, abrangendo áreas desde o Sepatini até o Iaco, incluindo

também os rios Acre e Ituxi (Link, 2021). Atualmente os Apurinã são um povo tradicionalmente migrante, seu território se estende ao baixo rio Purus, até Rondônia. Estimar o número certo de indivíduos pertencentes ao povo Apurinã é desafiador, uma vez que muitos estão espalhados (Schiell, 2005).

Essa é uma pesquisa de abordagem qualitativa com estudos bibliográficos e documentais. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis indígenas, sendo três do sexo masculino e três do sexo feminino, moradores da área urbana de Lábrea, oriundos da Terras Indígena Caititu. Os participantes aceitaram dar entrevista de forma voluntária e responderam a 17 questões abertas com a possibilidade de falarem o que mais desejassem. Antes das entrevistas foram realizadas pequenas reuniões individuais em suas residências, nas quais foi apresentado o objetivo da pesquisa.

Concomitantemente escrevi uma autobiografia de minhas vivências e memórias pessoais utilizando para isso um caderno de campo.

Além da revisão sistemática de literatura, especialmente de autores indígenas, realizei pesquisas documentais junto a Prefeitura Municipal de Lábrea-AM, Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) Médio rio Purus, Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI).

Através desta pesquisa foi possível produzir um livro com as narrativas da história e da sociocosmologia do povo Apurinã. O encarte educacional do livro também traz sugestões de como utilizar esses conhecimentos na Educação Profissional e Tecnológica e na educação de forma mais ampla.

O contato com os participantes da pesquisa ocorreu de forma tranquila e direta pois fazem parte do meu povo já que pertencço à etnia Apurinã. Como parte do povo Apurinã, conheço os indígenas entrevistados, pois residem no Município de Lábrea-AM. O contato com a fala de cada um dos envolvidos foi primordial para o bom andamento no desenvolvimento do trabalho. Também esclareci aos convidados que, caso eles desejem receberiam uma cópia da dissertação final, incluindo o produto educacional, para conferirem se está de acordo com seus depoimentos.

Seus depoimentos foram utilizados somente para atender os objetivos dessa pesquisa, ou seja, registrar a história, a cosmologia e a organização social do povo Apurinã de Lábrea e como os Apurinã residentes na cidade se relacionam com este universo, e produzir um material didático (público e gratuito) para a Educação Profissional e Tecnológica com objetivo de reduzir o preconceito em relação aos povos indígenas.

Esta pesquisa foi realizada no contexto do mestrado Profissional em Educação

Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Essa foi uma pesquisa participativa e colaborativa até porque “a pesquisa colaborativa e a alteridade caminham juntas” (Apurinã F. 2017, p. 501)”. Aliás, “a alteridade implica colocar-se no lugar ou na pele desse ‘outro’, alternando a perspectiva própria com a alheia. Dessa forma, o trabalho de campo nunca termina – sempre continuará através de diálogos presenciais ou pelas novas tecnologias” (Apurinã 2017, p. 501).

Outrossim, conforme, Apurinã, F. (2017, p. 500) sobre o fazer do pesquisador no ambiente da pesquisa é de extrema relevância que se saiba “ali as pessoas no seu espaço temporal possuem uma ‘forma simbólica de viver’ e de se ‘relacionar socialmente’, que inclusive, é merecedor de respeito para não caracterizar que o nativo tenha obrigação de responder todas as perguntas que lhe são direcionadas”.

Além do mais, Apurinã, F. (2017, p. 500) parafraseando Seeger (1980), descortina o fato de que “toda pesquisa de campo é, até certo ponto, uma violação da sociedade que é estudada, às vezes, têm de fazer perguntas difíceis e desagradáveis, mas cabe o interlocutor escolher entre responder ou não”. Então, essa é mais uma problemática que circunscreve esse tipo de pesquisa.

Nesse sentido, o modo operacional dessa pesquisa foi pautado nos caminhos supracitados, que o pesquisador Apurinã delineia como recursos metodológicos afins (de um casual diário de campo a aparatos tecnológicos) de uma forma alternativa de adentrar na comunidade e relacionar-se com o meu povo, e de igual modo com os indígenas e contexto urbano sempre respeitando o lugar de fala e individualidades, bem como aceitação em relação a participar como colaborador do trabalho.

Após o término do trabalho, ele foi apresentado aos participantes da pesquisa que também tiveram acesso a uma cópia impressa da dissertação e do produto educacional.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 História de vida dos entrevistados

Com base nos relatos gerados nas entrevistas podemos apresentar a história de vida dos participantes. Os seis entrevistados atualmente residem em Lábrea, mas não deixaram de frequentar a aldeia, alternando entre a vida na cidade e na comunidade tradicional. A faixa etária dos participantes varia entre 62 e 76 anos, sendo que maioria deles relata não ter tido

acesso a oportunidades de estudo, enfatizando que suas prioridades foram voltadas ao trabalho ao longo da vida. Essa ausência de formação geral, que foi expressamente, relatado gerou um sentimento de exclusão social.

Fui um pouco excluído pela sociedade. Por que viemos de uma comunidade onde ninguém sabia ler nem escrever, difícil de conseguir um trabalho que pudesse gerar renda e trazer alimentos para minha família, precisei me adaptar na cidade e ser melhor aceito pelos brancos. (Francisco Marques, 62 anos).

Em parte, não fui excluído exclusivamente, mas a gente não teve um êxito direto, mas na continuação a gente foi bem recebido, o fato da gente não ter sido bem recebido de início foi por falta de conhecimento do trabalho da gente, mas desde que começaram ver o meu trabalho, um trabalho com minha família nós fomos aceitos Graças a Deus. Inclusive quando eu cheguei aqui eu também não tinha nada, mas graças a Deus que eu consegui o segundo grau, não toquei o resto para frente, porque a gente como o pai de família para arranjar um empreguinho básico já estava bom, tenho meu segundo grau completo. Agora sou bem aceito, meus filhos são bem aceitos graças a Deus. (José Inácio, 68 anos).

Excluído totalmente não, mas discriminado sim. O homem branco vê o Apurinã como incapaz de produzir, que esse pensamento só veio melhorar depois (João Batista da Silva, 76 anos).

Podemos observar os relatos de vida descritos pelos próprios entrevistados a partir de quando vieram pra cidade e notar a semelhança das histórias, o não acesso a escolas, a sensação de não ser bem aceito, bem como muitos não tiveram estudos em relação a própria cultura.

Morei muitos anos em comunidade ribeirinha, ajudando a realizar muitos partos nas comunidades, fazendo crochê, vassoura, abano, peneira (Angelita, 64 anos).

Nasci em comunidade ribeirinha, sempre realizando atividade extrativista com meu pai desde os oito anos, tanto em lavoura, castanhais, seringais, sempre tive difícil acesso a cidade, sempre trabalhei de modo escravo pelos patrões, tudo era negociados da forma deles sem direito reclamar, porque estava trabalhando nas terras informadas como deles, mesmo após construir uma outra família continuei sofrendo com esposa e filhos, sempre sem direito a “nada”. Após muitos anos já passados consegui arrumar um trabalho junto a equipe da FUNAI, na área de proteção dos povos indígenas. Trabalhando com respeito e dignidade, gosto do trabalho que faço, sempre fazendo o melhor (Francisco Marques, 62 anos).

Cacique de uma comunidade próximo a cidade, comunidade conhecida pelo nome de Nova Esperança Dois. O pai era baiano, a mãe indígena se juntou e devido a muitas confusões foram embora. Com nove meses de nascido, fui embora para o estado do Acre e com mais ou menos 5 anos de idade, fomos para terra tradicional de meus tios que é lá no aflente do Sapatini. Convivi lá no meio dos parentes, até ficar adolescente, quando jovem trabalhei como seringueiro, trabalhar como empregado de gerenciar, vendendo produto do patrão e recebendo produto e entregando. Saímos do Paterene, eu já com mais de 20 anos, vim morar no Purus, no seringal denominado com o nome de Bananal do Iutari, já com outro patrão comecei aprender a ler e escrever. Nessa comunidade me casei com uma filha de um homem branco, minha esposa não é indígena. Em 1979 houve um projeto do governo federal, fui convocado para fazer um treinamento de Agente de Saúde, fiz o curso de agente rural, depois o curso de professor rural, fiquei trabalhando na comunidade, depois vim embora para cidade de Lábrea. Quando cheguei aqui em Lábrea, passei um tempo trabalhando, tomei conhecimento que o indígena tinha terra, que podia

trabalhar. Fiquei sabendo que tinha uma vaga de professor indígena, conversei com meu tio irmão da mamãe, que morava nessas Terras Indígenas Caititu aqui em Lábrea. Ele me explicou que essas terras foram demarcadas pela FUNAI, foi quando passei a ter conhecimento do que era terra demarcada dos indígenas e dos nossos direitos. Porque da onde eu vim nós era subordinado ao patrão, era obrigado a pagar renda de tudo que era produzido, quando chego aqui fico cismado com seringais dessas terras, em falarem que essas terras era dos indígenas, foi a ir que me dediquei a trabalhar na terras do Caititu (João Batista da Silva, 76 anos).

Como já destacado, as histórias de vida dos participantes, que são reais e impactantes, revelam um padrão comum de deslocamento das comunidades indígenas para as cidades, em um contexto Amazônico de exploração e invasão dos seringais aos territórios ancestrais indígenas. Movimento este motivado pela busca de melhores condições de vida, mas frequentemente é impulsionado por fatores adversos, como trabalhos não remunerados, exclusão social e a ausência de garantias para uma vida digna. Os relatos evidenciam as dificuldades enfrentadas pelos indígenas ao deixarem suas terras e tradições em busca de oportunidades nas áreas urbanas, refletindo em um contexto de marginalização, onde muitos se veem a abandonar suas raízes e modos de vida. Essa transição traz à tona questões cruciais sobre a identidade cultural, como relatos propriamente ditos.

Relatos de Angelita e Francisco exemplificam vidas dedicadas ao trabalho em suas comunidades, enfrentando as dificuldades impostas, muitas vezes sem direitos ou compensações adequadas. João Batista da Silva, cacique de uma comunidade, concluiu sua jornada de aprendizado e conscientização sobre os direitos indígenas e seu papel na preservação de terras demarcadas. Essas histórias refletem um padrão comum de luta, adaptação e busca por melhores condições de vida entre povos indígenas.

Embora a busca pelo deslocamento para a cidade seja motivada pela esperança de uma vida melhor, nem sempre essa transição resulta em sucesso, como expressou um dos entrevistados.

Tenho casa na cidade, mas pelo fato da gente não ter como se manter na cidade, porque nós vivemos mais da plantação, por exemplo da mandioca do abacaxi banana essas coisas assim, já na cidade nós não temos como plantar, já comunidade tem bastante espaço para plantar, a minha casa na cidade deixei para meus filhos que já tem grau de escolaridade e trabalha na cidade, a gente continua na aldeia porque lá é mais saudável, mas ventilado, para gente aqui é muito quente, aqui tem que ser no ar condicionado gasta mais dinheiro. (José Inácio, 68 anos).

E, muitas vezes, essas permanências na cidade são transitórias entre a comunidade e a cidade. Para nós indígenas fica bem mais agradável esses momentos de convívio próximo a natureza, poder ver de onde nós viemos e acreditar que a floresta traz um conforto bem mais agradável de bem estar com a floresta, ventos, rios, os animais que ali estão com toda sua biodiversidade.

4.2 As culturas indígenas

Podemos denominar cultura como o conjunto de símbolos compartilhados pelos integrantes de determinado grupo social e que lhes permite atribuir sentido ao mundo em que vivem e às suas ações (Tassinari, 1995). Dado a isso, direcionamos perguntas relacionadas à cultura, segundo os entrevistados, a cultura indígena é considerada importante e deve ser fortalecida entre o povo e transmitida às futuras gerações. Abaixo destacamos algumas respostas quando foram perguntados sobre: Em relação às culturas indígenas, você considera importante o estudo desse tema, para nós indígenas? Por quê?

Eu acredito que seja importante, porque é um desenvolvimento para a questão do aprendizado do aluno e da comunidade (José Inácio, 68 anos).

Para que fique registrado para nossos filhos e netos, futuras gerações (Angelita Feliciano, 64 anos).

Sim, porque a gente vai poder ficar sabendo se nós indígenas estamos se afastado da cultura, será uma fonte de conhecimento para nós e vai ajudar os professores levar esses conhecimentos para sala de aula (Francisco Marques, 62 anos).

Dentre os aspectos culturais que conhecem, os entrevistados destacam: Dança, língua, crença, pintura e adorno (cocar, brincos, colares e pulseiras).

A dança xingané que faziam filas, as mulheres de um lado e os homens do outro, parecido com as festas juninas que existem (Maria Elza, 69 anos e Maria Batista Apurinã, 56 anos).

As pinturas, com a utilização tinta da árvore do jenipapo para fazer as pinturas corporais (Francisco Marques, 62 anos).

No entanto, sobre as práticas de pintura corporal do povo Apurinã, a maioria dos entrevistados afirmou conhecer as práticas culturais apenas de ouvir falar, sem vivenciá-las diretamente. Apenas dois deles disseram que ainda praticam a pintura corporal com jenipapo e urucum, desenhando, por exemplo, cobras.

Com base nas informações coletadas, podemos observar como a cultura Apurinã está se transformando gradualmente ao longo dos anos. Essa transformação parece ser maior entre os indígenas que vivem na cidade.

Sobre a elevada transformação que os indígenas que vivem na cidade passam, os entrevistados observaram que:

Não conheço nem um pajé Apurinã, as pinturas corporais pouco se veem, poucas pessoas falam a língua Apurinã. Eu mesmo sou uma dessas pessoas que não fala nossa língua (Francisco Marques, 62 anos).

Muitos anos já se passaram, muitas atividades realizadas pelo meu povo sumiu, é muito difícil recuperar tudo, então estamos buscando manter o que ainda temos de conhecimento, estamos numa fase de desenvolvimento, revitalizando e

fortalecimento a língua indígena Apurinã foi ignorada pelos brancos, fomos obrigados a parar de usar a língua materna que faz parte de nossa cultura, mas o tempo se passou, agora tem vários movimentos, lutas em restaurar a língua materna do Apurinã, hoje em dia já temos todo o alfabeto na língua do Apurinã (José Inácio, 68 anos).

Ainda falando sobre a cultura, podemos destacar o conhecimento do povo indígena Apurinã sobre o uso de plantas medicinais como um aspecto essencial de sua cultura, herdado e praticado ao longo das gerações. Ao serem questionados sobre esse tema, os entrevistados mencionaram plantas como: amora, algodão, boldo, abacate, corama, agrião, mastruz, jatobá, copaíba, andiroba, alfavaca. Afirmando que essas plantas são utilizadas como calmantes, anti-inflamatórias e no tratamento de diversas doenças. Podemos notar que o conhecimento sobre essas plantas é uma prática ancestral, ainda preservada por muitos membros das comunidades.

Outro aspecto cultural é o uso do rapé, conhecido como uma medicina sagrada. Quando questionados sobre o conhecimento do rapé, muitos comentaram que seu uso era exclusivo do pajé em rituais de cura.

Dentro do meu conhecimento e segundo a história de meu pai, o que eu sei sobre o rapé é só para o uso do pajé, depois que a gente se envolveu já da sociedade branca, a gente viu uma técnica, o novo rapé feito do tabaco, usado simplesmente para a gente inspirar, eu não sei bem qual utilidade definitiva de novo rapé, depois que a gente passou a conhecer o uso do rapé por todo mundo, que feito do tabaco, mas tinha um próprio feito de uma folha que não me lembro agora, que era de uso exclusivo do pajé, inclusive tem até o nome na língua indígena é chamado de Aurire que nome da erva utilizada para fazer o rapé original de uso do pajé (José Inácio, 68 anos).

O rapé faz parte de nossa cultura, eu produzo ele mensalmente. Planto a semente do tabaco colhe ele com tempo, entro na floresta colho a casca da árvore do pupuí queimo ele e tiro a cinza e misturo dos produtos. Depois pode ser cheirado. Eu o utilizo sempre quando vou pescar, caçar, para dar mais sorte e ter mais resistência contra algumas doenças (Francisco Marques, 62 anos).

Mesmo reproduzindo na cidade vários dos modos de ser Apurinã, as falas abaixo demonstram que os entrevistados acreditam estar se afastando da forma ancestral de viver:

Nós estamos perdendo, abandonando a nossa cultura, hoje o índio Apurinã só é o sangue, só é o sangue porque nós já usamos óculos, anel no dedo, aliança, relógio de pulso é dentadura suposta, prótese, chinelo sapato de bico fino, brinco de ouro, isso não é cultura de indígena, então a gente tá perdendo a nossa cultura querendo ser índio na cidade, mas o quanto que a gente teria que estar na aldeia, é por isso que eu acho melhor está lá, podemos comer um moqueado feito na lenha ou carvão. A língua indígena Apurinã foi ignorada pelos brancos, fomos obrigados a parar de usar a língua materna que faz parte de nossa cultura, mas o tempo se passou, agora tem vários movimentos, lutas em restaurar a língua materna do Apurinã, hoje em dia já temos todo o alfabeto na língua do Apurinã (José Inácio, 68 anos).

Em parte, muitos anos já se passaram, muitas atividades realizadas pelo meu povo sumiram, é muito difícil recuperar tudo, então estamos buscando manter o que ainda temos de conhecimento, estamos numa fase de desenvolvimento, revitalizando e fortalecimento (João Batista da Silva, 76 anos).

Através dessas reflexões, fica evidente que a valorização dos modos de vida e da cosmologia é um desafio a ser enfrentado com esforço coletivo e comprometimento da comunidade. Aqui também deixo destacado e resalto a importância expressa por um dos entrevistados sobre a necessidade de preservar a cultura do povo:

Comecei a me envolver com movimento indígenas, tendo outros parentes, comecei perceber que era perda cultural deixar de falar na língua, deixar de dançar entre outros, é prejuízo para nós, se somos um povo temos que ter cultura. Então eu me dediquei e montamos um programa, Eu Sou Bilíngue. Esse programa sou bilíngue foi feito para incentivar e ensinar os indígenas que se interessasse falar a língua aqui na cidade, o pouco que eu aprendi fui aos poucos aprimorando fazendo mais estudo, hoje sou professor bilíngue indígena na cidade de Lábrea (João Batista da Silva, 76 anos).

4.3 O Kusanaty Apurinã

O Kusanaty é a figura central para as comunidades indígenas, desempenhando um papel de protetor. Ele não apenas atua como curandeiro, utilizando plantas e rituais para tratar doenças, mas também é um guardião das tradições, mitos e conhecimentos ancestrais. Francisco Apurinã (2016) descreve os pajés como os detentores de poderes capazes de cegar, mutilar ou até matar pessoas apenas com seu olhar.

Ao perguntarmos sobre a figura do pajé e de sua existência no meio dos Apurinã, há uma ambiguidade, pois em entrevistas realizadas, muitos informantes afirmaram não ter a certeza da continuidade dessa figura atualmente. Um dos entrevistados destaca:

Segundo as falas ainda existe, mas o que meu pai contava não existe mais pajé no povo Apurinã e eu nunca mais vi um [...] em outros tempos o pajé usava só o rapé uarí. (José Inácio, 68 anos).

Apesar de haver a incerteza sobre o conhecimento a respeito do pajé, há um consenso sobre sua relevância espiritual e cultural, além de enfatizar sua importância na comunidade.

Eu não tenho conhecimento, assim, ao vivo, mas eu tenho por informação de histórias que meu pai contava, quanto à espiritualidade que o Pajé trabalhava, né? Aí hoje eu não tenho nenhum conhecimento mais de que tenha um Pajé Apurinã, porque meu pai contava muita história de Pajé Apurinã e muita história de tudo. Inclusive, era meu avô, o Pajé (José Inácio, 68 anos).

Entretanto, como os próprios Apurinã relatam, o papel do Kusanaty tem se tornado menos central nas comunidades, principalmente devido à crescente influência das religiões cristãs e à inserção dos Apurinã na sociedade nacional. “Não conheço nenhum pajé Apurinã” e “eu nunca mais vi um”, afirmaram alguns dos entrevistados. Esse enfraquecimento das tradições xamânicas é um fenômeno comum em várias sociedades indígenas da Amazônia, conforme Heckenberger (2004), que argumenta que a perda de práticas espirituais tradicionais é um dos sinais mais visíveis da assimilação cultural em contextos de colonização e

modernidade.

Apesar disso, ainda existem esforços para preservar essas práticas espirituais. Alguns membros mais velhos da comunidade se esforçam para manter viva a tradição do pajé, transmitindo o conhecimento de plantas medicinais e rituais para os mais jovens.

Dando seguimento à análise da figura do pajé, é importante destacar o processo de assunção dessa responsabilidade. Para se tornar um pajé, o aprendiz deve passar por uma série de processos que envolvem o aprendizado intenso e a conexão profunda com a natureza e os elementos espirituais. Para a transformação do novo pajé, requer todo um ritual. Segundo F. Aripuanã (2016) a indicação de pajé fica sob a responsabilidade de um pajé “forte”, quando o escolhido ainda é criança, pois a pessoa já nasce com o dom de se tornar pajé (ela nasce com um sinal em seu corpo que somente um pajé poderoso consegue enxergar).

Esse processo de transformação é essencial para garantir que os saberes ancestrais sejam preservados e transmitidos às próximas gerações, mantendo viva a cultura e a identidade do povo. Devido ao processo ser bastante árduo e pelo acesso a outras práticas ao mundo exterior, atualmente dificilmente encontra-se alguém disposto a se tornar um pajé (Apurinã F, 2016).

Nesse sentido um dos entrevistados menciona a história que seu pai contava a respeito do pajé:

Ele tem uma espiritualidade, a espiritualidade ele consegue com a natureza, na que época que ele está conseguindo passar por uma transformação, ele passa por um processo de estudo também, mas com a natureza, de preferência tem que ser solteiro, não pode ter namorada, relacionamento e vai ter só o professor dele, outro Pajé, aí ele vai ter um lugar reservado no mato. Quem faz todo esse processo é o professor dele, o Pajé velho, o anterior. Quando ele está se preparando é assim, três meses ele não fica mais em casa, ele fica mais lá floreta (José Inácio, 68 anos).

Em seu relato, os membros da comunidade mencionaram que o Kusanaty tinha a função de cura e, para isso, precisava se preparar na floresta com seu mestre espiritual. Esse treinamento envolvia um profundo relacionamento com as plantas medicinais e com os espíritos da floresta, os quais conferiam ao pajé o poder de cura. Langdon (1996), em seus estudos sobre o xamanismo na Amazônia, descreve o pajé como uma figura mediadora entre o mundo físico e o espiritual, sendo capaz de atravessar dimensões para buscar conhecimento e auxílio dos espíritos.

Muitas vezes, o Kusanaty realiza longos períodos de preparação na floresta, onde entra em contato com plantas medicinais e com os espíritos que o guiam. Segundo Viveiros de Castro (2014), o xamanismo amazônico pode ser definido como a habilidade de certos indivíduos de cruzar deliberadamente as barreiras corporais e adotar a perspectiva de

subjetividades de outras espécies. Para os Apurinã, o *Kusanaty* é compreendido como um ser dotado de habilidades que lhe permitem viajar pelos quatro cantos do mundo, seja em seu próprio corpo ou no de outro ser vivo, podendo ser visto ou não, tanto em vida quanto em espírito, em estado de vigília ou de sonho.

Ele detém os códigos e técnicas necessários para se comunicar e interagir com os espíritos, humanos e não-humanos. Seus poderes são considerados ilimitados, tornando-o a figura mais importante entre os Apurinã (Apurinã F, 2019). Entre os Apurinã, o *Kusanaty* funciona tanto como prática espiritual quanto como um meio de fortalecimento da comunidade

Em inúmeras narrativas indígenas, recontadas por muitos etnógrafos em seus trabalhos, os animais antigamente falavam. Contudo, devo dizer que muitos deles continuam falando – isto é, se é que posso ingu-los de animais, uma vez que eles, tanto quanto os *Kusanaty*, na verdade vivem em regime de permanente metamorfose, ora se apresentando como gente, ora como animal. Mesmo depois de sua fase vital enquanto gente, os *Kusanaty* continuam vivendo em corpo de animal, porém com os mesmos poderes de antes, e mantendo a mesma relação com sua aldeia. E quando me refiro aos “bichos da mata”, a menção é aos muitos animais que um dia foram gente e hoje conseguem atingir as pessoas com graves doenças; suas vítimas mais comuns são as crianças, por serem as mais vulneráveis. (Cândido Apurinã, 2016, p. 138).

4.4 A cosmologia Apurinã: Narrativas de origem

A cosmologia Apurinã é um mundo ainda cheio de mistério a ser desvendado. Durante as entrevistas realizadas com seis integrantes da comunidade, percebi que alguns trazem um pouco desse mundo misterioso, revelando que os Apurinã não estão contidos em um único grupo, mas são divididos em suas crenças e espiritualidade, que incluem o *Kusanaty*, o Deus Tsura e a influência do mundo dos brancos. Como observa Viveiros de Castro (2014), essa multiplicidade de crenças reflete uma cosmologia que é dinâmica e adaptativa, evidenciando a interação constante entre tradições ancestrais e influências externas. Essa diversidade interna destaca a complexidade da cosmologia apurinã.

Um dos elementos centrais da cosmologia Apurinã é a figura de Tsura, descrito como o Deus criador e o principal regente do universo espiritual. Os entrevistados mencionaram que o conhecimento sobre Tsura é transmitido principalmente pelos mais velhos, embora reconheçam que o saber sobre essa entidade tenha se tornado fragmentado ao longo do tempo. Essa percepção está em consonância com o que Viveiros de Castro (1986) observa sobre as cosmologias indígenas na Amazônia, onde a transmissão oral é fundamental, mas muitas vezes suscetível à erosão diante das pressões externas, como a influência das religiões não

indígenas.

Nesse sentido, algumas perguntas realizadas durante as entrevistas foram direcionadas para a representatividade da espiritualidade ou cosmologia para o povo Apurinã

Diante do pouco conhecimento que me resta de meu povo, sei que tinha o pajé que fazia suas espiritualidades cosmológicas entre duas passagens do ser humano com a incorporação dos seres da natureza. Apurinã crê em Tsura (Deus), em seu espírito. (Francisco Marques, 62 anos).

Tsura, na cosmologia apurinã, desempenha um papel vital como a entidade criadora do cosmos e mantenedor da ordem natural. Ele não apenas criou o mundo físico, mas também organizou o espaço espiritual, onde espíritos e forças da natureza interagem com os seres humanos. É dito que Tsura tem a habilidade de controlar tanto o ciclo da vida quanto o ciclo da morte, representando a figura de um “deus supremo” dentro da tradição Apurinã. Castro (1996) argumenta que muitas cosmologias indígenas da Amazônia concebem os deuses como intermediários entre os seres humanos e os animais, e Tsura parece desempenhar esse papel ao reger os ciclos naturais e espirituais.

Jornada de *Yakunero*, mãe de *Tsura*

Três entrevistados realçam o conhecimento sobre o Deus Tsura, porém apenas dois prolongam sua fala no conhecimento do deus dos Apurinã. João Batista da Silva narra a história do seu conhecimento recebido pelas pessoas de sua comunidade.

O espírito da mata que vive em buritizal (palmeira). Tsura é um mito cosmológico dos povos Apurinã, que nós comparamos como o que seja Deus ou Jesus Cristo, o Salvador do mundo, ele gerou assim misteriosamente. A história conta que tinha uma viúva, que tinha uma filha jovem, por nome de Yakunero, essa jovem durante a noite, era visitada por uma pessoa, só que ela não sabia quem era. Então decidiu fazer uma estratégia para descobrir quem era, ela preparou tinta e foi acariciar essa personagem à noite, quando apareceu, melou o dedo com tinta e passou na cabeça, no corpo, mas ela não percebeu nada disso. Quando foi no outro dia, ela foi procurar quem estava pintado com aquela tinta, não viu ninguém, quem ela encontrou pintado com aquela tinta foi o mexicano, que é uma ferremanta de aspirar rapé, que tem a ver com espiritualidade e divindade. A pessoa inspira o xinan que é o rapé, para ter contato com a divindade. E assim, o que estava melado de tinta era o mexicano, e o que aconteceu? Misteriosamente, neste relacionamento, a Yakunero saiu gestante. Quando perceberam que ela estava gestante, a mãe, toda decepcionada, sem saber como que ela saiu gestante, porque não tinha marido, era uma donzela. (João Batista da Silva, 76 anos).

Outro ponto interessante sobre Tsura é a sua flexibilidade interpretativa. Diferentes grupos e indivíduos apurinã podem interpretar Tsura de maneiras variadas, o que resulta numa cosmologia fluida e plural. História semelhante foi narrada por Francisco Apurinã (2016), onde, no desenrolar da história do surgimento de Tsura, Yakunero, mãe de Tsura, não engravida por ter se relacionado com o “mexicano”, mas por desobedecer às ordens de Musa,

a coruja. Essa desobediência resultou em sua gravidez e a impediu de entrar na terra sagrada. Essa variação é comum nas cosmologias indígenas, conforme Castro (1996), que desenvolve o conceito de “perspectivismo ameríndio”, no qual os deuses e espíritos podem ter várias perspectivas e formas, dependendo de quem os observa. Entre os Apurinã, essa característica se reflete na maneira como as histórias sobre Tsurá são contadas: alguns o veem como uma figura paternal e benéfica, enquanto outros associam sua imagem a forças da natureza que devem ser respeitadas e, por vezes, temidas.

Além disso, a influência de Tsurá na cosmologia apurinã pode ser vista na maneira como os eventos naturais, como enchentes, secas e epidemias, são interpretados pela comunidade. Muitos Apurinã acreditam que esses eventos estão diretamente relacionados à vontade ou aos humores de Tsurá, que pode estar respondendo ao comportamento humano. Esse tipo de cosmologia relacional, onde o mundo natural é diretamente influenciado por entidades divinas, é um tema recorrente em diversas cosmologias indígenas, como também observado em outros grupos amazônicos.

Embora o termo “omnilateralidade” não seja de uso direto e conhecido para o povo Aripuanã. Eles compreendem que não há uma separação entre humanos, animais, plantas e seres espirituais. A omnilateralidade na cosmologia apurinã é, portanto, a expressão de um modo de viver e compreender o mundo que recusa a fragmentação.

O território de Aripuanã não é visto sob a perspectiva capitalista ou consumista. Ao contrário, todos os seres que neles habitam, compartilhamos uma relação de interdependência e respeito mútuo (F. Apurinã, 2029).

Nós, Apurinã, estamos na terra desde o começo do mundo, como meu pai me contou, como meu avô contou para ele, como meu bisavô contou para meu avô [...]. Tsurá, nosso criador, deu vida aos diferentes seres que existem na natureza: aqueles que vivem na terra, aqueles que vivem na água, aqueles que vivem no ar e ainda aqueles que moram no céu, no mundo dos encantados e no mundo debaixo da terra. Desde então, aprendemos a cuidar das coisas que ele deixou desde o primeiro dia, retirando da natureza somente o necessário como ele nos ensinou; respeitando sua criação, porque até os animais falam conosco e merecem respeito. Muitos desses animais são nossos próprios parentes. Tsurá também deu para os Apurinã o conhecimento que permite saber quando eles são animais que podemos matar para comer, e quando nós devemos respeitar como nosso parente. Desde então, aprendendo a cuidar das coisas que ele deixou desde o primeiro dia, retirando da natureza somente o necessário como ele nos ensinou; respeitando sua criação, porque até os animais falam conosco e merecem respeito. Muitos desses animais são nossos próprios parentes (F. Apurinã, 2019).

Karl Marx refere-se a formação omnilateral, em que o desenvolvimento completo do ser humano abrange todas as suas dimensões. Marx não utiliza explicitamente o termo “omnilateralidade”, mas o conceito está presente em suas obras ao tratar da emancipação humana, da superação da alienação e da formação de sujeitos plenos, capazes de desenvolver

múltiplas dimensões de suas capacidades. De acordo com Souza Júnior (2010, p. 86 e 87), a formação omnilateral depende de relações não alienadas entre homem/natureza/trabalho. Ribeiro et al. (2016) ampliam essa visão ao sugerirem que um sujeito omnilateral é aquele que consegue romper os limites impostos, criando novas formas de modificar a natureza e alcançar atividades superiores.

Quando levamos para o contexto da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), essa formação omnilateral se torna ainda mais relevante, pois a EPT vai além da mera da simples profissionalização e capacitação técnica. Segundo Arroyo (2019), a desarticulação entre a formação básica e a formação profissional, resulta em um modelo de educação que fragmenta o saber e limita o desenvolvimento pleno do indivíduo. Assim, de acordo com Frigotto e Ciavatta (2012) educação omnilateral não é um processo natural dado à parte do ser humano, mas sim uma construção histórica e social que exige relações educacionais livres de alienação.

Após descobrirem que ela estava grávida, os pais e avós de Yakunero que eram anciãos da época, não queria que isto acontecesse, uma mulher sair gestante de um desconhecido ou sem saber como saiu gestante, então os parentes de Yakunero mantiveram em segredo. Apareceu um homem da família dos macacos paracu cabeludo, ficou desconfiado que aquela moça estava gestante, mas não tinha certeza. Em um determinado momento, ele pediu para que ela o catasse, tirasse o piolho da cabeça dele, ela não podia dizer não, tinha que fazer, era ordem. A mãe de Yakunero levou ela com cuidado e conduziram um pouco de carvão para enganar o paracu. Ele muito tranquilo, quando chegou um determinado momento acabou o carvão, e Yakunero não teve outra alternativa senão estalar o próprio piolho. A mulher gestante já é cheia de problemas, e já estava forçada a estar ali. Quando ela estalou no dente, ela vomitou, ele pulou fora e descobriu que ela estava gestante, não teve outro jeito ele acionou os outros do grupo. Todos concordaram para não matar ela, alguns falaram que tinha que matar, então a partiram e tiraram a placenta que jogaram no mato. Só que a placenta com o cordão umbilical enrolou em um algodoeiro. E ficou lá. (João Batista da Silva, 76 anos)

A jornada de Yakunero, mãe de Tsurá, destaca a complexidade das relações entre os Apurinã e suas divindades, especialmente Tsurá, central em sua cosmologia. A história revela a flexibilidade interpretativa que permeia a figura de Tsurá, vista de maneiras diversas pelos grupos Apurinã, refletindo uma cosmologia rica. A gravidez de Yakunero, resultante de um relacionamento misterioso, gera desconfiança entre seus parentes e eventos trágicos que moldam a identidade de Tsurá. Essa ligação entre o humano e o divino evidencia a crença de que fenômenos naturais estão conectados às ações humanas. A placenta de Yakunero, ao se enrolar em um algodoeiro, simboliza a intersecção entre vida, morte e espiritualidade, enriquecendo a compreensão do papel de Tsurá e ressaltando a importância das narrativas orais na preservação da identidade cultural dos Apurinã.

Nascimento do deus *Tsura*

João Batista da Silva narra sobre o deus *Tsura*, o nascimento que ocorreu em um cenário de tragédia, marcado pela morte de sua mãe, *Yakunero*. No entanto, essa tragédia contrasta com a bondade demonstrada pelos parentes de *Yakunero*, que trazem um elemento de compaixão à história.

Este algodoeiro ficava próximo do caminho, eles andavam de casa para a mata e para a roça. Quando foi de dia, mãe de *Yakunero*, e a avó dele ouviram um piado, ela foi ver, aquela placenta tinha se transformado num ninho, um ninho de pássaro, com três passarinhos, dois passarinhos fortes e um mais magrinho. Ela levou eles, dava de comer, mantinha eles preservados. Ela está indo contra a vontade dos *paruacu*, porque sabia que se eles tivessem conhecimento da situação, os *paruacu* iriam matar eles, pois pertenciam a *Yakunero*. De repente os passarinhos se transformaram em três crianças, que ela tratava como netinho, sei que eles foram crescendo, ficando maiores, e resolveram se vingar (João Batista da Silva, 76 anos).

O nascimento do deus *Tsura*, conforme narrado por João Batista da Silva, aborda temas da cosmologia indígena, como a conexão entre a natureza e o ciclo de vida. A placenta de *Yakunero* se transforma em pássaros, que viram crianças, simbolizando a continuidade espiritual e física. Essa metamorfose reflete resistência e renascimento, onde a bondade dos parentes de *Yakunero* contrasta com a brutalidade dos *Parauacu*, que ignoram o poder da natureza.

A narrativa destaca a relação entre humanos e meio ambiente, semelhante a temas de transformação e vingança em mitologias de outros povos indígenas, que apontam para a continuidade da vida através da metamorfose e do equilíbrio entre forças humanas e naturais (Lévi-Strauss, 1964). Conforme narra João Batista da Silva, *Tsura* e seus irmãos logo descobrem a verdade sobre o que havia acontecido com sua mãe. Indignados, elaboraram armadilhas para se vingar de sua morte e exterminaram todo o grupo de macacos.

Esse episódio, assim como outros acontecimentos da saga de *Tsura*, requer uma análise que vai além dos objetivos desta dissertação de mestrado. Por enquanto, é importante explorar a origem e a nomenclatura de tudo o que existe atualmente na Terra.

O início da criação de *Tsura*: O criador e a serpente

As criações do deus *Tsura* são marcadas por atos poderosos que moldam o mundo natural e a existência dos *Apurinã*. Após seu nascimento, *Tsura* assume um papel central na formação do universo, dando origem a elementos fundamentais como os rios, florestas e animais. Ele cria a vida em harmonia com a natureza, estabelecendo as bases para o equilíbrio e a interconexão entre todas as criaturas.

Tsura e seus irmãos foram comer castanha, era castanha de cutia, coisa assim. E aí, foram beber água no igarapé, jogaram um pouquinho de castanha na água, as piabas foram comer e fazia um som, inhaque, inhaque, mastigando. O nome deste negócio é make, por isto que castanha na língua Apurinã é make. Dois deles foram tirar castanha, mas as castanhas ainda não estavam caindo. Enquanto eles estavam fazendo o serviço, mandaram Tsura ir buscar água lá no igarapé para eles beberem, ele já tinha ido algumas vezes no igarapé, ele tinha jogado um tipizinho próximo da água, quando ele voltou, esse tipizinho tinha se transformado em uma cobra, ele ficou olhando a cobra, aí pediu para a cobra engolir ele, meteu os dois pés e disse: me engole, me engole. então a cobra abriu bem a boca e começou a engolir Tsura bem devagar (João Batista da Silva, 76 anos).

A história continua revelando a estreita conexão entre Tsura e os elementos da natureza. Ao ser engolido pela cobra, Tsura não sucumbe ao destino comum, mas transforma o evento em um de seus feitos criativos. Essa ação reflete a habilidade de Tsura de controlar e modificar o mundo ao seu redor, tornando-o parte integrante das forças naturais. Como muitas narrativas míticas indígenas, a interação entre Tsura e a cobra simboliza uma transformação, onde o deus não apenas sobrevive, mas se funde com o ambiente, reafirmando seu papel de criador e moldador do universo natural e espiritual dos Apurinã.

Tsura e a jornada da criação: do ventre da cobra ao céu

A jornada de Tsura, o grande criador na cosmologia Apurinã, é marcada por uma série de transformações que refletem seu papel divino na formação do mundo natural. Desde seu misterioso nascimento até os feitos extraordinários que moldaram rios, florestas e seres vivos, Tsura atua como um deus em constante interação com os elementos da natureza, como bem ressaltou José Inácio da Silva.

A cobra coral ficou grande, já tinha terminado de engolir Tsura, então desceu naquele charcosinho (uma pequena poça) de água. Aí a coral vai se transformando em grande, vai aumentando o tamanho dela, conforme aumentava a cobra, o rio aumentava, cada curva que ela fazia, transformava as curvas do rio mais grande. Cada vez que a cobra aumentava de tamanho, a turma tinha mais trabalho pra matar ela, mas não deu jeito. A cobra ficava passando por baixo e por cima, cada canto que a cobra passava os rios iam se fazendo, assim foi feito o rio Purus e outros rios. Quando foram achar meio pra matar a cobra, ela já estava no mar. Durante este tempo a população estava trabalhando para achar meios pra matar. Até acharam arirambinha, aquilo era um pajé, viram que ele tinha um biquinho, aquilo era arpão a arma dele, então perguntaram para ariramba: - você rapaz, será que poderia dar um jeito de arpear aquele bicho para nós matar, que levou o nosso mestre, ele disse: - Rapaz, eu não tenho poder para nada. Mas o rapaz, com esta arma dá para você fazer isto, vamos lá experimentar. Quando chegaram a cobrona estava lá boiada, os que estavam no seco escutava os barulhos, batia a ferro, trabalhava de machado, aquela danação era dentro da cobra. Levaram o rapazinho, a gente vai experimentar arpoar, arpoar ela e segurou, gritaram pela moçada, botaram para matar e mataram” (José Inácio da Silva, 68 anos).

Esse episódio demonstra a importância da colaboração entre Tsura e os seres da natureza, que juntos realizam façanhas que moldam o mundo. A serpente, inicialmente uma

ameaça, se transforma em um elemento crucial da criação, e o próprio ato de matá-la marca o fim de um ciclo e o surgimento de algo novo: a formação dos rios e da geografia que conhecemos. A intervenção da ariramba, um animal pequeno e aparentemente insignificante, revela a sabedoria presente nas criaturas menores e reforça a ideia de que o poder criador de Tsurá está distribuído na natureza em diversas formas, muitas vezes inesperadas. Dessa forma, Tsurá e seus aliados não apenas vencem a serpente, mas completam mais um estágio na construção do mundo apurinã.

A cobra ficou flutuando, forma tentar puxar a cobra para a beira, os apurinã foram lá todos tímidos, não conseguiram, dava a vez do índio não. A turma dos brancos trabalhava colocava a mesma força, contava 1, 2, e 3 já era, arrastaram a cobra, colocaram no seco abriram, fizeram uma porta e Tsurá saiu, foi tirar material de dentro, onde tinha canoa, casca, espingarda, essas ferramentas assim. Então era a vez dos Apurinãs escolherem o que eles queriam ficar, o transporte. O a purina viu, achou melhor foi o remo e a casquinha, e o não índio ficou com a canoa mais forte. Para a arma, tinha arco e flecha, e espingarda. Perguntou qual você quer? Nós vamos ficar com o arco e flecha. Os branco vem para cá a espingarda. Assim por diante, os indígenas sempre procuravam a coisa mais simples, mais fácil. E sempre dando aquela coisa mais forte, e de mais poder para o não índio. Quando Tsurá encerrou tudo isto, a obra, ele foi, subiu para o céu. A escada que ele subiu, existe na mata, que nós chamamos de escada de cipó jabuti, pois é. Então aquele cipó foi a escada que ele subiu, foi para o além, ele está lá sempre construindo” (João Batista da Silva, 76 anos).

Um dos momentos mais simbólicos dessa trajetória é seu encontro com a serpente, onde, ao ser engolido, ele não apenas sobrevive, mas utiliza esse evento para continuar sua missão criadora. Dessa união com a cobra, Tsurá emerge como uma figura ainda mais poderosa, consolidando sua presença como aquele que transforma e equilibra o universo. Sua ascensão ao céu, pela escada de cipó jabuti, marca o encerramento de sua jornada terrena e o início de uma nova fase, na qual ele continua a construir e sustentar o equilíbrio cósmico dos Apurinã.

4.5 Contribuições dos Saberes Indígenas para o mundo dos brancos

Aqui os entrevistados compartilham valiosas contribuições e deixam uma mensagem importante para aqueles que não pertencem à sua cultura.

José Inácio enfatiza: “Os saberes indígenas podem contribuir em todas as áreas do universo: meio ambiente, saúde, pesquisa da ciência”.

João Baiano e Francisco Marques: “O uso de plantas medicinais pode contribuir para bem estar dos brancos, e que podem produzir vários tipos de remédio para nossa saúde”.

Enfatizando a importância do respeito às tradições indígenas, ressaltando que a

diversidade cultural enriquece a sociedade como um todo. Assim deixam uma mensagem:

Que o homem branco entenda que nós indígenas somos ser gente, iguais a eles. Que cuidamos da floresta e dos rios, para que não vem acabar em futuro. Tenham respeito a nosso povo que a milhares de ano cuidado sem agredir a natureza (João Batista da Silva, 76 anos).

Que o homem branco entenda que nós indígenas somos ser humanos, iguais a eles. Com mesmo direito democrático em todas as áreas da vida (Francisco Marques, 62 anos).

Uma vez escutei um deputado falando sobre os direitos dos indígenas, sobre alguns artigos que os brancos não poderiam tirar, tirar o artigo 231 e nem o 232 porque os indígenas só tinha direitos a esses dois artigos, e os brancos mais de 300 artigos, então era bom que os brancos respeitassem esses artigos dão direito aos indígenas. (José Inácio da Silva, 68 anos).

Que eles respeitem o pouco da cultura que ainda existem nos povos indígenas. Que respeita nosso direito, cultura e a natureza (Maria Elza, 69 anos; Maria Batista Apurinã, 56 anos e Angelita Feliciano, 64 anos).

As falas são um chamado para que os não indígenas aprendam com esses saberes milenares, ao invés de destruí-los.

A narrativa apurinã, como parte da sua sociocosmologia, oferece um universo que vai além das perspectivas do saber, característica da sociedade ocidental, ela integra a natureza, a espiritualidade e as relações humanas. Ao trazer essas narrativas para o contexto da EPT, cria-se a oportunidade para que os estudantes e educadores compreendam o princípio da omnilateralidade, que propõe o desenvolvimento integral do ser humano em suas dimensões intelectual, prática, ética e cultural. Essa abordagem permite desconstruir o eurocentrismo, incentivando uma educação inclusiva que equilibre saberes técnicos e tradicionais, promovendo valores como reciprocidade e respeito, fundamentais para uma sociedade mais justa e sustentável.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho teve como objetivo levantar informações em relação a história, a organização social e a sociocosmologia do povo Apurinã a partir das narrativas de indígenas que vivem na cidade, aliando-se aos princípios da omnilateralidade para uma proposta de ensino multicultural na EPT.

E numa linha mais direta a respeito da cultura/cosmologia em torno do povo Apurinã, compreendemos que, “Tsura, demiurgo Apurinã foi o responsável pela criação do universo e de tudo que nele existe, incluindo os indígenas e não indígenas” (Apurinã F, 2020, p. 25). Outrossim, “do ponto de vista Apurinã, a criação e a nomeação de tudo que atualmente há na terra se dá a partir da saída de Tsura da barriga da *kutory* (cobra coral)” (Apurinã F, 2020, p.

26). Pode-se perceber que deus está presente em todos os lugares, nós, Apurinã, acreditamos na construção divina, podemos citar deus com nomes diferentes, mas o deus é o mesmo para todos.

Nessa busca incessante dos entrevistados, por espaço de uma vida melhor para suas famílias, mesmo sem estudo, houve momentos muitos difíceis de adaptação na sociedade não indígena. Seus conhecimentos de vida na floresta pareciam não ser importantes na cidade em um primeiro momento, com o passar do tempo perceberam que seus aprendizados em suas comunidades e o da cidade entrelaçavam-se no desenvolvimento de suas famílias.

Buscar definir de onde vêm nossos conhecimentos é trazer um pensamento, uma longa história que aos poucos foi desaparecendo devido aos confrontos ocasionados pelas batalhas oriundas de enfrentamentos com os brancos. Dizer e entender que os indígenas vivem em simbiose com a natureza é formativo para nós.

Dentre os cuidados com a saúde, sempre buscamos os melhores medicamentos nas ervas medicinais que a floresta nos oferece, para curar as enfermidades do corpo que tanto nos fragilizam com as doenças tropicais que se encontram na região.

A maloca das medicinas é o encontro desses diversos seres, da fauna, flora, e outros elementos; poderíamos dizer que lá é como uma farmácia viva, onde encontramos vários seres que nos curam, que nos previne de adoecermos, que nos mantém com saúde (Apurinã A, 2018, p.20).

Os Apurinã, como outros povos indígenas, existem há muito tempo e, portanto, não devem ficar invisíveis para a sociedade não indígena. Nós possuímos um deus que nos protege, tal como falam os parentes mais velhos, que mencionam um deus criador, que fez tudo que existe. As políticas sociais e a população vêem o indígena como um ser “primitivo”, “[...] no meio social, morador da selva e “natural”. Essa visão serve de alguma forma como um argumento em defesa das sociedades indígenas, mas alimenta suspeitas sobre a “autenticidade” ou a “pureza” das culturas que se afastam dessa “primitividade” (Vaz Filho, 2006, p. 5).

Seguindo essa linha pensamento os povos originários podem contribuir e muito, no que tange a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) que uma modalidade educacional que tem como objetivo preparar os cidadãos para o mundo do trabalho e para a vida em sociedade, essa modalidade de ensino pode estar relacionada aos povos indígenas de várias formas de modo omnilateralidade, onde traz os conhecimentos dos povos originários no que se diz trabalhar em grupo na trocas de saberes, construções de vários objetos e conhecimento de sobrevivência de nossa flora e fauna.

Eu, diante dessa linha de pensamento, venho contribuir com um livro paradidático, junto com outros parentes, que tiveram o prazer de me ajudar nessa construção tão importante, tanto para sociedade não indígena como para nosso povo, quando falamos em educação inclusiva.

REFERÊNCIAS

APURINÃ, Alan Miguel. **Maloca das medicinas e sua relação com o pajé Arywka. Dissertação de Mestrado.** MESPT/Unb, 2018.

APURINÃ, Francisco Cândido. **O Mundo dos Kusanaty e a Cosmologia Apurinã.** Campos, v. 17, n. 2, 2016.

APURINÃ, Francisco. **Do licenciamento ambiental à licença dos espíritos os “limites” da rodovia federal BR 317 e os povos indígenas.** 2019. 228 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

APURINÃ, Francisco. **Um olhar reverso: da aldeia para universidade.** Universidade de Brasília. Amazôn., Rev. Antropol. (Online) 9 (1): 482 - 503, 2017

APURINÃ, Francisco. **Um olhar sobre o cosmos a partir da perspectiva indígena e as consequências da fricção entre os humanos e os não humanos.** Revista da Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais - UFG/CAC . *Emblemas*, v. 17, n. 1, 14 - 35, jan. – jun. 2020.

ARROYO, Miguel Gonzalez. A Educação Profissional e Tecnológica nos interroga. Que interrogações?. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, v. 3, n. 1, p. 5-18, 2019.

BESSA FREIRE, José Ribamar. Cinco idéias equivocadas sobre os índios. 2002. **Palestra proferida no dia**, v.22. Disponível no endereço: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/cinco_ideias_equivocadas_jose_ri_b_amar.pdf. acesso em, 08.12.2024

FERREIRA, Ana Patrícia Chaves. **A língua Apurinã: Um processo de revitalização de uma língua minoritária.** “s.d”.

IBGE. **Lábrea População.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/labrea/panorama>. Acesso em: 05/05/2022.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A relação da educação profissional e tecnológica com a universalização da educação básica. **Educação & Sociedade**, v. 28, p. 1129-1152, 2007.

FRIGOTTO, G. & CIAVATTA, M. (2012). Trabalho como princípio educativo. In: Salet, R., Pereira, I. B., Alentejano, P. & Frigotto, G. (Org.). **Dicionário da educação do campo.** Rio de Janeiro: Escola Politécnica Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 748-759

GONÇALVES, Luçaires Czermainski. **A Formação Omnilateral e os desafios para o Ensino Médio de Nível Técnico no Mundo Atual: limites e possibilidades da omnilateralidade no IFSUL.** 2017. 98f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-

Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

HECKENBERGER MJ **The Ecology of Power: Culture, Place and Personhood in the Southern Amazon, AD 1000–2000**. Routledge. 2004.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Povos indígenas do Brasil: Línguas**. Disponível em:

https://pib.socioambiental.org/pt/L%C3%ADnguas#Troncos_e_fam.C3.ADIas. Acesso em: 11/12/2024.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2019.

LANGDON, Esther. Xamanismo no Brasil: novas perspectivas. In: **Xamanismo no Brasil: novas perspectivas**. 1996. p. 370 p-370 p.

LÉVI-STRAUSS, C. **História de lince**. São Paulo: Companhia da Letras, 1993[1991]. LÉVI-

STRAUSS, C. **Mythologiques 1: Le cru et le cuit**. Plon. 1964

LINK, Rogério Sávio. Vivendo na terra do meio: o mito apurinã revelando a realidade histórica. **Topoi**, v. 22, p. 249-267, 2021.

MANACORDA, M. A. **Marx e a pedagogia moderna**. Campinas, SP: Alínea, 2007.

RIBEIRO, ECS; SOBRAL, KM; JATAI, RIP **Omnilateralidade, politecnica, escola unitária e educação tecnológica: uma análise marxista**. I JONGG – JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ANTONIO GRAMSCI / VII

JOREGG – JORNADA REGIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ANTONIO GRAMSCI . Fortaleza CE: Universidade Federal do Ceará : 1 – 11 p. 2016.

RISSO, Luciene Cristina. **Paisagem, Cultura e Desenvolvimento Sustentável: um estudo da comunidade indígena Apurinã na Amazônia Brasileira**. 2005.

SANTOS, Carmem Lúcia. **A GESTÃO DAS POLÍTICAS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: Um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém,2013.

SANTOS RIBEIRO, Ellen Cristine dos; SOBRAL, Karine Martins; JATAÍ, Renata Pimentel. **Omnilateralidade, politecnica, escola unitária e educação tecnológica: uma análise marxista**. In: I JOINGG – JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ANTONIO GRAMSCI VII JOREGG – JORNADA REGIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ANTONIO GRAMSCI. Universidade Federal do Ceará – Faculdade de Educação 23 a 25 de novembro de 2016 – Fortaleza/CE. Anais da Jornada: ISSN 2526-695

SILVA, Edson. Ensino e sociodiversidades indígenas: possibilidades, desafios e impasses a partir da Lei 11.645/2008. **Mneme-Revista de Humanidades**, v. 15, n. 35, p. 21-37, 2014.

SOUZA J, J. **Marx e a crítica da educação: da expansão liberaldemocrática à crise regressivo-destrutiva do capital**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

SOUSA JUNIOR, Justino de. O programa marxiano de educação e o fundamento da práxis. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 7, p. 51-66, 2009.

TASSINARI, Antonella M. I. Sociedades Indígenas: introdução ao tema da diversidade cultural. In: SILVA, Aracy L. da; GRUPIONI, Luiz D. B. **A Temática Indígena na Escola**. Brasília: MEC/MARI/ UNESCO, 1995.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. Identidade indígena no Brasil hoje. In: **Beitrag beim VII Congresso Latino-Americano de Sociología Rural, Quito**. 2006.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. Autoetnografia: uma alternativa conceitual. **Letras de hoje**, v. 37, n. 4, 2002.

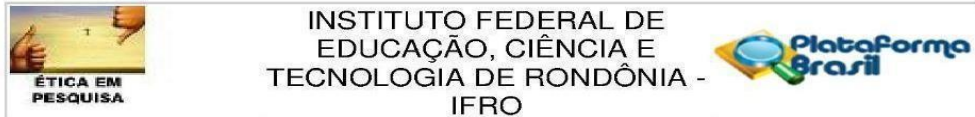
VIEIRA, Eládia Duarte. et al. **Amu Asãkirewata Pupỹkary Sãkire! : vamos falar Apurinã!** : caderno de conversação : livro do aluno — Belém : UFPA, 2019.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Perspectivisme et multinaturalisme en Amérique indigène. **Open Edition Journals**. 2014, p. 161-181. DOI: <https://doi.org/10.4000/jda.4512>

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, v. 2, p. 115-144, 1996.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Araweté**: os deuses canibais. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1986.

ANEXO I – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP DO IFRO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: OS SABERES INDÍGENAS E A EPT: contribuições do povo Apurinã para a formação integral.

Pesquisador: ANTONIO PEREIRA SOBRINHO

Área Temática: Estudos com populações indígenas;

Versão: 2

CAAE: 74974423.3.0000.5653

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

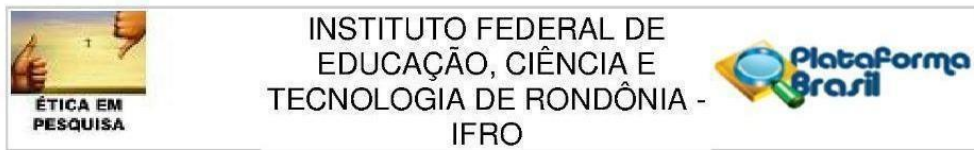
DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.585.441

Apresentação do Projeto:

Este projeto tem como objetivo levantar informações sobre a história, a organização social e a cosmologia do povo Apurinã que habitam na cidade. A formação da identidade cultural está vinculada à forma como cada povo vive. Então, em cada momento da pesquisa será respeitado o tempo e a cultura de cada indígena. Na pesquisa serão entrevistados 6 (seis) indígenas deste povo com idade entre 40 a 80 anos com a finalidade de produzir um livro paradidático de informações e saberes acerca dos povos indígenas a partir do olhar apurinã. Tal material também utilizará pesquisa bibliográfica, documental e autobiográfica. Este livro paradidático poderá ser utilizado pelos docentes do IFRO, campus Calama como apoio pedagógico nas discussões sobre a temática indígena junto aos alunos dos cursos técnicos integrados ao médio. Além do mais, esta pesquisa atende aos princípios da formação integral e omnilateral da Educação Profissional e Tecnológica (EPT). De outro modo, a minha vivência e experiência pessoal, bem como, acadêmica e profissional, durante o curso na EPT, possibilita estar em diferentes contextos e temporalidades, cujo principal deles é fazer uma leitura desta realidade com novos olhares, em que buscarei apresentar minha posição como "indígena fora da aldeia", como biólogo, na tentativa de tornar complementares os conhecimentos em estado de aprendizagem da cultura do povo Apurinã tanto aqueles que são apreendidos nas aldeias quanto aqueles adquiridos nas cidades.

Endereço: Sala do Comitê de Ética em Pesquisa - Andar Térreo - Reitoria Censipam
Bairro: Aeroporto **CEP:** 76.803-260
UF: RO **Município:** PORTO VELHO
Telefone: (69)2182-9611 **Fax:** (69)99337-0033 **E-mail:** cepi@ifro.edu.br



Continuação do Parecer: 6.585.441

Objetivo da Pesquisa:

O(a) pesquisador(a) apresentou os seguintes objetivos:

4.1 GERAL

Levantar informações em relação a história, a organização social e a cosmologia do povo Apurinã de indígenas que vivem na cidade, aliando-se a princípios da omnilateralidade para uma proposta de ensino multicultural na EPT.

4.2 ESPECÍFICOS

- Levantar os registros da história, da cosmologia e da organização social acerca dos Apurinã;
- Compreender como os Apurinã urbanos se relacionam com saberes ancestrais de seu povo;
- Perceber como os elementos da cultura do povo Apurinã contribuem para a efetivação do princípio da omnilateralidade na EPT;
- Produzir um livro paradidático com as informações sistematizadas no decorrer da pesquisa;
- Apresentar o livro paradidático para os docentes do IFRO por meio de um minicurso.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Conforme o(a) pesquisador(a), os riscos e benefícios foram descritos da seguinte maneira:

7.4.1 Riscos

Constrangimento por ter que passar informações de sua história de vida e de seu povo;

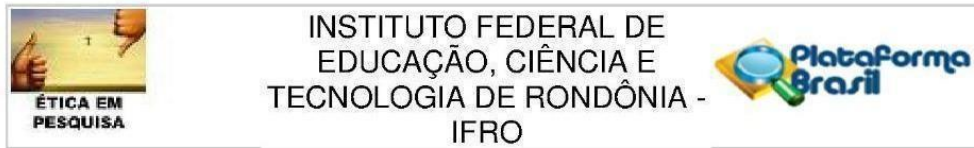
Desconforto por evocar memórias traumáticas;

Sensação de perda de tempo ao passar parte de seu tempo respondendo perguntas relacionadas a pesquisa;

7.4.2 Benefícios

O tema abordado irá trazer conhecimentos diversificados, um novo olhar em relação à

Endereço: Sala do Comitê de Ética em Pesquisa - Andar Térreo - Reitoria Censipam			
Bairro: Aeroporto		CEP: 76.803-260	
UF: RO	Município: PORTO VELHO		
Telefone: (69)2182-9611	Fax: (69)99337-0033	E-mail: cepi@ifro.edu.br	



Continuação do Parecer: 6.585.441

cultura do povo Apurinã, meu povo, para que estes conhecimentos sejam trabalhados pelos docentes junto aos estudantes da Educação Profissional e Tecnológica, bem como em qualquer outro segmento de ensino, ou instituição de ensino.

Este projeto poderá servir a docentes e estudantes do Campo Porto Velho Calama do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Rondônia (IFRO) no sentido do subsídio teórico para a Educação Profissional e Tecnológica (EPT), em relação a conhecer as culturas indígenas, os saberes, a cosmologia, a organização social, para que o ensino na EPT não fique centrado apenas nos conhecimentos eurocêntricos. Além do mais, através desta pesquisa, espera-se diminuir o pensamento de exclusão da sociedade em geral em relação ao indígena, que somos capazes de pesquisar, que nossa cultura é importante e relevante na sociedade e que, portanto, deve ser valorizada.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O Parecer Consubstanciado nº 6.468.804 emitido em 28 de outubro de 2023, por este CEP apontou a(s) seguinte(s) pendência(s):

1. Riscos: foram escritos de maneira subestimada, havendo necessidade de uma reavaliação; Lembramos que as informações devem aparecer em todos os documentos do protocolo, a informação das medidas mitigadoras para os riscos descritos não constam da folha de informações básicas e nem do TCLE; PENDÊNCIA ATENDIDA.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O Parecer Consubstanciado nº 6.468.804 emitido em 28 de outubro de 2023, por este CEP apontou a(s) seguinte(s) pendência(s):

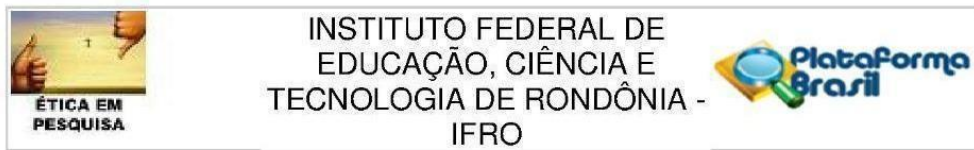
TCLE: necessita das seguintes inserções:

1. constar que o participante não é obrigado a responder todas as perguntas da entrevista;
2. constar que se houver qualquer despesa terá direito a ressarcimento;
3. Constar espaço específico para a digital, caso seja necessário;
4. Inserir as medidas mitigadoras aos riscos descritos. PENDÊNCIA ATENDIDA.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não havendo mais pendências, o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)-IFRO, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do Conselho Nacional de Saúde, manifesta-se pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa

Endereço: Sala do Comitê de Ética em Pesquisa - Andar Térreo - Reitoria Censipam			
Bairro: Aeroporto		CEP: 76.803-260	
UF: RO	Município: PORTO VELHO		
Telefone: (69)2182-9611	Fax: (69)99337-0033	E-mail: cepi@ifro.edu.br	



Continuação do Parecer: 6.585.441

proposto.

De acordo com o item X.1.3.b, da Resolução CNS n. 466/12, a pesquisadora deverá apresentar relatórios semestrais - a contar da data de aprovação do protocolo. Eventuais emendas (modificações) ao protocolo deverão ser apresentadas de forma clara e sucinta sendo necessário destacá-las no decorrer do texto (item 2.2.H.1, da Norma Operacional CNS nº 001 de 2013).

Reforçamos que qualquer alteração, ainda que mínima, no protocolo aprovado deverá ser submetida à análise desse CEP por meio de emenda. Somente após aprovação do CEP as alterações poderão ser colocadas em prática.

Considerações Finais a critério do CEP:

Todos os projetos submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do IFRO são avaliados com base nas Resoluções CNS nº466/2012 e/ou Resolução CNS nº 510/2016, demais resoluções pertinentes e nas Normas Operacionais emanadas da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

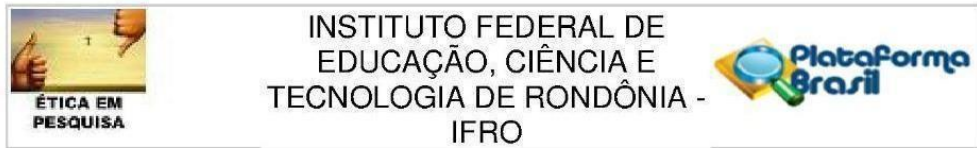
O(a) pesquisador(a) deverá encaminhar ao CEP-IFRO relatório final na ocasião de conclusão da pesquisa. Reforçamos que qualquer alteração, ainda que mínima, no protocolo aprovado deverá ser submetida à análise desse CEP. Somente após aprovação do CEP as alterações poderão ser colocadas em prática.

O presente projeto, seguiu nesta data para análise da CONEP e só tem o seu início autorizado após a aprovação pela mesma.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2207819.pdf	20/11/2023 20:45:34		Aceito
Outros	carta_resposta_nv.pdf	20/11/2023 20:36:56	ANTONIO PEREIRA SOBRINHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_nv.pdf	20/11/2023 20:08:42	ANTONIO PEREIRA SOBRINHO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetoantonio_nv.pdf	20/11/2023 20:06:47	ANTONIO PEREIRA SOBRINHO	Aceito

Endereço: Sala do Comitê de Ética em Pesquisa - Andar Térreo - Reitoria Censipam
Bairro: Aeroporto **CEP:** 76.803-260
UF: RO **Município:** PORTO VELHO
Telefone: (69)2182-9611 **Fax:** (69)99337-0033 **E-mail:** cepi@ifro.edu.br



Continuação do Parecer: 6.585.441

Outros	roteiro_de_entrevista.pdf	02/10/2023 21:43:24	ANTONIO PEREIRA SOBRINHO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termo_orientadora_lediane.pdf	02/10/2023 10:10:41	ANTONIO PEREIRA SOBRINHO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termo_compromisso_antonio.pdf	02/10/2023 10:09:45	ANTONIO PEREIRA SOBRINHO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_antonio.pdf	02/10/2023 09:59:13	ANTONIO PEREIRA SOBRINHO	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	28/09/2023 19:19:36	ANTONIO PEREIRA SOBRINHO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Sim

PORTO VELHO, 16 de Dezembro de 2023

Assinado por:
Daniely Batista Alves Martines
(Coordenador(a))

Endereço: Sala do Comitê de Ética em Pesquisa - Andar Térreo - Reitoria Censipam
Bairro: Aeroporto **CEP:** 76.803-260
UF: RO **Município:** PORTO VELHO
Telefone: (69)2182-9611 **Fax:** (69)99337-0033 **E-mail:** cepi@ifro.edu.br

ANEXO II – PARECER CONSUBSTANCIADO DA CONEP

COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DA CONEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: OS SABERES INDÍGENAS E A EPT: contribuições do povo Apurinã para a formação integral.

Pesquisador: ANTONIO PEREIRA SOBRINHO

Área Temática: Estudos com populações indígenas;

Versão: 3

CAAE: 74974423.3.0000.5653

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.661.864

Apresentação do Projeto:

As informações contidas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram obtidas dos documentos contendo as Informações Básicas sobre o Projeto de Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2207819.pdf de 14/02/2024) e do Projeto Detalhado.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como objetivo principal refletir sobre a relevância dos saberes históricos e cosmológicos do povo Apurinã e sua importância para a Educação Profissional e Tecnológica no âmbito do Instituto Federal de Rondônia (IFRO), campus Calama. Os docentes e estudantes deste campus terão a oportunidade de conhecer as ciências indígenas e a realidade desses povos que residem em contextos urbanos. Nesta aproximação defendemos que a EPT tem muito a aprender com os conhecimentos ameríndios na medida em que "tais conhecimentos [...] revelam formas sustentáveis de estar no mundo" (FELZKE, 2021, p. 275), corroborando os princípios de formação integral e o princípio de omnilateralidade (MANACORDA, 2007).

A pesquisa versará sobre os Apurinã residentes em contexto urbano do município de Lábrea – AM. Lábrea localiza-se às margens do Rio Purus na região do estado do Amazonas. A população Lábrea é de 47.685 habitantes, de acordo com os dados levantado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em 2023 os acessos a Manaus e Porto Velho são feitos por via aérea, rodovias e

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 6.661.864

fluvial, neste caso Lábrea fica à distância de 854km de Manaus. Por via rodoviária a cidade mais próxima é Humaitá e Porto Velho, cerca de 400km por estrada com pavimentação e sem pavimentação (Transamazônica) e BR 319. As principais atividades econômicas do município são a agricultura e o extrativismo vegetal e animal, sendo a borracha, a castanha, a farinha e o óleo de copaíba seus principais produtos. Todo ano realiza no mês de agosto a "Festa do Sol" que dura 3(três) dias animando a cidade e atraindo visitantes.

O Purus é um rio misterioso e lendário. Nasce no departamento peruano de Ucayali e corta uma vasta extensão de terras baixas na porção ocidental da Amazônia brasileira até desembocar no Rio Solimões. De curso sinuoso e águas barrentas carregadas de sedimentos andinos, foi o palco de momentos dramáticos no longo processo de ocupação não indígena da região. Foi durante o primeiro ciclo da borracha, iniciado em fins do século XIX até o início do século XX que se intensificou o processo de incorporação da região aos mercados nacionais e internacionais. "Isso ocorreu a um custo incalculável em termos de sofrimento, violência e perdas de vidas humanas, tanto do lado das nações indígenas quanto da parte dos trabalhadores extrativistas, migrantes nordestinos em sua maioria" (ALEXO, 2011, p. 6).

Sobre Lábrea, Risso (2005, p.1), afirma que no "decorrer do processo histórico de ocupação da região, as populações indígenas foram sendo subjugadas". Para conter os impactos socioambientais, os órgãos ambientais do Estado, como o Instituto Chico Medes de Conservação e Biodiversidade (ICMBio) e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), junto a organizações atuantes na região, como a Federação das Organizações e Comunidades Indígenas do Médio Purus (FOCIMP) e a Associação dos Produtores Extrativistas do Médio Purus (ATAMP), têm procurado uma reconfiguração do seu mapa territorial, por meio da criação de novas Áreas Protegidas, como são as Terras Indígenas e as Reservas Extrativistas (GARZÓN ROJAS, 2016, p. 13).

O Rio Purus vem perdendo ao longo do tempo sua história, de um rio farto de peixes, tartarugas, peixe boi, etc. O ambiente do rio Purus e seus afluentes influenciam o modo de vida dos Apurinã. Alguns vivem terra de vargem e outros em terra firme de onde plantam e caça para sobreviverem.

Nós, Apurinã estamos espalhados devido a confrontos realizados por espaço territorial ou terras invadidas pelos brancos.

Atualmente, os povos originários encontram-se ameaçadas pelo processo de globalização, que, juntamente com os valores da sociedade urbanoindustrial está expropriando índios e também outras comunidades tradicionais da região (RISSO, 2005, p.1).

Segundo Vieira (2013, p.16) o rio Purus é, do ponto de vista etnográfico, uma das regiões menos conhecidas e estudadas, se comparadas às regiões do rio Negro e Solimões. No entanto, a mesma

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 6.661.864

tem recebido gradualmente diversos pesquisadores.

É relevante buscar por mais conhecimento deste Rio Purus, onde fica situado alguns municípios do estado do Amazonas Boca do Acre, Canutama, Lábrea, Tapauá e Pauini, já no território de Lábrea e municípios vizinhos se encontram-se alguns povos indígenas, tais como Apurinã, Deni, Jamamadi, Banawa, Paumari, Jarawara, Karipuna, Suruwahá, Hi-Merimã, Katauixi entre outros.

Sobre os povos que vivem nesta região e que são atendidos pelo Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) Médio Purus, pode-se afirmar que O DSEI possui 11.369 indígenas cadastrados em 24 Terras Indígenas demarcadas, onde habitam 17 etnias com níveis variados de contato com a sociedade (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Dentre os 17 povos, os Suruwaha são de recente contato e, por isso, sua relação com a sociedade é restrita às situações de emergência relacionadas à saúde. Já os povos Hi-Merimã e Katauixi permanecem em total isolamento. Sendo assim, as equipes atuam exclusivamente quando há uma quebra do isolamento para executar os Planos de Contingência. povos de contato restrito, os Madiha Deni e Jamamadi residem próximos ao município sede do distrito, fato que facilita a mobilidade até o centro urbano, algo incomum no DSEI Médio Rio Purus. Não obstante, um mesmo território pode ser compartilhado por mais de um povo, revelando o quão complexas são as relações estabelecidas entre os grupos e as tradições compartilhadas (OLIVEIRA; PAES, SILVA, 2022, p.39).

Assim como o DSEI, a Coordenação Regional da FUNAI do Médio Purus, está localizada no município de Lábrea e atua junto aos povos indígenas da região. A unidade é responsável por coordenar e monitorar a implementação de ações de proteção e promoção dos direitos de povos indígenas da região do Médio Purus, estado do Amazonas.

Aqui serão abordados também minhas experiências vividas e conhecimentos adquiridos em várias comunidades indígenas e não indígenas, conhecimentos aprendidos em minhas contribuições na área da saúde para os parentes.

Para iniciar falar sobre o assunto, não posso deixar de partir da posição desconfortável que, ao longo dos anos, as pesquisas etnográficas têm atribuído a nós indígenas e, sobretudo, à classificação histórica continuamente reproduzida que coloca o não indígena como pesquisador e o indígena como “objeto de pesquisa”, inclusive nos excluindo do papel de interlocutores (APURINÃ F, 2020, p.15).

HIPÓTESE

A organização de um livro paradigmático com a história, a organização social e a cosmologia Apurinã poderá contribuir para o atendimento do princípio da omnilateralidade da EPT entre os

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.719-040
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 6.661.864

docentes e estudantes do IFRO, campus Calama.

METODOLOGIA

Para a execução desta pesquisa, é importante citar que sou formado em Ciências biológicas, pertencente ao povo Apurinã, sempre tive uma relação direta e indireta com a natureza, sempre busquei compreender meus momentos vividos na comunidade e na cidade.

A sociedade que tanto fala, de forma muitas vezes equivocada, dos povos indígenas, sem realmente conhecer o que se passa em cada comunidade, e sobre os indígenas da cidade, terá oportunidade de conhecer mais sobre o povo Apurinã. Para isso buscar-se-á dados junto à Prefeitura Municipal de Lábrea, a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), a Fundação Nacional do Índio (Funai), entre outros órgãos relacionados ao tema.

Dessa maneira, esta pesquisa trata-se de uma abordagem qualitativa com estudos bibliográficos e documentais para levantar a história, a organização social e a cosmologia Apurinã, bem como entrevistas semiestruturadas com indígenas Apurinã residentes em área urbana.

Concomitantemente o pesquisador irá realizar uma autobiografia por meio de descrição densa (GEERTZ, 1989) em um caderno de campo, de suas vivências e memórias pessoais.

Será realizada revisão sistemática de literaturas, pesquisas documentais, em sites, mas também, de forma presencial em arquivos das seguintes instituições: Prefeitura Municipal de Lábrea-AM, Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) Médio rio Purus, Federação das Organizações e Comunidades Indígenas do Médio Purus (FOCIMP), Fundação Nacional do Índio (Funai), Secretaria Especial de saúde Indígena (SESAI).

Salientamos, que alguns dados bibliográficos serão colhidos da biblioteca Virtual o Scientific Electronic Library online (SCIELO). Estes materiais serão basilares para a produção de um livro paradidático composto pela história, pela cosmologia, pelos saberes linguísticos e organização social do povo Apurinã.

Através desta pesquisa será possível produzir um material didático, onde muitas pessoas poderão conhecer um pouco mais sobre o povo Apurinã, tanto na esfera municipal estadual e federal. Poderá ainda ser usado nas escolas, pelos professores do IFRO, campus Porto Velho Calama. A pesquisa contará com algumas etapas essenciais para o seu desenvolvimento.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Serão incluídos neste estudo seis indígenas Apurinã, com idades entre 40 e 80 anos residentes na área urbana do município de Lábrea – AM.

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 6.661.864

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Outrossim, serão excluídos do estudo pessoas não indígenas, fora da faixa etária de 40 a 80 anos e os indígenas moradores de comunidades demarcadas pela FUNAI do município de Lábrea.

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO PRIMÁRIO

Levantar informações em relação a história, a organização social e a cosmologia do povo Apurinã de indígenas que vivem na cidade, aliando-se a princípios da omnilateralidade para uma proposta de ensino multicultural na EPT.

OBJETIVOS SECUNDÁRIOS

- Levantar os registros da história, da cosmologia e da organização social acerca dos Apurinã;
- Compreender como os Apurinã urbanos se relacionam com saberes ancestrais de seu povo;
- Perceber como os elementos da cultura do povo Apurinã contribuem para a efetivação do princípio da omnilateralidade na EPT;
- Produzir um livro paradidático com as informações sistematizadas no decorrer da pesquisa;
- Apresentar o livro paradidático para os docentes do IFRO por meio de um minicurso.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS

Constrangimento por ter que passar informações de sua história de vida e de seu povo;

Desconforto por evocar memórias traumáticas;

Sensação de perda de tempo ao passar parte de seu tempo respondendo perguntas relacionadas a pesquisa;

PARA MITIGAR (DIMINUIR) ESTES RISCOS SERÁ GARANTIDO SEU ANONIMATO, SEU TEMPO E MOMENTO DE FALA SERÃO RESPEITADOS, DIVIDINDO O TEMPO DA ENTREVISTA EM QUANTAS PARTES FOREM NECESSÁRIAS PARA NÃO CAUSAR CANSAÇO, LEMBRANDO NÃO HÁ NENHUMA OBRIGAÇÃO DE RESPONDER QUALQUER PERGUNTA FEITA PELO PESQUISADOR. TAMBÉM HAVERÁ TODO CUIDADO PARA QUE VOCÊ NÃO TENHA DESPESAS AO PARTICIPAR DA ENTREVISTA.

BENEFÍCIOS

O tema abordado irá trazer conhecimentos diversificados, um novo olhar em relação à cultura do povo Apurinã, meu povo, para que estes conhecimentos sejam trabalhados pelos docentes junto aos estudantes

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 6.661.864

de ensino, ou instituição de ensino.

Este projeto poderá servir a docentes e estudantes do Campo Porto Velho Calama do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Rondônia (IFRO) no sentido do subsídio teórico para a Educação Profissional e Tecnológica (EPT), em relação a conhecer as culturas indígenas, os saberes, a cosmologia, a organização social, para que o ensino na EPT não fique centrado apenas nos conhecimentos eurocêntricos. Além do mais, através desta pesquisa, espera-se diminuir o pensamento de exclusão da sociedade em geral em relação ao indígena, que somos capazes de pesquisar, que nossa cultura é importante e relevante na sociedade e que, portanto, deve ser valorizada.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Estudo nacional e unicêntrico, de abordagem qualitativa com estudos bibliográficos e documentais para levantar a história, a organização social e a cosmologia Apurinã, bem como entrevistas semiestruturadas com indígenas Apurinã residentes em área urbana. Concomitantemente o pesquisador irá realizar uma autobiografia por meio de descrição densa em um caderno de campo, de suas vivências e memórias pessoais.

Caráter acadêmico: realizado para o Exame de Qualificação do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT).

Orçamento financeiro: Financiamento Próprio, com previsão de gastos de totais de R\$ 850,00.

Não há previsão de coleta de material biológico humano.

Previsão de encerramento do estudo: 30/07/2024.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Análise das respostas ao Parecer Consubstanciado nº 6.627.767 emitido pela Conep em 09/02/2024.

1. Quanto ao Projeto Detalhado, arquivo "Projetoantonio_nv.pdf", postado na Plataforma Brasil em 20/11/2023:

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.719-040
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 6.661.864

1.1. Solicita-se descrever os procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção dos dados e a não estigmatização dos participantes da pesquisa.

RESPOSTA: Irei garantir a eles que as entrevistas serão privadas, conforme detalhado abaixo neste projeto, totalmente confidenciais e seus nomes não serão divulgados se assim o desejarem (Item 1.1 do parecer) (ver p. 23 do projeto).

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

1.2. Solicita-se a atualização do cronograma, com o compromisso expresso do pesquisador de que não iniciará a coleta de dados antes da aprovação final do Sistema CEP/Conep (Norma Operacional CNS nº 001 de 2013, item 3.4.1.9).

RESPOSTA: Vide tabela na carta-resposta.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2. Quanto ao Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, arquivo "TCLE_nv.pdf", postado na Plataforma Brasil em 20/11/2023:

2.1. O Registro do Consentimento Livre e Esclarecido deve assegurar, de forma objetiva e afirmativa, a informação sobre a forma de acompanhamento e a assistência a que terão direito os participantes da pesquisa, inclusive considerando benefícios, quando houver, caso seja pertinente no projeto de pesquisa em análise (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Inciso V). Solicita-se adequação.

RESPOSTA: No projeto: Também esclarecerei aos convidados que, caso eles desejem participar da pesquisa, eles irão acompanhar a inclusão de seus depoimentos no trabalho e receberão uma cópia da dissertação final, incluindo o produto educacional, para conferirem se está de acordo com seus depoimentos (Item 2.1 do parecer). (ver p. 23 e 24 do projeto)

No TCLE: Também esclareço que, caso você aceite participar da pesquisa, você irá acompanhar a inclusão de seu depoimento no trabalho e receberá uma cópia da dissertação final, incluindo o produto educacional, para conferir se está de acordo com seu depoimento (Item 2.1 do parecer). (ver p. 2/4 do TCLE)

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2.2. Solicita-se incluir no Processo e Registro do Consentimento Livre e Esclarecido o compromisso do pesquisador de divulgar os resultados da pesquisa, em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 3º, Inciso IV).

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 6.661.864

RESPOSTA: No projeto: Após o término do trabalho, ele será apresentado aos participantes da pesquisa que também terão acesso a uma cópia impressa da dissertação e do produto educacional (Item 2.2 do parecer). (ver p. 25 do projeto)

No TCLE: Após o término do trabalho, ele será apresentado a você que também terá acesso a uma cópia impressa da dissertação e do produto educacional (Item 2.2 do parecer) (ver p. 3/4 do TCLE).

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2.3. Solicita-se apresentar o compromisso de que as informações obtidas serão utilizadas somente conforme os objetivos propostos pela pesquisa (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 9º, Inciso V; Artigo 17, Inciso IV). Solicita-se adequação.

RESPOSTA: No projeto: Seus depoimentos serão utilizados somente para atender os objetivos dessa pesquisa, ou seja, registrar a história, a cosmologia e a organização social do povo Apurinã de Lábrea e como os Apurinã residentes na cidade se relacionam com este universo; e produzir um material didático (público e gratuito) para a Educação Profissional e Tecnológica com objetivo de reduzir o preconceito em relação aos povos indígenas (Item 2.3 do parecer). (ver p. 24 do projeto)

No TCLE: Seu depoimento será utilizado somente para atender os objetivos dessa pesquisa, ou seja, registrar a história, a cosmologia e a organização social do povo Apurinã de Lábrea e como os Apurinã residentes na cidade se relacionam com este universo; e produzir um material didático (público e gratuito) para a Educação Profissional e Tecnológica com objetivo de reduzir o preconceito em relação aos povos indígenas (Item 2.3 do parecer) (ver p. 2/4 do TCLE)

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2.4. O Processo e o Registro do Consentimento Livre e Esclarecido deverão garantir a plena liberdade do participante da pesquisa para decidir sobre sua participação, podendo retirar seu consentimento, em qualquer momento da pesquisa, sem prejuízo algum (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Inciso III). Solicita-se adequação.

RESPOSTA: No projeto: Antes que os convidados decidam participar da pesquisa a eles será apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com todas as informações pertinentes. Caso decidam aceitar o convite, eles assinarão o TCLE cientes de que poderão se ausentar da pesquisa e retirar seu consentimento a qualquer tempo, bem como se recusar a responder qualquer pergunta da entrevista semi-estruturada sem nenhum tipo de prejuízo para ambas as partes (Item 2.4 do parecer). (ver p. 24 do projeto)

No TCLE: Caso você decida aceitar o convite, assinará este termo ciente de que poderá se ausentar

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.719-040
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 6.661.864

da pesquisa e retirar seu consentimento a qualquer tempo, bem como se recusar a responder qualquer pergunta da entrevista semi-estruturada sem nenhum tipo de prejuízo para ambas as partes (Item 2.4 do parecer). (ver p. 2/4 do TCLE)

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2.5. Considerando que o estudo envolve análise ética pela Conep, solicita-se incluir os dados de contato da Conep no RCLE (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília/DF). Para melhor informar o participante da pesquisa, solicita-se incluir no RCLE uma breve descrição do que é a Conep e qual sua função no estudo.

RESPOSTA: No TCLE: Por se tratar de uma pesquisa com povos indígenas este estudo envolve a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), localizada no SRTV 701, via W5N, lote D – Edifício PO 700, 3º andar, Asa Norte, CEP 70719-040, Brasília-DF que tem como objetivo garantir os aspectos éticos que envolvem a pesquisa com seres humanos no Brasil, incluindo o bem estar e a autonomia das pessoas que participam de pesquisas. Em caso de dúvida, você também poderá consultar a CONEP pelo email conep@saude.gov.br ou telefone (61)3315 5877 (item 2.5 do parecer). (ver p. 1/4 do TCLE)

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3. Considerando que o estudo envolve população indígena:

3.1. Solicita-se adequação para informar aos participantes que o uso de sua imagem e/ou som contemplará a Portaria nº 177/PRES/2006, Art. 6º, da Funai e demais legislações pertinentes.

RESPOSTA: No projeto: No produto educacional, que não irá gerar nenhum tipo de benefício econômico para o pesquisador ou para os sujeitos da pesquisa, não haverá imagens dos entrevistados, senão apenas os seus depoimentos, portanto, o artigo 6 da portaria 177/2006 da FUNAI não se aplica neste caso (item 3.1 do parecer). (ver p. 24 do projeto)

No TCLE: No produto educacional, que não irá gerar nenhum tipo de benefício econômico para o pesquisador ou para os sujeitos da pesquisa, não haverá imagem sua, mas apenas o seu depoimento, portanto, o artigo 6 da portaria 177/2006 da FUNAI, que trata do uso de imagens, não se aplica neste caso (item 3.1 do parecer). (ver p. 3/4 do TCLE) (COMO NÃO SERÁ UTILIZADA IMAGEM, ESSE ITEM FOI RETIRADO DO TCLE) (ver p. 3/4 do TCLE)

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.719-040
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 6.661.864

3.2. Ressalta-se que as criações artísticas/culturais indígenas são protegidas por direitos autorais, portanto o uso e a reprodução dessas imagens deverão contemplar a Portaria nº 177/PRES/2006, Art. 3º e Art. 6º, da Funai e demais legislações pertinentes. Solicita-se adequação para informar os participantes.

RESPOSTA: No projeto: Será também esclarecido aos participantes que essa pesquisa, bem como o produto educacional resultante dela, não objetiva nenhum tipo de ganho financeiro para o pesquisador ou os sujeitos da pesquisa. Este trabalho está sendo realizado no contexto de um mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) dos Institutos Federais que são instituições públicas e gratuitas e que os produtos educacionais resultantes deste programa são obrigatoriamente disponibilizados gratuitamente na plataforma EDUCAPES (<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/432967>). Por isso o produto educacional que se originará dessa pesquisa será postado nesta plataforma e poderá ser baixado gratuitamente em todo o país por qualquer pessoa interessada (item 3.2 do parecer). (ver p. 24 do projeto)

Resultado secundário; produzir um livro paradigmático público e gratuito que será disponibilizado para outros Institutos Federais pelo Brasil inteiro por meio da plataforma EDUCAPES. (Item 3.2 do parecer). (ver p. 28 do projeto)

No TCLE: Essa pesquisa, bem como o produto educacional resultante dela, não objetiva nenhum tipo de ganho financeiro para o pesquisador ou os sujeitos da pesquisa. Este trabalho está sendo realizado no contexto de um mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) dos Institutos Federais que são instituições públicas e gratuitas e os produtos educacionais resultantes deste programa são obrigatoriamente disponibilizados gratuitamente na plataforma EDUCAPES (<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/432967>). Por isso o produto educacional que se originará dessa pesquisa será postado nesta plataforma e poderá ser baixado gratuitamente em todo o país por qualquer pessoa interessada (item 3.2 do parecer). (ver p. 3/4 do TCLE)

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3.3. Solicita-se apresentar declaração de compromisso do pesquisador de não patentear, nem usar para fins comerciais, o conhecimento tradicional adquirido em campo e catalogado. Deve ser informado que esse será utilizado de acordo com os objetivos propostos pela pesquisa e o consentimento da comunidade, e com ela será repartido em conformidade com a Resolução CNS nº 304 de 2000, Art.19, item 2.5.4 e com a Lei nº 13.123 de 2015, que dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade.

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 6.661.864

RESPOSTA: No projeto: O pesquisador reafirma, portanto, que o trabalho não será patenteado tampouco será utilizado para fins comerciais ou que gere algum tipo de lucro (item 3.3 do parecer). (ver p. 24 do projeto)

No TCLE: Reafirmo que o trabalho não será patenteado tampouco será utilizado para fins comerciais ou que gere algum tipo de lucro (item 3.3 do parecer). (ver p. 3/4 do TCLE)

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

Considerações Finais a critério da CONEP:

Diante do exposto, a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Situação: Protocolo aprovado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2207819.pdf	14/02/2024 21:53:24		Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_CONEP_2024.pdf	14/02/2024 21:45:56	ANTONIO PEREIRA SOBRINHO	Aceito
Outros	Carta_resposta_CONEP.pdf	14/02/2024 21:43:22	ANTONIO PEREIRA SOBRINHO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_2024_CONEP.pdf	14/02/2024 21:35:28	ANTONIO PEREIRA SOBRINHO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_2024_CONEP_limpo.pdf	14/02/2024 21:34:06	ANTONIO PEREIRA SOBRINHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_2024_CONEP_limpo.pdf	14/02/2024 21:33:01	ANTONIO PEREIRA SOBRINHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_2024_CONEP.pdf	14/02/2024 21:32:38	ANTONIO PEREIRA SOBRINHO	Aceito
Outros	carta_resposta_nv.pdf	20/11/2023 20:36:56	ANTONIO PEREIRA SOBRINHO	Aceito

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 6.661.864

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_nv.pdf	20/11/2023 20:08:42	ANTONIO PEREIRA SOBRINHO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetoantonio_nv.pdf	20/11/2023 20:06:47	ANTONIO PEREIRA SOBRINHO	Aceito
Outros	roteiro_de_entrevista.pdf	02/10/2023 21:43:24	ANTONIO PEREIRA SOBRINHO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termo_orientadora_lediane.pdf	02/10/2023 10:10:41	ANTONIO PEREIRA SOBRINHO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termo_compromisso_antonio.pdf	02/10/2023 10:09:45	ANTONIO PEREIRA SOBRINHO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_antonio.pdf	02/10/2023 09:59:13	ANTONIO PEREIRA SOBRINHO	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	28/09/2023 19:19:36	ANTONIO PEREIRA SOBRINHO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

BRASILIA, 04 de Março de 2024

Assinado por:
Lais Alves de Souza Bonilha
(Coordenador(a))

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.719-040
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia Campus Porto Velho -
Calama

Departamento de Pesquisa e Pós-Graduação

Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional – PROFEPT

APÊNDICE

Encarte do Produto Livro EDUCAÇÃO INCLUSIVA:

Contribuições do povo Apurinã para Educação Profissional e Tecnológica.

Autores: Antônio Pereira Sobrinho Lediane Fani Felzke
Sandra A. F. Lopes Ferrari

1 DESCRIÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL:

TIPO DE PRODUTO – Livro

NÍVEL DE ENSINO – Médio ao Técnico Integrado

SÉRIE/ANO – 1º ao 3º Ano

CURSOS TÉCNICOS INDICADOS: Todos

TRANSFERÊNCIA JÁ EFETIVADA – O livro paradigmático foi construído com a participação de mulheres e homens indígenas Apurinã residentes na área urbana de Lábrea/AM e será protocolado junto à Pró-reitoria de Ensino do IFRO (PROEN).

1.1 Introdução/ Justificativa

O Produto educacional é resultado do projeto de pesquisa intitulado “Os saberes indígenas e a Educação Profissional e Tecnológica: contribuições do povo Apurinã para a formação integral”. O produto pode ser compreendido como um objeto de aprendizagem e, dentro do Programa de Mestrado de Educação e Tecnológica, é um dos requisitos para a

obtenção do título de mestre. Com isso, o produto educacional tem a condição de gerar ou produzir conhecimentos contribuindo para as práticas dos profissionais da educação.

Este produto é de grande importância para o ramo da Educação Profissional e Tecnológica, pois traz ao público um conhecimento que pouco se vê nas escolas, o conhecimento cosmológico de um dos povos originários que reside no município de Lábrea. Os povos indígenas estão em todas as partes do Brasil, afinal já estavam aqui milhares de anos antes do Brasil ser colonizado. Ocorre que muitas mentes são desconhecedoras destes povos. Infelizmente, ainda hoje, muitas pessoas que estão na academia “fecham os olhos” para os povos originários, não mostrando aos discentes de onde nosso Brasil começou a ser construído, então ficamos gratos em poder colaborar. Espero que os professores e gestores gostem deste material, que tenham uma boa reflexão e que ele seja incorporado aos currículos e às ementas das disciplinas dos cursos técnicos dos Institutos Federais espalhados pelo país. Desta forma a rede IF estará contribuindo para a implementação da Lei 11.645/2008 e para o atendimento dos princípios de omnilateralidade e educação integral que compõem as bases teóricas da Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

Haja vista a docência, será válido conhecer aquilo que parece esquecido na sociedade dos não indígenas. Os docentes e discentes do IFRO poderão ter uma visão mais esclarecida, um conhecimento diversificado sobre cultura, educação e saúde do povo indígena Apurinã. Dessa forma, será possível conhecer um pouco mais da história cosmológica e dos modos de viver do meu povo.

A comunidade indígena não pode ser considerada em um único conhecimento, mas sim em uma variação de culturas. Então acredito que seja possível implantar os conhecimentos dos povos originários na EPT.

1.2 Objetivos

O conteúdo deste livro tem como objetivo buscar inserir os conteúdos narrativos memoriais de seis indígenas Apurinã entrevistados, residente do município de Lábrea-AM, que possa auxiliar os profissionais da educação como uma das bibliografias das disciplinas de Biologia, Ciências, Filosofia, Sociologia, Geografia e História etc. A organização social e a cosmologia do povo Apurinã, de indígenas que vivem na cidade, aliando-se aos princípios da omnilateralidade e formação integral para uma proposta de ensino multicultural na EPT.

1.3 Formas de utilização.

Foi construído um plano de aula paradidático que pode ser utilizado ou ampliado pelos os professores de cada disciplina.

PLANO DE AULA ADAPTADO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Professor:		Disciplina: Interdisciplinaridade
Nível:	Modalidade:	
Turno: os três turnos	Data:	Horário:

TEMA

Cosmologia do povo Apurinã.

CONTEÚDOS

Durante a aula, serão abordados conceitos fundamentais sobre aspectos culturais do povo Apurinã, incluindo definições e características. Os alunos terão a oportunidade de explorar a cosmologia do povo Apurinã, como o nascimento do deus Tsura e a formação do Pajé. A aula incluirá a função social dessas narrativas e como elas refletem valores, crenças de diferentes sociedades e constituição da identidade. Por fim, propor uma versão em relação à cosmologia do povo Apurinã.

OBJETIVOS

Objetivos:

O principal objetivo deste plano de aula é proporcionar aos alunos uma compreensão sobre a cultura e cosmologia do povo Apurinã, explorando suas origens, significados e funções na cultura deste povo. Além disso, busca-se incentivar a criatividade dos alunos ao interpretar o mundo do povo Apurinã, promovendo a expressão artística e o imaginário.

Objetivos Específicos:

- Analisar o mito de origem da cultura Apurinã (Cosmologia).
- Compreender a importância do Pajé (Kusanaty), Deus (Tsurá) na formação da identidade cultural.
- Desenvolver habilidades de leitura e interpretação de textos e narrativas locais e regiões.
- Fomentar a criatividade através da recriação do universo/mundo Apurinã.
- Promover o trabalho em grupo e a colaboração entre os alunos.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO

A metodologia adotada será ativa e participativa, começando com uma apresentação expositiva sobre a cultura do povo Apurinã, enfatizando aspectos da cosmologia. Na sequência será um momento de uma discussão em grupo. Os alunos serão divididos em equipes para pesquisar e apresentar uma história indígena regional. A aula incluirá momentos de leitura, interpretação e criação, incentivando a troca de ideias e a construção coletiva do conhecimento. Ainda terá um momento de produção textual em que os alunos recriarão o mito/verdade de origem do povo Apurinã.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Textos e livros sobre a cultura e cosmologia do povo Apurinã.
- Textos apresentando relatos em torno da cultura e cosmologia do povo Apurinã.
- Vídeos curtos que ilustram a história e mitos dos povos originários.
- Materiais para escrita e desenhos, como papel e canetas coloridas.
- Computadores ou tablets para pesquisa online.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

- Atividade 1: Leitura de textos sobre a cultura do povo Apurinã, seguida de uma discussão sobre seus elementos e significados.
- Atividade 2: Pesquisa em grupos sobre a cosmologia do povo Apurinã para a apresentação em formato de cartazes ou slides.
- Atividade 3: Criação apartir de um ponto histórico, cosmológico em relação ao povo Apurinã ou outra etnia, onde cada grupo deve desenvolver uma narrativa, incluindo desenhos, personagens e enredo.
- Atividade 4: Apresentação das produções criadas para a turma, promovendo um momento de compartilhamento e feedback.

AVALIAÇÃO

A avaliação do aprendizado será realizada de forma contínua, observando a participação dos alunos nas discussões, a qualidade das pesquisas e apresentações em grupo, bem como a criatividade e originalidade das produções criadas. Os alunos também poderão ser avaliados através de um breve questionário sobre os conceitos abordados durante a aula.

ALGUMAS REFERÊNCIAS QUE PODEM SER UTILIZADAS

APURINÃ, Francisco Cândido. **O Mundo dos Kusanaty e a Cosmologia Apurinã**. Campos, v. 17, n. 2, 2016.

APURINÃ, Francisco. **Do licenciamento ambiental à licença dos espíritos os “limites” da rodovia federal BR 317 e os povos indígenas**. 2019. 228 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

APURINÃ, Francisco. **Um olhar sobre o cosmos a partir da perspectiva indígena e as consequências da fricção entre os humanos e os não humanos.** Revista da Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais - UFG/CAC . *Emblemas*, v. 17, n. 1, 14 - 35, jan. – jun. 2020.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Povos indígenas do Brasil: Línguas.** Disponível em:

https://pib.socioambiental.org/pt/L%C3%ADnguas#Troncos_e_fam.C3.ADIas.

Acesso em: 11/12/2024.

2 IMPACTO SOCIAL

O referido produto traz pontos plausíveis em relação a cultura cosmologia do povo Apurinã, já que instruí esse livro voltado na linha de pesquisa: Organização e Memória de Espaço Pedagógico em Educação Profissional e Tecnológica, podendo agradar ou não o povo não indígena. Diante de uma análise de um pesquisador indígena Apurinã, esta obra a ser apresentada para a EPT é significativa, pois promove valores como diversidade, respeito mútuo e compreensão intercultural. A inclusão da cultura indígena no ambiente escolar impacta diretamente alunos, professores e a comunidade como um todo. Este impacto social da cultura indígena pode ser analisado em vários aspectos:

2.1 Fortalecimento da identidade cultural

Ao incluir a cultura indígena nos currículos escolares, as escolas ajudam a preservar a memória e os saberes dos povos originários, reconhecendo sua contribuição para a sociedade brasileira. Ao abordar as culturas indígenas, as escolas desafiam narrativas eurocêntricas e coloniais, promovendo uma visão histórica mais justa e inclusiva, estimulando o pensamento crítico. Saberes indígenas, como a convivência harmônica com a natureza e os sistemas tradicionais de manejo sustentável, tornam-se valiosos no ensino de práticas ecológicas.

O ensino da história, da cosmologia, das tradições indígenas reduz estigmas, promove o respeito e desconstrói visões estereotipadas. A cosmovisão indígena frequentemente valoriza a coletividade e o bem comum, ideias que inspiram a convivência pacífica e solidariedade entre os alunos. O contato com a cultura indígena ensina a importância de observar, ouvir e aprender do outro, promovendo um ambiente educacional mais inclusivo e

dialógico. Os estudantes indígenas e não indígenas vão poder ver suas culturas valorizadas, fortalecendo nossa autoestima e engajamento escolar.

Escolas que celebram a diversidade cultural garantem um ambiente menos excludente e mais estimulante, contribuindo para a permanência de alunos indígenas no sistema educacional. A interação entre alunos de diferentes origens culturais enriquece as comunidades escolares e fortalece o tecido social.

Ainda pode acrescentar programas que possam trazer lideranças indígenas para a escola, que promovam diálogos com pais, professores e alunos, reforçando o vínculo escola-comunidade. Fortalecendo o conhecimento dos professores e alunos, para ensinar sobre a cultura indígena, os educadores terão um olhar memorial dos líderes das comunidades, usando esse conhecimento adequado para evitar reforçar estereótipos nas escolas.

A desconstrução de preconceitos requer enfrentamento de resistências, especialmente em contextos onde o desconhecimento predomina. A valorização da cultura indígena nas escolas não beneficia apenas os povos originários, mas também contribui para uma sociedade mais justa, plural e inclusiva. Ensinar as novas gerações a apreciar essa riqueza cultural é um passo fundamental para a construção de uma cidadania global e sustentável.

2.2 Atendimento a Lei 11.645/2008. A importância das sociocosmologia indígena na EPT

A Lei 11.645/2008 que trata da obrigatoriedade do estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, é um importante instrumento para aproximar a EPT da ciência e dos conhecimentos indígenas. Quando comparados à sociedade dos “brancos”, os povos indígenas apresentam características comuns. No entanto, quando vistos de perto, nota-se além das semelhanças, muitas diferenças. E é por isso que atender essa lei representa um avanço para se conhecer as diferenças, respeitá-las e aprender com elas.

Estudantes e docentes da EPT precisam saber que no Brasil há mais 300 povos indígenas, mais de 270 línguas, que cada povo possui sua organização social, sua história, seus rituais, sua cosmologia, sua alimentação, sua forma de produzir e se sustentar. É fundamental conhecer que a Constituição Federal de 1988 garante direitos aos povos indígenas.

Os Apurinã e outras etnias vêm buscando cada vez mais uma educação escolar indígena de qualidade, se formos pensar em um passado de uns vinte anos atrás, muitas coisas

mudaram, a educação era péssima se comparada a de hoje, poucas escolas existiam nas comunidades, professor na comunidade “inventava aula” o aluno fazia de conta que ia escola, essas barreiras de falta de professor eram terríveis para o aprendizado, isso que chamamos de educação escolar sem rumo, mas ao mesmo tempo tem que reconhecer que os povos indígenas são transmissor de conhecimento, mesmo sem ir a escolas conhecidas pelos brancos, porquê a escola de nosso povo é a florestas, a urbana é o complementos de uma educação.

Em relação a uma educação de qualidade que compreenda e se articule às necessidades dos povos originários é necessário, além da inclusão da cultura e língua indígena no currículo, um profissional competente para articular os saberes. Isso seria o ideal de formação multicultural.

A Lei 11.645, promulgada em março/2008, que determinou a inclusão nos currículos escolares da Educação Básica pública e privada o ensino da História e Culturas Afro-brasileiros e Indígenas, faz parte de um conjunto de mudanças provocadas pelas mobilizações da chamada sociedade civil.

Nas reflexões sobre o currículo escolar que tragam de fato para a prática docente as diretrizes da Lei 11.645/2008, é primordial pensar na Educação Profissional e Tecnológica como terreno propício para isso, já que a EPT tem por um de seus pilares mais importantes a direção omnilateral dos temas a serem trazidos para a sala de aula, por meio de uma educação integrada e humanizadora.

Enfim, a população dos povos originários deve ser respeitada, nossa capacidade de colaboração e contribuição na sociedade é de fundamental importância nas ementas pedagógicas curriculares nas escolas.

Aqui, posso afirmar que não é fácil adentrar nas escolas de nível superior e cursar o curso escolhidos, já que alguns indígenas vêm de suas comunidades sem recurso, não conseguem se manter no curso, outra coisa é respeito e a maneira como são recebidos pelas instituições de ensino e colegas, a falta desse amparo, os indígenas se veem desorientados, com isso vão em busca do retorno de seu acolhimento familiar.

Muitas das vezes escuto pessoas falando que não sou indígena, porque não falo a língua do meu povo, mas muitos não procuram saber o que ocorreu de fato. Meus conhecimentos não estão na língua materna, mas sim conhecimento aglomerado pela parte materna e paterna que me ensinaram a conhecer a floresta, os animais, os rios, igarapé, lagos que se encontram ao redor da área geográfica de minha moradia. Sempre tive conexão com a natureza e tudo que existe nela.

Portanto, este livro paradidático vai servir de contribuição de uma parte cosmológica do povo Apurinã nas redes de ensino. Inclusão e conhecimento de um olhar diversificado já!

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

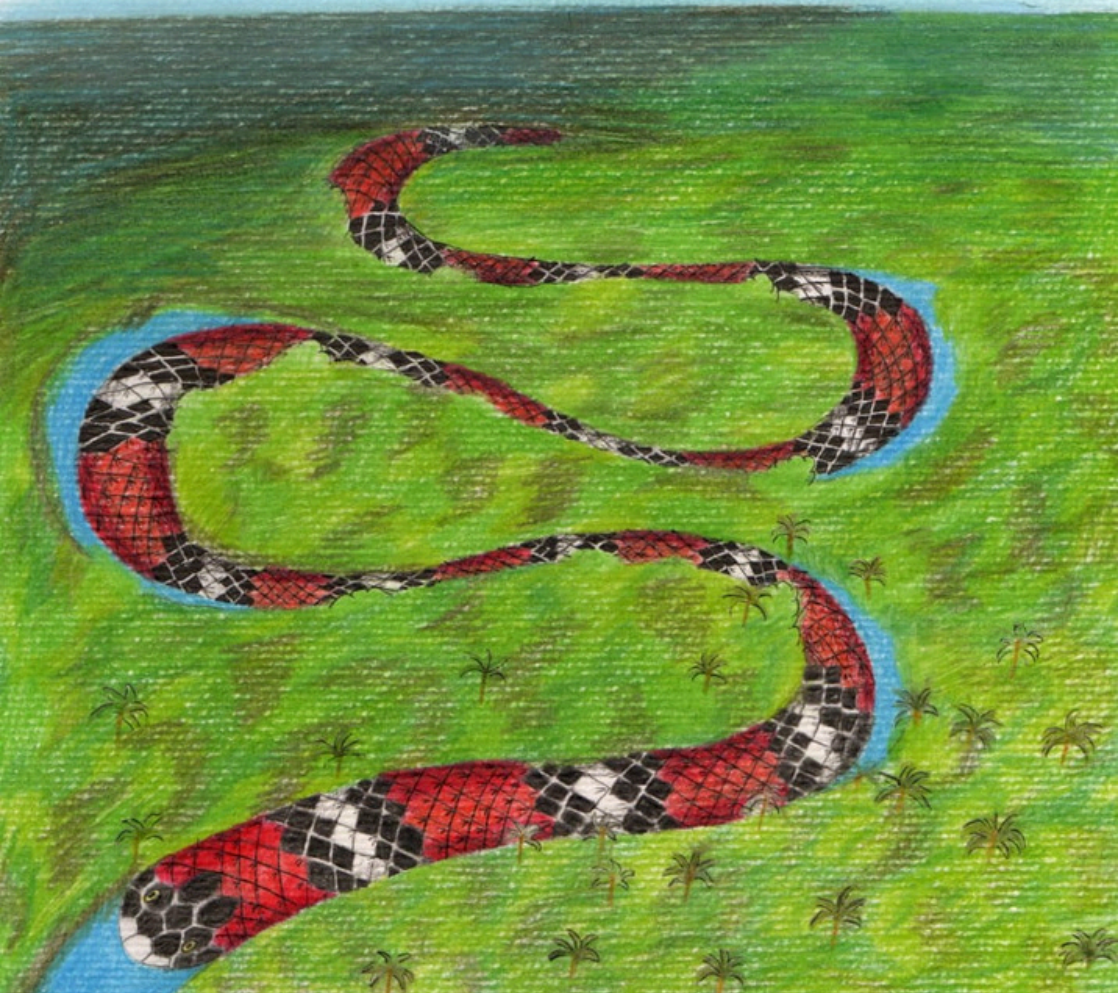
**Contribuições do Povo Apurinã para a
Educação Profissional e Tecnológica**

**Imarutxi yruwãky: Pupykary wãka sikakytxi imarutxi
parikawatximunhi e watxamarutxi**

Antônio Pereira Sobrinho

Lediane Fani Felzke

Sandra A. F. Lopes Ferrari



**ANTÔNIO PEREIRA SOBRINHO
LEDIANE FANI FELZKE
SANDRA A. F. LOPES FERRARI**

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA:
Contribuições do Povo Apurinã para a
Educação Profissional e Tecnológica**

**Imarutxi yruwãky:
Pupykary wãka sikakytxi imarutxi parikawatximunhi
e watzamarutxi**

**PORTO VELHO-RO
2025**



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA (IFRO)

ProfEPT - Programa de Mestrado Profissional em Educação
Profissional e Tecnológica

Organizadoras(es) Antônio Pereira Sobrinho
Lediane Fani Felzke
Sandra A. F. Lopes Ferrari

Colaboradoras (es) Angelita Feliciano
Francisco Marques
Maria Elza
João Batista da Silva
José Inácio da Silva
Maria Batista

Ilustração de Capa Jhenifer Macedo

Design do Produto Ana Cristina Silva Romão
Pedro Ribeiro dos Santos

P436 Pereira Sobrinho, Antônio
Educação inclusiva: contribuições do Povo Apurinã para a Educação
Profissional e Tecnológica / Antônio Pereira Sobrinho, Lediane Fani
Felzke; Sandra A. F. Lopes Ferrari(orgs.) – Porto Velho : IFRO, 2025.

80 p. : il. color.

E-book

Título no idioma Apurinã: Imarutxi yruwáky: Pupykary wáka sikakytxi
imarutxi parikawatximunhi e watxamarutxi

ISBN: 978-65-01-40716-6

1. Educação profissional e Tecnológica. 2. Princípio da
omnilateralidade. 3. Povo Apurinã. I. Felzke, Lediane Fani. II. Ferrari,
Sandra A. F. IV. Título.

CDD 378

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Cleuza Diogo Antunes CRB 11/864

As imagens de vetores utilizadas neste livreto foram obtidas no banco de imagens gratuitas do Google.



O trabalho EDUCAÇÃO INCLUSIVA: Contribuições do povo Apurinã para a Educação Profissional e Tecnológica, de Antônio Pereira Sobrinho, Lediane Fani Felzke e Sandra A. F. Lopes Ferrari está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional.



SUMÁRIO

- 05 Apresentação

- 07 Autoras(es) Entrevistadas(os)

- 16 Meu lugar, minha trajetória

- 23 A vida dos Apurinã no contexto urbano de Lábrea

- 26 Cosmologia Apurinã: Narrativas de Origem

- 34 Nascimento de Tsura

- 41 Narrativa de José Inácio sobre o deus Tsura

- 59 O Pajé Apurinã de acordo com a narrativa do senhor José Inácio

- 72 Contribuições dos saberes indígenas para o mundo dos brancos

- 77 Referências

APRESENTAÇÃO

Esse livro paradidático é resultado de uma pesquisa realizada por mim, **Antonio Pereira Sobrinho**, da etnia Apurinã, do Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, do Instituto Federal de Rondônia – IFRO. Está situado na linha de pesquisa Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos em Educação Profissional e Tecnológica, dentro do Macroprojeto Organização do Currículo Integrado na EPT.

Faço aqui um breve relato das experiências vividas em minha comunidade e na área urbana, bem como as conquistas concretizadas por meio da educação, mas o foco principal são as entrevistas realizadas com seis indígenas Apurinã da zona urbana de Lábrea-AM. Este trabalho foi realizado em colaboração com as professoras Lediane Fani Felzke e Sandra A. F. Lopes Ferrari.

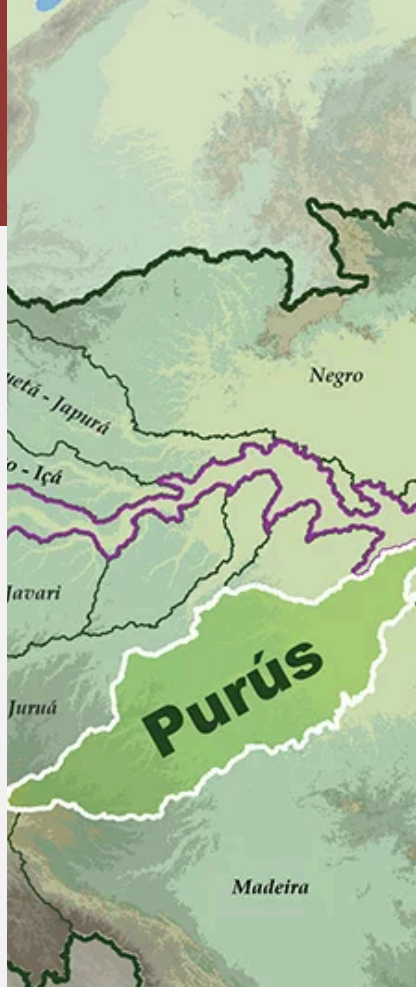


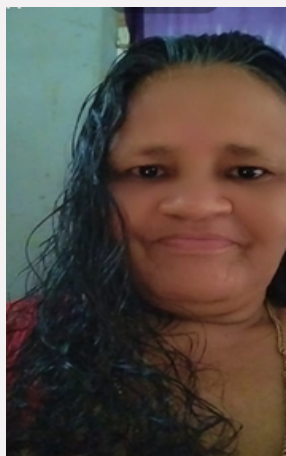
Imagem: Mapa do Rio Purús
Fonte: Águas Amazônicas

Este produto é de grande importância para o ramo da Educação Profissional e Tecnológica, pois traz ao público um conhecimento que pouco se vê nas escolas, o conhecimento cosmológico do povo Apurinã que reside no município de Lábrea-AM.

Os povos indígenas estão em todas as partes do Brasil, afinal já estavam aqui milhares de anos antes do Brasil ser colonizado. Ocorre que muitas mentes são desconhecedoras destes povos. Infelizmente, ainda hoje, muitas pessoas que estão na academia “fecham os olhos” para os povos originários, não mostrando aos discentes de onde nosso Brasil começou a ser construído, então ficamos gratos em poder colaborar. Espero que os professores e gestores gostem deste material, que tenham uma boa reflexão e que ele seja incorporado aos currículos e às ementas das disciplinas dos cursos técnicos dos Institutos Federais espalhados pelo país. Desta forma a rede IF estará contribuindo para a implementação da Lei 11.645/2008 e para o atendimento dos princípios de omnilateralidade e educação integral que compõem as bases teóricas da Educação Profissional e Tecnológica (EPT). O princípio da omnilateralidade diz respeito ao desenvolvimento integral do ser humano em suas dimensões intelectual, prática, ética e cultural.

Aproveito para agradecer a minha família que fez com que eu tenha adquirido alguns conhecimentos de sobrevivência e comportamento durante cada etapa aqui relatada. Agradeço.

AUTORAS(ES) COLABORADORAS(OS)



ANGELITA FELICIANO

64 anos, indígena pertencente ao povo Apurinã.

Morou muitos anos em comunidade ribeirinha, ajudou realizar muitos partos nas comunidades. Sabe fazer crochê, vassoura, abano, peneira, diante de suas falas diz que sempre ajudou a comunidade e família no que sabia fazer de melhor.



FRANCISCO MARQUES

62 anos, apurinã que nasceu em comunidade ribeirinha.

Sempre realizou atividade extrativista com seu pai desde os oito anos, tanto em lavoura, castanhais e seringais. Com uma vida pacata, sempre teve difícil acesso à cidade, relata que sempre trabalhou de modo escravo, explorado pelos patrões. Tudo era negociado da forma destes, sem direito a reclamar, por estarem trabalhando nas terras que eles, os patrões, consideravam suas. Mesmo após construir uma outra família continuou sofrendo com sua esposa e seus filhos, sempre sem direito a nada. Após muitos anos passados, conseguiu arrumar um trabalho junto a equipe da FUNAI, na área de proteção dos povos indígenas. Trabalhando com respeito e dignidade, gosta do trabalho que faz sempre fazendo o melhor para cada povo.

Fala do seu Francisco: *"Eu lembro da minha avó. Ela me contava que a aldeia da família dela tinha sido atacada pelos brancos, mandados pelos coronéis. Quando esse confronto aconteceu, foram capturados alguns indígenas, dentre eles minha avó e uma irmã dela. Ao seguirem viagem desse desastre ocorrido na comunidade, a irmã de minha avó, uma criança pequena, chorava muito, então os brancos contratados pelos coronéis mataram a criança e jogaram fora e seguiram viagem com minha avó. Alguns destes brancos a criaram. Não sei se foi por dó ou como um animal de estimação. Só sei que a partir daí começou-se a montar um novo ciclo para minha família".*



MARIA ELZA

Indígena, pertencente ao povo Apurinã, tem 69 anos.

Veio de uma comunidade que fica dentro do Rio Patereni, afluente do Rio Sepatini, que deságua no Rio Purus. Agora mora um período na cidade e uma boa parte na comunidade próximo a Lábrea, trabalha com agricultura.



JOÃO BATISTA DA SILVA

Mais conhecido como João Baiano, tem 76 anos.

É cacique de uma comunidade próxima a cidade, comunidade conhecida pelo nome de Nova Esperança II. Ele fala um pouco da vida passada:

“Em 1948, na época do ciclo da borracha, veio um baiano aqui no Amazonas. Meus parentes contam que eu tinha acabado de nascer, minha mãe era viúva, meus tios pediram para ela se ajuntar com ele, porque ele era uma cara trabalhador, cortava seringa, então ela se uniu com ele, mas os parente de minha mãe queriam matar ele devido umas confusões de cachaça. Ele estava sendo perseguido. Quando eu completei nove meses de nascido, o baiano foi embora pro estado do Acre.

Eu fiquei no Amazonas com meus tios e primos, nasci no Cai N´água, seringal do Novo Brasil, pertinente ao Rio Sapatini, afluente do Rio Purus, um lago chamado Pirainha. Com mais ou menos cinco anos de idade, fomos para a terra tradicional de meus tios que é lá no afluente do Rio Sapatini por nome de Paterene, quando nós chegamos lá tinha um grande roçado que meus parentes tinham feito.

A mamãe chegou com nós, eu e minhas duas irmãs. Deram um pedaço de terreno para mamãe plantar, então nós plantamos. Convivi lá no meio dos parentes até ficar adolescente. Quando jovem trabalhei como seringueiro, como empregado de gerenciar, vendendo produto do patrão do seringal, recebendo produto e entregando. Quando eu tinha por volta dos 20 anos, saí do Paterene e fui morar no Purus, no seringal denominado com o nome de Bananal do Iutari, já com outro patrão comecei aprender a ler e escrever.

Nessa comunidade me casei com uma filha de um homem branco, minha esposa não é indígena. Em 1979 houve um projeto do Governo Federal, fui convocado para fazer um treinamento de Agente de Saúde, fiz o curso de agente rural, depois o curso de professor rural, fiquei trabalhando na comunidade, depois vim embora para cidade de Lábrea. Quando cheguei aqui em Lábrea, passei um tempo trabalhando, tomei conhecimento que o indígena tinha terra, que podia trabalhar. Até então, eu não conhecia esse órgão chamado FUNAI, procurei saber quem era o responsável, fiquei sabendo que tinha uma vaga de professor indígena. Conversei com meu tio, irmão da mamãe, que morava na Terra Indígena Caititu aqui em Lábrea. Ele me explicou que essas terras foram demarcadas pela FUNAI, foi quando passei a ter conhecimento o que era terra demarcada dos indígenas e dos nossos direitos.

Isso porque de onde eu vim, nós éramos subordinados ao patrão, éramos obrigados a pagar renda de tudo que era produzido. Quando cheguei em Lábrea fiquei cismado com os seringais dessas terras, em falarem que essas terras era dos indígenas, foi então que me dediquei a trabalhar na Terra Indígena Caititu.

Comecei a me envolver com o movimento indígena, encontrando outros parentes. Comecei a perceber que era perda cultural deixar de falar na língua, deixar de dançar entre outras coisas. Isso é um prejuízo para nós, se somos um povo, temos que ter nossa cultura viva. Então eu me dediquei e montamos um programa, “Sou Bilingue”. Esse programa “Sou Bilingue” foi feito para incentivar e ensinar os indígenas que se interessam em falar a língua aqui na cidade. O pouco que eu aprendi fui aos poucos aprimorando, fazendo mais estudos. Hoje sou professor bilíngue indígena na cidade de Lábrea.”

MARIA BATISTA

Apurinã, indígena, pertencente ao povo Apurinã, tem 56 anos.

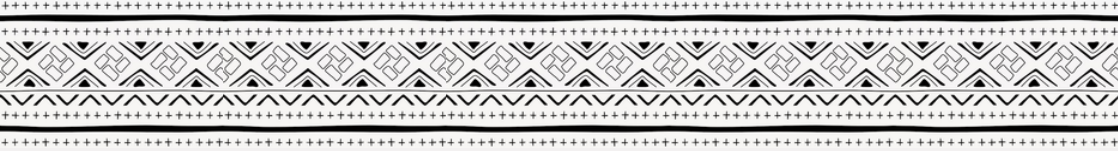
Vem de uma comunidade chamada por nome de Canakuri dentro de um igarapé que é afluente do Rio Purus.



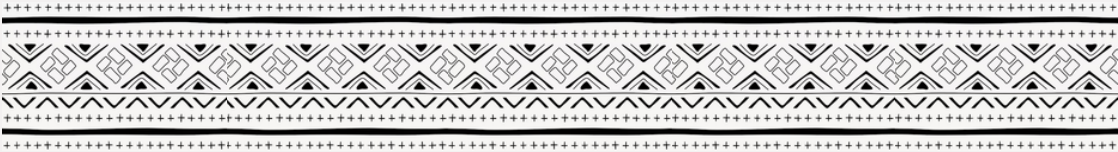
JOSÉ INÁCIO DA SILVA

Se apresenta assim: “Como as pessoas mais me conhecem, o meu nome completo é José Inácio da Silva, tenho 68 anos de idade, sou indígena, pertencente a etnia Apurinã.”

“Eu vim de uma aldeia do alto Paterene, afluente do Rio Sapatini, do alto Purus. Anteriormente eu era seringueiro, vivia da extração do látex. Com a queda da borracha, eu vim embora para cidade por um tempo. Sou casado, pai de dez filhos, tenho casa na cidade. Mas pelo fato da gente não ter como se manter na cidade, porque nós vivemos mais da plantação, como mandioca, abacaxi, banana, essas coisas assim, atualmente vivo na aldeia. Na cidade nós não temos como plantar, já na comunidade tem bastante espaço para plantar. A minha casa na cidade deixei para meus filhos que já tem grau de escolaridade e trabalham ali. A gente continua na aldeia porque lá é mais saudável, mais ventilado. Para a gente aqui é muito quente, aqui tem que ser no ar condicionado e isso gasta mais dinheiro”.



Ao ouvir essas histórias de vida de cada participante, vivenciadas nas comunidades e na cidade, já se pode perceber a relação desrespeitosa conosco indígenas. Há períodos marcantes em nossas vidas, provocando não apenas o deslocamento das comunidades para a cidade, mas também o ataque e o extermínio de parentes em uma determinada época, que sofreu com invasão dos brancos. Percebe-se que os indígenas eram vistos como barreiras ao dito desenvolvimento, miragem que ainda hoje “prevalece”.



Os indígenas, ao mesmo tempo que falam suas histórias de vida, falam de seus trabalhos escravos, cedidos aos grandes coronéis, donos de barracões. A vida e a exploração pelos brancos se misturam. Trabalhavam na retirada da sorva, na quebra de castanha, no corte das seringueiras, não eram tratados com respeito nas colocações em que residiam e ainda eram enganados no preço de seus produtos e mantimentos que adquiriam como forma de suprir suas necessidades. Além disso, eram obrigados a pagar aluguel, “porcentagem da produção feita durante o tempo que trabalham nessas terras”, das estradas de seringa que cortavam ou dos castanhais.

Podemos observar os relatos de vida descritos pelos próprios entrevistados a partir de quando vieram pra cidade e notar a semelhança das histórias, o não acesso a escolas, a sensação de não ser bem aceito, bem como muitos não tiveram estudos em relação a própria cultura.



Imagem: Seringueira
Fonte: Mundo Educação

1. MEU LUGAR, MINHA TRAJETÓRIA

Eu, Antônio Pereira Sobrinho, união estável com Maria de Nazaré, sou da etnia Apurinã. Na língua Apurinã meu nome é Ākiti, que significa onça. Nascido em Lábrea-AM, sou o primeiro filho homem, em relação a mais dois irmãos e quatro irmãs, de uma união estável entre Francisco Raimundo e Maria Pereira, ambos agricultores, e sou grato pelos meus pais.

Sobre a minha formação, sou Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado do Amazonas (2015), Graduado em Enfermagem (UNIP, 2023), Especialista em Educação Ambiental e Sustentabilidade (UCAM-2020), Especialista Saúde Indígena e Mestre no programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), pelo Instituto Federal de Rondônia (IFRO-2022), programa que deu origem a este produto educacional.

Imagem: Comunidade Ribeirinha
Fonte: Comunidades Amazônicas



A pesquisa aborda os conhecimentos de indígenas Apurinã residentes em contexto urbano do município de Lábrea/AM. Sua população é de 45.448 habitantes de acordo com os dados levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022, sendo que destes, aproximadamente doze mil se autodeclararam indígenas. Esses dados tornam Lábrea um dos municípios com maior porcentagem de indígenas no Brasil. O estado do Amazonas, por sua vez, concentra uma população de 490.854 indígenas.



LÁBREA/AM

Fonte: Portal do Amazonas

A cidade de Lábrea está localizada no sul do estado do Amazonas, na região chamada de Médio Purus, que abrange também os municípios de Canutama e Tapauá. Os povos da região são atendidos pelo Distrito Sanitário Especial Indígena do Médio Purus (DSEI) e pela Coordenação Regional da Fundação nacional dos povos indígenas (FUNAI) do Médio Purus.

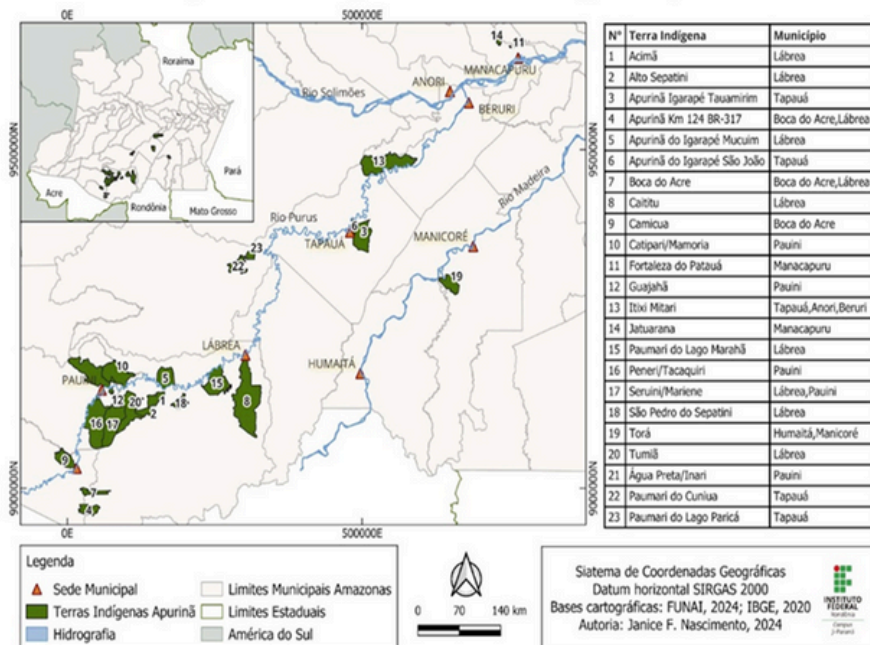
Lábrea fica à distância de 854 km de Manaus. O acesso a Manaus e Porto Velho é feito por via aérea, rodoviária e fluvial. Por via rodoviária a cidade mais próxima é Humaitá, cerca de 200 km por estrada com pavimentação e sem pavimentação (Transamazônica) e BR 319. As principais atividades econômicas do município são a agricultura e o extrativismo vegetal e animal, sendo a borracha, a castanha, a farinha e o óleo de copaíba seus principais produtos.



Fonte: Idesam

Segundo o site do Instituto Socioambiental (ISA), em 2003 haviam aproximadamente 5100 Apurinã. Atualmente os três municípios da calha do Rio Purus abrangem uma população de 5259 indígenas Apurinã vivendo nas aldeias e 2415 os que moram na zona urbana, totalizando uma população de 7707 Apurinã. Então, se formos comparar, a população Apurinã teve um aumento expressivo nos últimos anos. Mas os Apurinã não estão localizados apenas no Médio Purus. O povo vive em 23 Terras Indígenas distribuídas em nove municípios como mostra o mapa a seguir.

Mapa de localização das Terras Indígenas Apurinã



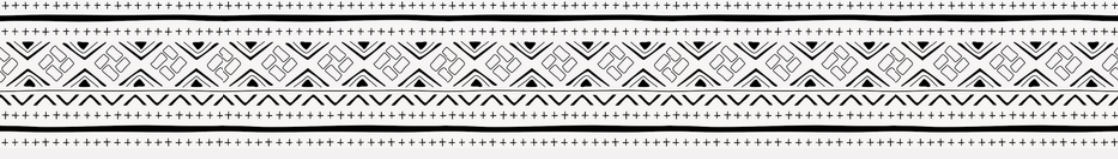
Terras Indígenas Apurinã. Fonte: IFRO

Essa pesquisa foi realizada junto a seis Apurinã que vivem na cidade de Lábrea e se dispuseram a contribuir com seus conhecimentos. Para mim foi uma experiência plausível diante da fala de cada colaborador, os mesmos mostraram o quanto foi difícil suas caminhadas até a cidade e conseguir espaço na sociedade, cheia de preconceito. A narrativa de cada um me mostrou o quanto os Apurinã lutaram e o que tem para contribuir para sociedade, mesmo com as dificuldades encontradas de alguns por nunca ter entrado em uma escola, mostrou experiências de vida acumuladas cheia de aprendizado adquirido na floresta e na comunidade.

As narrativas tratam da sociocosmologia Apurinã. Ouvindo os colaboradores, eu pude me aprofundar sobre o Deus dos Apurinã, Tsura, sobre o pajé com suas curas xamânicas. A troca de conhecimento minha com outros Apurinã foi o pontapé de vida para eu reconhecer onde eu estou agora, um Apurinã da comunidade para cidade, da cidade para faculdade.

Faço minhas as palavras de Francisco Apurinã (2020) quando ele fala do desconforto que causa nos pesquisadores indígenas o fato que ao longo dos anos, as pesquisas etnográficas têm atribuído a nós indígenas e, sobretudo, à classificação histórica continuamente reproduzida que coloca o não indígena como pesquisador e o indígena como “objeto de pesquisa”, inclusive nos excluindo do papel de interlocutores.

Com base nos relatos, vamos apresentar a história de vida dos participantes e a minha. Os seis colaboradores, embora residam em Lábrea, não deixam de frequentar a aldeia, alternando entre a vida na cidade e na comunidade tradicional. A faixa etária dos participantes varia entre 62 e 76 anos, sendo que maioria deles relata não ter tido acesso a oportunidades de estudo, enfatizando que suas prioridades foram voltadas ao trabalho ao longo da vida. Essa ausência de formação escolar gerou um sentimento de exclusão social, que foi expressamente relatado.



Como já destacado, as histórias de vida dos participantes, que são reais e impactantes, revelam um padrão comum de deslocamento das comunidades indígenas para as cidades. Como consequência deste deslocamento, passam por situações adversas, como trabalhos não remunerados, exclusão social e a ausência de garantias para uma vida digna. Os relatos evidenciam as dificuldades enfrentadas pelos indígenas ao deixarem suas terras e tradições em busca de oportunidades nas áreas urbanas, refletindo em um contexto de marginalização, onde muitos se veem a abandonar suas raízes e modos de vida.

Logo, com o material informativo constante neste livro, pretendo fazer um breve resumo da minha trajetória pessoal e dos participantes que são de fundamental importância, de formação cultural e cosmológica. Para isto, foi necessário pensar a respeito de diversas questões que têm relação direta com passado e presente de cada participante, para que não venha desrespeitar a fala e o tempo de cada um, assim, estabelecem relação com o futuro no meio da sociedade, cada colaborador cedeu autoria de descrever um pouco de seus conhecimentos de nossa cosmologia e cultura.

Aqui lhe apresento um desenho de uma **comunidade**, feito por Francisco Filho, também pertencente ao povo Apurinã.



Comunidade Indígena: Desenho de Francisco Filho

2. A VIDA DOS APURINÃ NO CONTEXTO URBANO DE LÁBREA

Podemos denominar cultura como o conjunto de símbolos compartilhados pelos integrantes de determinado grupo social e que lhes permite atribuir sentido ao mundo em que vivem e às suas ações (Tassinari, 1995). Dado a isso, direcionamos perguntas relacionadas à cultura, segundo os entrevistados, a cultura indígena é considerada importante e deve ser fortalecida entre o povo e transmitida às futuras gerações.

Ainda falando sobre a cultura, podemos destacar o conhecimento do povo indígena Apurinã sobre o uso de **plantas medicinais** como um aspecto essencial de sua cultura, herdado e praticado ao longo das gerações. Ao serem questionados sobre esse tema, os entrevistados mencionaram plantas como: amora, algodão, boldo, abacate, corama, agrião, mastruz, jatobá, copaíba, andiroba, alfavaca. Afirmando que essas plantas são utilizadas como calmantes, anti-inflamatórias e no tratamento de diversas doenças. Podemos notar que o conhecimento sobre essas plantas é uma prática ancestral, ainda preservada por muitos membros das comunidades.

Outro aspecto cultural é o uso do **rapé**, conhecido como uma medicina sagrada. Quando questionados sobre o conhecimento do rapé, muitos comentaram que seu uso era exclusivo do pajé em rituais de cura.

Nessa amplitude, os entrevistados falam dos conhecimentos que possuem do Kusanaty (pajé) e do Deus Tsura. As três mulheres entrevistadas, falam que o trabalho do pajé era de cura, ia para floresta em busca de se preparar com seu mestre, para que pudesse fazer um bom trabalho. O povo Apurinã é um povo guerreiro e valente.

O povo Apurinã vivia na floresta, se alimentando das frutas e de animais da natureza, não usava essas vestimentas que utilizam hoje. Uma entrevistada falou que viviam conforme o que a natureza lhes oferecia.

Nessas observações percebi que cada uma delas tinha conhecimento do Kusanaty e de sua importância na comunidade.



Elas contam que a cultura estava entrelaçada com língua, crença, organização e pajelança, acrescentaram ainda que as mulheres tiravam cipó da natureza para fazer peneira, paneiro, vassoura, faziam ainda sainhas de palha. A alimentação era e é garantida pelas roças em que se plantam mandioca, milho entre outros alimentos e também a busca por frutas.

Os três indígenas colaboradores realçam esses conhecimentos. Falam sobre Deus Tsura, mas dois deles aprofundam mais esse conhecimento do Deus dos Apurinã. percebi que é muito parecido com o Deus dos brancos com algumas modificações culturais. As mesmas perguntas que foram feitas para as mulheres, eles também responderam.

Através dessas reflexões, fica evidente que a valorização dos modos de vida e da cosmologia é um desafio a ser enfrentado com esforço coletivo e comprometimento da comunidade.



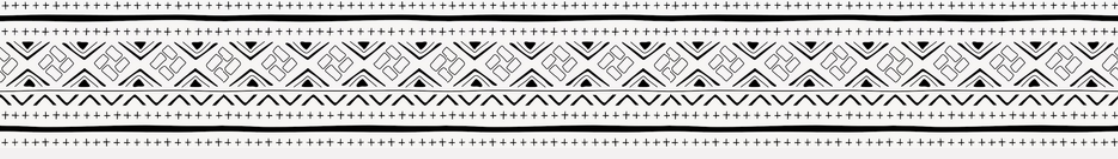
Imagem: Medicina Indígena
Fonte: Ministério da Saúde

3. A COSMOLOGIA APURINÃ: NARRATIVAS DE ORIGEM



Ilustração de Jaider Esbell

A cosmologia Apurinã é um mundo ainda cheio de mistério a ser desvendado. Durante as entrevistas realizadas com os colaboradores, percebi que alguns trazem um pouco desse mundo misterioso, revelando que os Apurinã não estão contidos em um único grupo, mas são divididos em suas crenças e sua espiritualidade, que incluem o Kusanaty, o Deus Tsura e a influência do mundo dos brancos. Como observa Viveiros de Castro (2002), essa multiplicidade de crenças reflete uma cosmologia que é dinâmica e adaptativa, evidenciando a interação constante entre tradições ancestrais e influências externas. Essa diversidade interna destaca a complexidade da cosmologia Apurinã.



Um dos elementos centrais da cosmologia Apurinã é a figura de **Tsura**, descrito como o Deus criador e o principal regente do universo espiritual. Os entrevistados mencionaram que o conhecimento sobre Tsura é transmitido principalmente pelos mais velhos, embora reconheçam que o saber sobre essa entidade tenha se tornado fragmentado ao longo do tempo. Essa percepção está em consonância com o que Viveiros de Castro (1986) observa sobre as cosmologias indígenas na Amazônia, onde a transmissão oral é fundamental, mas muitas vezes suscetível à erosão diante das pressões externas, como a influência das religiões não indígenas.

Tsura, na cosmologia Apurinã, desempenha um papel vital como a entidade criadora do cosmos e mantenedora da ordem natural. Ele não apenas criou o mundo físico, mas também organizou o espaço espiritual, onde espíritos e forças da natureza interagem com os seres humanos. É dito que Tsura tem a habilidade de controlar tanto o ciclo da vida quanto o ciclo da morte, representando a figura de um "Deus supremo" dentro da tradição Apurinã. Viveiros de Castro (1996) argumenta que muitas cosmologias indígenas da Amazônia concebem os deuses como intermediários entre os seres humanos e os animais e Tsura parece desempenhar esse papel ao reger os ciclos naturais e espirituais.

3.1. JORNADA DE YAKUNERO, MÃE DE TSURA

Três colaboradores realçam o conhecimento sobre o Deus Tsura, porém apenas dois prolongam sua fala no conhecimento do Deus dos Apurinã. João Batista da Silva narra a história do seu conhecimento recebido pelas pessoas de sua comunidade.

O espírito da mata que vive em buritizal. Tsura é um mito cosmológico dos povos Apurinã, que nós comparamos como o que seja Deus ou Jesus Cristo, o Salvador do mundo, ele gerou assim misteriosamente. A história conta que tinha uma viúva, que tinha uma filha jovem, por nome de Yakunero, essa jovem durante a noite, era visitada por uma pessoa, só que ela não sabia quem era. Então decidiu fazer uma estratégia para descobrir quem era, ela preparou tinta e foi acariciar essa personagem à noite, quando apareceu, melou o dedo com tinta e passou na cabeça, no corpo, mas ela não percebeu nada disso. Quando foi no outro dia, ela foi procurar quem estava pintado com aquela tinta, não viu ninguém, quem ela encontrou pintada com aquela tinta foi o mexicano, que é uma ferramenta de aspirar rapé, que tem a ver com espiritualidade e divindade. A pessoa inspira o xinan que é o rapé, para ter contato com a divindade. E assim, o que estava melado de tinta era o mexicano, e o que aconteceu? Misteriosamente, neste relacionamento, a Yakunero saiu gestante. Quando perceberam que ela estava gestante, a mãe ficou toda decepcionada, sem saber como que ela saiu gestante, porque não tinha marido, era uma donzela (João Batista da Silva, 76 anos).

Outro ponto interessante sobre Tsura é a sua flexibilidade interpretativa. Diferentes grupos e indivíduos Apurinã podem interpretar Tsura de maneiras variadas, o que resulta numa cosmologia fluida e plural. História semelhante foi narrada por Francisco Apurinã (2016), onde, no desenrolar da história do surgimento de Tsura, Yakunero, mãe de Tsura, não engravida por ter se relacionado com o “mexicano”, mas por desobedecer às ordens de Musa, a coruja. Essa desobediência resultou em sua gravidez e a impediu de entrar na terra sagrada. Essa variação é comum nas cosmologias indígenas, conforme Viveiros de Castro (1996), que desenvolve o conceito de “perspectivismo ameríndio”, no qual os deuses e espíritos podem ter várias perspectivas e formas, dependendo de quem os observa. Entre os Apurinã, essa característica se reflete na maneira como as histórias sobre Tsura são contadas: alguns o veem como uma figura paternal e benéfica, enquanto outros associam sua imagem a forças da natureza que devem ser respeitadas e, por vezes, temidas.

Além disso, a influência de Tsura na cosmologia Apurinã pode ser vista na maneira como os eventos naturais, como enchentes, secas e epidemias, são interpretados pela comunidade. Muitos Apurinã acreditam que esses eventos estão diretamente relacionados à vontade ou aos humores de Tsura, que pode estar respondendo ao comportamento humano.

Embora o termo “omnilateralidade” não seja de uso direto e conhecido para o povo Aripuanã. Eles compreendem que não há uma separação entre humanos, animais, plantas e seres espirituais. A omnilateralidade na cosmologia Apurinã é, portanto, a expressão de um modo de viver e compreender o mundo que recusa a fragmentação.

O território de Aripuanã não é visto sob a perspectiva capitalista ou consumista. Ao contrário, todos os seres que neles habitam, compartilhamos uma relação de interdependência e respeito mútuo (Apurinã, F., 2019).

Nós, Apurinã, estamos na terra desde o começo do mundo, como meu pai me contou, como meu avô contou para ele, como meu bisavô contou para meu avô [...]. Tsurá, nosso criador, deu vida aos diferentes seres que existem na natureza: aqueles que vivem na terra, aqueles que vivem na água, aqueles que vivem no ar e ainda aqueles que moram no céu, no mundo dos encantados e no mundo debaixo da terra. Desde então, aprendemos a cuidar das coisas que ele deixou desde o primeiro dia, retirando da natureza somente o necessário como ele nos ensinou; respeitando sua criação, porque até os animais falam conosco e merecem respeito.

Muitos desses animais são nossos próprios parentes. Tsuru também deu para os Apurinã o conhecimento que permite saber quando eles são animais que podemos matar para comer, e quando nós devemos respeitar como nosso parente. Desde então, aprendendo a cuidar das coisas que ele deixou desde o primeiro dia, retirando da natureza somente o necessário como ele nos ensinou; respeitando sua criação, porque até os animais falam conosco e merecem respeito. Muitos desses animais são nossos próprios parentes (F. Apurinã, 2019).

Karl Marx refere-se a formação omnilateral, em que o desenvolvimento completo do ser humano abrange todas as suas dimensões. Marx não utiliza explicitamente o termo "omnilateralidade", mas o conceito está presente em suas obras ao tratar da emancipação humana, da superação da alienação e da formação de sujeitos plenos, capazes de desenvolver múltiplas dimensões de suas capacidades. De acordo com Souza Júnior (2010, p. 86 e 87), a formação omnilateral depende de relações não alienadas entre homem/natureza/trabalho. Ribeiro et al. (2016) ampliam essa visão ao sugerirem que um sujeito omnilateral é aquele que consegue romper os limites impostos, criando novas formas de modificar a natureza e alcançar atividades superiores.

Quando levamos para o contexto da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), essa formação omnilateral se torna ainda mais relevante, pois a EPT vai além da mera da simples profissionalização e capacitação técnica. Segundo Arroyo (2019), a desarticulação entre a formação básica e a formação profissional, resulta em um modelo de educação que fragmenta o saber e limita o desenvolvimento pleno do indivíduo. Assim, de acordo com Frigotto e Ciavatta (2012), educação omnilateral não é um processo natural dado à parte do ser humano, mas sim uma construção histórica e social que exige relações educacionais livres de alienação.

Após descobrirem que ela estava grávida, os pais e avós de Yakunero que eram anciãos da época, não queria que isto acontecesse, uma mulher sair gestante de um desconhecido ou sem saber como saiu gestante, então os parentes de Yakunero mantiveram em segredo. Apareceu um homem da família dos macacos parauacu cabeludo, ficou desconfiado que aquela moça estava gestante, mas não tinha certeza. Em um determinado momento, ele pediu para que ela o catasse, tirasse o piolho da cabeça dele, ela não podia dizer não, tinha que fazer, era ordem. A mãe de Yakunero levou ela com cuidado e conduziram um pouco de carvão para enganar o puruacu. Ele, muito tranquilão, quando chegou um determinado momento acabou o carvão, e Yakunero não teve outra alternativa senão estalar o próprio piolho. A mulher gestante já é cheia de problemas, e já estava forçada a estar ali.

Quando ela estalou no dente, ela vomitou, ele pulou fora e descobriu que ela estava gestante, não teve outro jeito ele acionou os outros do grupo. Todos concordaram para não matar ela, alguns falaram que tinha que matar, então a partiram e tiraram a placenta que jogaram no mato. Só que a placenta com o cordão umbilical enrolou em um algodoeiro. E ficou lá. (João Batista da Silva, 76 anos)

A jornada de Yakunero, mãe de Tsura, destaca a complexidade das relações entre os Apurinã e suas divindades, especialmente Tsura, central em sua cosmologia. A história revela a flexibilidade interpretativa que permeia a figura de Tsura, vista de maneiras diversas pelos grupos Apurinã, refletindo uma cosmologia rica. A gravidez de Yakunero, resultante de um relacionamento misterioso, gera desconfiança entre seus parentes e eventos trágicos que moldam a identidade de Tsura.

Essa ligação entre o humano e o divino evidencia a crença de que fenômenos naturais estão conectados às ações humanas. A placenta de Yakunero, ao se enroscar em um algodoeiro, simboliza a intersecção entre vida, morte e espiritualidade, enriquecendo a compreensão do papel de Tsura e ressaltando a importância das narrativas orais na preservação da identidade cultural dos Apurinã.

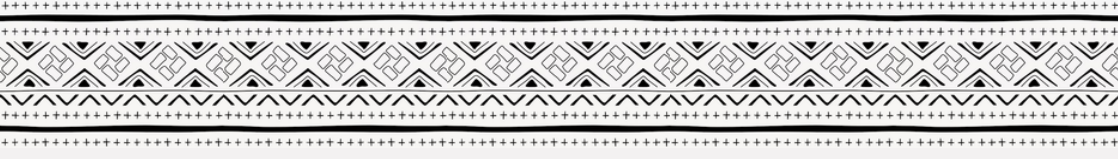
4. NASCIMENTO DO DEUS TSURA



Ilustração de Eron Teixeira

João Batista da Silva narra sobre o Deus Tsura, o nascimento que ocorreu em um cenário de tragédia, marcado pela morte de sua mãe, Yakunero. No entanto, essa tragédia contrasta com a bondade demonstrada pelos parentes de Yakunero, que trazem um elemento de compaixão à história.

Este algodoeiro ficava próximo do caminho, eles andavam de casa para a mata e para a roça. Quando foi de dia, mãe de Yakunero, e a avó dele ouviram um piado, ela foi ver, aquela placenta tinha se transformado num ninho, um ninho de pássaro, com três passarinhos, dois passarinhos fortes e um mais magrinho. Ela levou eles, dava de comer, mantinha eles preservados. Ela está indo contra a vontade dos puruacu, porque sabia que se eles tivessem conhecimento da situação, os puruacu iriam matar eles, pois pertenciam a Yakunero. De repente os passarinhos se transformaram em três crianças, que ela tratava como netinho, sei que eles foram crescendo, ficando maiores, e resolveram se vingar (João Batista da Silva, 76 anos).



O nascimento do Deus Tsura, conforme narrado por João Batista da Silva, aborda temas da cosmologia indígena, como a conexão entre a natureza e o ciclo de vida. A placenta de Yakunero se transforma em pássaros, que viram crianças, simbolizando a continuidade espiritual e física. Essa metamorfose reflete resistência e renascimento, onde a bondade dos parentes de Yakunero contrasta com a brutalidade dos Paruacu, que ignoram o poder da natureza.

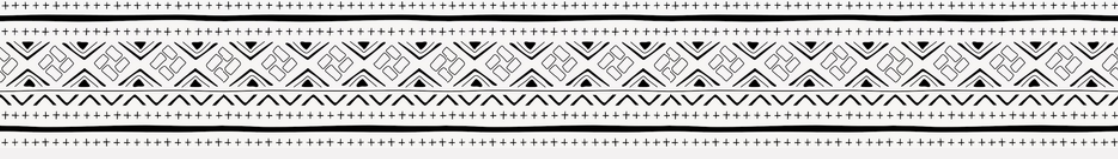
Conforme narra João Batista da Silva, Tsura e seus irmãos logo descobrem a verdade sobre o que havia acontecido com sua mãe. Indignados, elaboraram armadilhas para se vingar de sua morte e exterminaram todo o grupo de macacos.

Esse episódio, assim como outros acontecimentos da saga de Tsura, requer uma análise que vai além dos objetivos deste livro. Por enquanto, é importante explorar a origem e a nomenclatura de tudo o que existe atualmente na Terra.

4.1. O INÍCIO DA CRIAÇÃO DE TSURA: O CRIADOR E A SERPENTE

As criações do Deus Tsura são marcadas por atos poderosos que moldam o mundo natural e a existência dos Apurinã. Após seu nascimento, Tsura assume um papel central na formação do universo, dando origem a elementos fundamentais como os rios, florestas e animais. Ele cria a vida em harmonia com a natureza, estabelecendo as bases para o equilíbrio e a interconexão entre todas as criaturas.

Tsura e seus irmãos foram comer castanha, era castanha de cortinha, coisa assim. E aí, foram beber água no igarapé, jogaram um pouquinho de castanha na água, as piabas foram comer e fazia um som, inhaque, inhaque, mastigando. O nome deste negócio é make, por isto que castanha em Apurinã é make. Dois deles foram tirar castanha, mas as castanhas ainda não estavam caindo. Enquanto eles estavam fazendo o serviço, mandaram Tsura ir buscar água lá no igarapé para eles beberem, ele já tinha ido algumas vezes no igarapé, ele tinha jogado um tipizinho próximo da água, quando ele voltou, esse tipizinho tinha se transformado em uma cobra, ele ficou olhando a cobra, aí pediu para a cobra engolir ele, meteu os dois pés e disse: me engole, me engole. então a cobra abriu bem a boca e começou a engolir Tsura bem devagar (João Batista da Silva, 76 anos).



A história continua revelando a estreita conexão entre Tsura e os elementos da natureza. Ao ser engolido pela cobra, Tsura não sucumbe ao destino comum, mas transforma o evento em um de seus feitos criativos. Essa ação reflete a habilidade de Tsura de controlar e modificar o mundo ao seu redor, tornando-o parte integrante das forças naturais. Como muitas narrativas míticas indígenas, a interação entre Tsura e a cobra simboliza uma transformação, onde o Deus não apenas sobrevive, mas se funde com o ambiente, reafirmando seu papel de criador e moldador do universo natural e espiritual dos Apurinã.

4.2. TSURA E A JORNADA DA CRIAÇÃO: DO VENTRE DA COBRA AO CÉU

A jornada de Tsura, o grande criador na cosmologia Apurinã, é marcada por uma série de transformações que refletem seu papel divino na formação do mundo natural. Desde seu misterioso nascimento até os feitos extraordinários que moldaram rios, florestas e seres vivos, Tsura atua como um Deus em constante interação com os elementos da natureza, como bem ressaltou José Inácio da Silva.

A cobra coral ficou grande, já tinha terminado de engolir Tsura, então desceu naquele charcosinho (uma pequena poça) de água. Aí a coral vai se transformando em grande, vai aumentando o tamanho dela, conforme aumentava a cobra, o rio aumentava, cada curva que ela fazia, transformava as curvas do rio mais grande. Cada vez que a cobra aumentava de tamanho, a turma tinha mais trabalho pra matar ela, mas não deu jeito. A cobra ficava passando por baixo e por cima, cada canto que a cobra passava os rios iam se fazendo, assim foi feito o rio Purus e outros rios. quando foram achar meio pra matar a cobra, ela já estava no mar. Durante este tempo a população estava trabalhando para achar meios pra matar. Até acharam arirambinha, aquilo era um pajé, viram que ele tinha um biquinho, aquilo era arpão a arma dele, então perguntaram para ariramba, você rapaz, será que poderia dá um jeito de arpoar aquele bicho que levou o nosso mestre, para nós matar?, ele disse, rapaz, eu não

tenho poder para nada. Mas o rapaz, com esta arma dá para você fazer isto, vamos lá experimentar. Quando chegaram a cobrona estava lá boiada, os que estavam no seco escutava os barulhos, batia a ferro, trabalhava de machado, aquela danação era dentro da cobra. Levaram o rapazinho, a gente vai experimentar arpoar, arpoar ela e segurou, gritaram pela moçada, botaram para matar e mataram (José Inácio da Silva, 68 anos).

Esse episódio demonstra a importância da colaboração entre Tsura e os seres da natureza, que juntos realizam façanhas que moldam o mundo. A serpente, inicialmente uma ameaça, se transforma em um elemento crucial da criação, e o próprio ato de matá-la marca o fim de um ciclo e o surgimento de algo novo: a formação dos rios e da geografia que conhecemos. A intervenção da ariramba, um animal pequeno e aparentemente insignificante, revela a sabedoria presente nas criaturas menores e reforça a ideia de que o poder criador de Tsura está distribuído na natureza em diversas formas, muitas vezes inesperadas. Dessa forma, Tsura e seus aliados não apenas vencem a serpente, mas completam mais um estágio na construção do mundo Apurinã.

A cobra ficou flutuando, foram tentar puxar a cobra para a beira, os Apurinã foram lá todos tímidos, mas não conseguiram, não era a vez do índio não.

A turma dos brancos trabalhava, colocava a mesma forma, contava 1, 2, e 3, já era, arrastaram a cobra, colocaram no seco, abriram, fizeram uma porta e Tsura saiu, foi tirar material de dentro, onde tinha canoa, casca, espingarda, essas ferramentas assim. Então era a vez dos Apurinã escolherem com o que eles queriam ficar, o transporte. O Apurinã viu, achou melhor foi o remo e a casquinha, e o não índio ficou com a canoa mais forte. Para a arma, tinha arco e flecha, e espingarda. Perguntou qual você quer? Nós vamos ficar com o arco e flecha. Os branco, vem para cá a espingarda. Assim por diante, os indígenas sempre procuravam a coisa mais simples, mais fácil. E sempre dando aquela coisa mais forte, e de mais poder para o não índio. Quando Tsura encerrou tudo isto, a obra, ele foi, subiu para o céu. A escada que ele subiu, existe na mata, que nós chamamos de escada de cipó jabuti, pois é. Então aquele cipó foi a escada que ele subiu, foi para o além, ele está lá sempre construindo” (João Batista da Silva, 76 anos).

Um dos momentos mais simbólicos dessa trajetória é seu encontro com a serpente, onde, ao ser engolido, ele não apenas sobrevive, mas utiliza esse evento para continuar sua missão criadora. Dessa união com a cobra, Tsura emerge como uma figura ainda mais poderosa, consolidando sua presença como aquele que transforma e equilibra o universo. Sua ascensão ao céu, pela escada de cipó jabuti, marca o encerramento de sua jornada terrena e o início de uma nova fase, na qual ele continua a construir e sustentar o equilíbrio cósmico dos Apurinã.

S. NARRATIVA DE JOSÉ INÁCIO SOBRE O DEUS TSURA

Percebe-se que a narrativa dos colaboradores segue as mesmas linhas de pensamento, mas é admirável o modo de falar de cada um. Até para mim é admirável, pertencço ao povo Apurinã, mas não tinha esse conhecimento, sei que o povo Apurinã tem o Deus conhecido como Tsura, mas não tinha conhecimento de toda essa história. José Inácio conta:

Eu quase não tenho conhecimento, porque eu era criança quando meu pai era historiador Apurinã. Ele contava sobre a criação do mundo e como surgiu o povo Apurinã, como surgiu a vida de Cristo, como foi o nascimento de Cristo, ele me falava isso, a história quase idêntica a dos brancos. No povo Apurinã alguns contam que a raça humana pode ter vindo dos macacos, tá então da família de macacos. Sabe qual o macaco? É aquele que chama veinho, parauacu.

Imagem: Macaco Parauacu
Fonte: Mundo Ecologia



O parauacu mesmo. É daquela família que vem os indígenas, os Apurinã. Quer dizer, não é bem Apurinã, mas o Apurinã vai sair desse meio. E esse povo que é da família do parauacu tinha algumas mulheres, essas mulheres que foi uma das mães de Jesus, eu não sei contar essa história bem, qual foi a origem dela, quem era mesmo os pais dela, não sei. Eu sei assim, meio despedaçado, essa mulher que foi a mãe de Jesus, na época, elas eram duas mulheres, duas jovens, diz que uma foi estuprada, essa perdeu valor, desmundou, não sei que fim levou, aí ficou só ela.

Ela ficou sozinha, e pegou um varador que disse que ia para um lugar que não tinha homem, então ela foi para lá, quando chegou no determinado lugar, ela arranjou a agasalho, e aí de repente, em espírito apareceu um homem, mas na verdade não era um homem físico, disse que quando se via ele só era a cabeça, mas o corpo não tinha.

A mãe desse camarada que é só cabeção arranja um casamento para os dois, a menina fica pensando, eu não quero esse casamento, a mãe do cara que era só cabeça disse, se você não quiser meu filho, não tem problema, mas você não pode ficar aqui, pode ir embora daqui. Então a jovem pegou o pique (começou a andar pela trilha) e começou a sentir coisas estranhas. Ninguém sabe se teve relação com cara que só tinha cabeça, mas mesmo assim continuou a andar a varador (trilha) a fora, sem saber que estava gestante.

Ela foi em busca de outro povo que pudesse ajudar. A mulher que tinha ofertado o filho dela para se casar com a jovem, disse para ela que lá na frente tinha um caminho com dois tipos de pena um de japó e outra de papagaio. A mulher disse, você segue o caminho que tem a pena de japó, o de papagaio você não segue, porque lá estão seus inimigos.

Ela respondeu, tudo bem. Dizem que quando ela chegou lá, avistou a pena de japó, mas dizem que, pela natureza, a pena trocou de posição, então foi parar no meio dos inimigos dela, o povo que era parente do homem que só tinha cara. Lá ela encontrou justamente o grupo dos macacos, então chegou a mãe da família dos macacos. Ao ver a mulher, ela já a conheceu, vixi você anda fugida com medo de um casamento que você foi prometida, aqui também tem seus intrigados que são parentes dele, você não pode ficar aqui. A jovem disse, poxa e agora para onde eu vou? Por enquanto a gente escolhe um lugar para você ir embora, sobe aqui que o pessoal está para chegar da caçada, se eles topam com você aqui vão querer lhe matar. Nessa altura a jovem já estava gestante. Quando a mulher está gestante tem enjojo (ânsia de vômito), cospe muito e vomita. De vez enquanto ela sentia essas situações. A velha que a recebeu sabia de tantas coisas, ela disse, faz o seguinte, pega um caquinho de aguidar de barro (material feito de barro, como uma pequena cuia). A velha colocou uns pedacinhos de carvão perto dela porque já sabia que a jovem estava gestante.

A velha diz para a jovem, quando vir os enjoos, você cospe aqui nesse vaso, para não descer o cuspe embaixo. Dizem que a jovem ficou lá no sote (parecido com um forro de uma casa). Quando chegaram os caçadores, que era a turma das macacadas, comeram as frutas que trouxeram e se deitaram de cara para cima e outros jogados de lado, com a demora deles, a jovem continuava cuspendo no vaso de barro.

O vaso que ela estava cuspendo ficou muito cheio, então transbordou e caiu em cima de um deles, então ele olhou, olhou e viu a jovem lá no sote. Ele disse, ah é você que está aí é, e continuou, ah você estava foragida, mas quero você para ser minha mulher, ele disse, vem me catar. Naquela época para conquistar tinha que catar, aquele que ela se agradasse podia ficar, colocou ela para catar ele.



Desenho de Francisco Filho

Os piolhos dos macacos parauacu era parecido com os rola-bosta (besouro), a velha tinha dado os materiais para ela, carvão, cuia de barro e instruções. O macaco disse para a jovem, você vai me catar, quebra todos os piolhos com dente. Ela pensou, agora o negócio pegou. Ela pegava, tirava o rola-bosta do cabelo dele, pegava o carvão e estalava no dente e jogava fora, nessa situação já tirados vários piolhos e estrelado vários pedaços de carvão, o carvão acabou, então ela não teve outra opção, tirou o rola-bosta e estalou ele no dente, mas ela não aguentou, ela começou a escarrar, o macaco olhou para ela e disse, é por isso que você não quer a gente, porque você tem nojo da gente, pois você vai morrer, então mataram ela.

Mataram ela e a cortaram em pedaços, para poder comer. No momento que estavam cortando a mulher, perceberam que ela já tinha o feto. Eles falaram, ela estava prenha (grávida), aquele negócio todo. Eu só sei que cortaram, tiraram o feto e jogaram. Nesse momento o feto enrolou no galho de algodoeiro, ali ele ficou.

Essa placenta com feto ficou lá. Saiu três personagens que na língua portuguesa seriam pai, filho e espírito santo. O próprio Jesus na língua Apurinã é chamado de Tsurá. Eu não lembro o nome dos outros. Eles eram três. Jogaram lá, era um espírito da natureza, era Deus. Eles viam tudo. Os macacos pegaram a mãe deles, esquartejaram, assaram, amoquinham. Nesse momento eles estavam prestando atenção, qual era o primeiro que ia comer ela.

Após os macacos jogarem a placenta mãe de Tsuru contendo três filhos, os filhos ficaram observando bem para ver qual seria o primeiro macaco que ia comer sua mãe. Ele disse, é aquele lá. Foi passando, os outros foram comendo e tal. Ele disse, esse daí foi depois, esse foi depois. Era uma família inteira. Aí tá bom, então tá certo. Os macacos parauacu gostavam de caçar, caçar fruta e tal. E tinha essa velhinha que queria proteger a mãe de Tsuru, mas ela não saía de casa. A velha trabalhava em crochê de envira. Estava trabalhando o dia todo em crochê. Até que ela deu fé daquela ninhada de passarinho, três passarinhos no ninho, lá no algodoeiro, a velhinha pegou os três para criar.

Pegou, trouxe e criou, em uma cambuquinha (como se fosse uma cuia), aqueles passarinhos. Ela dava de comer com alguma coisinha e foi criando. Com alguns dias, eles se transformaram em crianças. Os passarinhos voavam, quando chegava era em forma de criança, ela se admirou, mas de onde vocês vêm?, nós estamos morando com a senhora vó, eles chamavam ela de vó.

Então quando chegava a noite, eles se transformavam em passarinhos de novo e ficavam em seus ninhos, e aí foram crescendo, então eles começaram a matar os seres malignos que mataram a mãe deles, foram matando um por um, e o primeiro que comeu da mãe deles, eles mataram de laço.

O outro mataram com breu, o breu de sova quente, na hora que o breu tá quente, inventaram uma brincadeira lá. Diz que jogava na boca um do outro, chegou um desses que comeu, a mãe deles, disse o rapaz, vocês têm uma brincadeira bonita. Eles disseram, sim, sim, é porque nós somos crianças, mas nossa boca é pequena, mas você que é adulto, você pode pegar um bolão grande desse daqui. Será, rapaz? Então vamos experimentar. O abestalhado abriu o bocão e meteu dentro, eles bolaram um breu quente, jogado na boca dele, morreu sufocado. E assim foi.

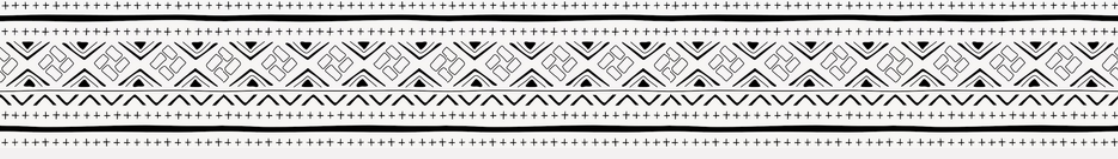
O outro, eles mataram com peso do cacho de anajá (uma espécie de palmeira), e assim foi indo, até que eles chegaram no veterano mesmo (o primeiro macaco que tinha comido a mãe deles), e um deles disse, esse daí, como é que nós vamos fazer? Esse daí é o último, mas nós vamos achar um jeito. Eles tiraram o mel de abelha, da cera, eles fizeram um negocinho como uma árvore, deixaram lá num canto, num galho de pau, lá transformou em um **cancão** (espécie de pássaro), isso aqui é bom, então eles pegaram essa cera, colocaram lá no caminho, aonde o pessoal ia passar.



Imagem: Pássaro Cancão
Fonte: Portal da Zoologia

Então as crianças botaram essa cera no caminho e prepararam uma armadilha. Quando eles ouviram o canto dos macacos, eles se esconderam e entraram no buraco das casas das cigarras. Ele mesmo, o próprio Jesus entrava lá, e os outros voavam que nem periquito. O cara vinha na caçada e tal, viam os periquitos no cacho de açaí, eles metiam a zarabatana, estava um pouco distante. Eles derrubavam, que na época não tinha roupa, mas eles tinham aquela tanga, chamada tanga de envira (material tirado da casca da árvore), que só cobria a frente das partes íntimas, tinha cordinha de amarrar, como diz os brancos, ele bodocava (parecido uma pochete ou bolsa) os periquitos, aquele que caía, o homem pegava, botava, prendia na corda da cueca dele, assim, prendia, derrubava. Até que ficou rodado de periquito, que ele estava derrubando.

A corda da tanga dele torava, quando ele ia perceber, os periquitos voavam, a gente disse, rapaz, que negócio é esse, deixa de mão. Foi embora, quando ele chegou lá nas armadilhas, observou uns laços, o que é isso. Meteu um terçado e a armadilha disparou, mas não pegou nada, foi para frente e a armadilha do mesmo jeito, disparou, não deu nada.



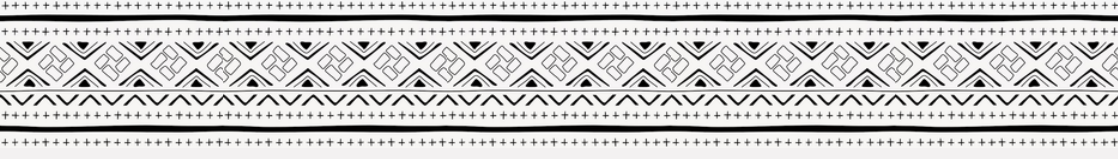
Já lá na frente havia uma armadilha feita de fina envira, ele ficou olhando e disse, essa não vai dar em nada. Quanto chutou, entanizou na perna dele (quando uma pessoa enrola uma corda em uma das pernas). Agora lascou mesmo. Tentou tirar com a outra, amarrou o outro pé, ele ficou entanguido (as duas pernas presa, todo amarrado). Agora vai sair, puxou com a mão, aí amarrou a outra mão, não é possível, ele puxou com a outra, amarrou também, ficou amarrado o pé e mão. Ele alarmou por socorro. Nessa hora eles se transformaram em gente, o que botou a armadilha, que era Deus, ele saiu de dentro da casinha da cigarra.

Tsura gritou pelos outros, o rapaz chega aqui, ele tá aqui, tá pego já, e os outros vieram. Então deram um jeito de que o vento participasse, convidaram o vento. O vento veio, o cara que fez mal para mãe deles já estava amarrado pé e mão, estava no laço, aquele pau de açoite, levantou ele. O vento veio e deu nos paus. Então ele morreu de pancada. Então eles disseram: e agora?. E agora?, disse, agora nós vamos tratar dele, nós vamos ver o que vamos fazer, tá.

A cabeça, ele fez aquele que o pessoal chama melabigode (uma fruta pouco conhecida na cidade, um pouco doce e azeda), e o olho, ele fizeram a **pitomba** (fruto com doce leve), o pau da venta (nariz) fizeram a cajurana, parece uma castanha de caju, do dente, ele fez aquele angico (fruto parecido com ingá) que os porcos gostam de comer, assim foram fazendo tudo, não se perde nada, da tripa fizeram o marimari (fruto parecido co a ingá, mas dentro da casca, cada fruto se parece com uma pilula de vitamina C, fruto com doce leve), os rins eles fizeram aquele loura abacate (uma árvore bonita, muitas pessoas tiram sua madeira para fazer casa), o coração fizeram outra fruta que não me lembro o nome, o meu pai ainda comia essa fruta, ralava, misturava com massa puba pra comer, tipo um abacate grande e redondo, da parte intima dele, eles fizeram o uchi (fruto bastante consumida nas comunidade, algumas pessoas usam sua casca para fazer chá), do saco do ovo eles fizeram o piquiá (fruto consumido considerado muito bom e apreciado pelas comunidades indígenas e ribeirinhas), e assim sucessivamente eles foram fazendo as coisas.

Imagem: Fruta Pitomba
Fonte: Diário do Nordeste





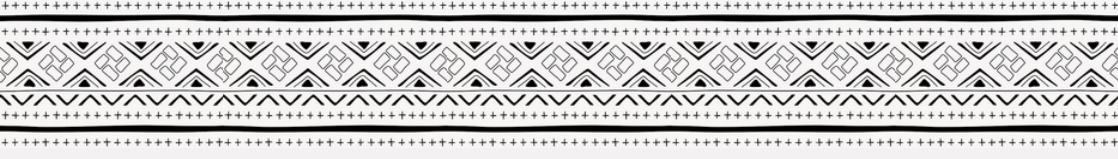
As crianças foram para casa, ao chegarem perceberam a preocupação da velha, que estava preocupada com sumiço dos homens que tinham desaparecido, a velha procurava quem deu o fim no pessoal que não apareceu mais. As crianças já um pouco crescidas nem ligavam, até que um deles deu um peido, pronunciou o nome de um homem que era justamente esse que mataram. A velha virou, olhou para ele e disse, foi vocês que mataram fulano, o outro que estava dormindo acordou, acordou o outro, pularam fora, a veia disse foi vocês mesmo, pegou facão, queria a cortar eles, correram no caminho, o caminho do porto.

Era um igarapé grande, tinha uma ponte, atravessaram na ponte e a velha veio atrás brabinha. Quando chegou na ponte, ela botou para atravessar também, quando chegou no meio da ponte, eles foram lá e balançaram a ponte. A velha não se atentou e soltou o terçado, ela se humilhou. Então a velha disse aos meninos, vamos tirar meu terçado. Eles mergulharam e tiraram um poraquê, mergulharam e tiraram o jacaré, mergulharam e trouxeram o surubinho. Aí pronto. Não, não, não tem nada aqui não. O que tem aqui é isso, então tá certo, quando ela voltou, eles bateram palmas.

Ela correu, virou uma cutia preta e começou o som de roedor, rote, rote. Diante de toda essa confusão a velha tinha uma neta, que vinha chorando com pena da senhorinha. Tsura toma uma decisão e transforma a jovem menina em uma pequena inambu, lá no mato tem uma inambu, ela tem um assobio penoso, a inambu surulinda. Depois eles ganharam o mundo.

Eles começaram trabalhar, fazer tudo que a natureza e o homem precisam. Segundo o meu pai, que contava isso. Ele disse que foram para um canto, acharam um tauarizeiro (árvore), grande, grosso, começaram nele. Eles botaram uma média de 25 cinco homens para derrubar aquele tauari antes do dia amanhecer, porque na hora que aquele tauari descesse no chão, aquele tauari ia ser o mar, a galhada dele era para ser os afluentes.

O Deus Tsura era o carregador d'água para os trabalhadores, eles batalharam a noite toda e não derrubaram o tauari (árvore), o dia já amanhecendo. Meu pai disse que tem um lugar, aqui próximo de Lábrea no alto Ituxi, lá tem uma pedaceira de pau (pedaços de madeira), tudo virado em pedra, o cavaco do tauari que eles tiravam.



No momento que Tsura carregava os cavacos de pau, ele colocava os cavacos em ordem, assim, que era pra quando o tauari caísse, todo aquela matéria da árvore ia virar queixada, meu pai conta que lá tem jacaré, pedra, lá onde ia ser o mar, tá lá o navio de pedra, o boto de pedra, tá tudo lá, meu pai contava isso. Eu nunca vi. Então todo esse negócio lá é quando eles saiam pra trabalhar.

Eles desgostaram porque os homens que eles botaram não resolveram nada. Ele ia embora. De que jeito? Ele pegou a palhinha que ele estava carregando água, uma palha de tucumã (o olho do tucumã), teceu um tipitizinho (objeto feito de palha trançada) soltou lá. Esse tipiti que ele teceu virou uma cobra coral. Ele começou a cutucar com o pé, continuou cutucando até que a cobra mordeu o pé dele. Ele disse, eu não acredito que esse bichinho vai me comer. Então, ele disse, me engole, me engole. A cobra já tinha engolido um pé. Eu quero ver se tu vai me engolir mesmo. Botou o outro pé. Só sei que a cobra continuava engolindo ele. Quando já estava para terminar de engolir, o povo chegou e sentiu a falta de Tsura. Quando terminaram de chegar, a cobra já tinha engolido ele.

A cobra coral já ficou grande, já tinha terminado de engolir Tsura. Então desceu naquele charcosinho de água. Aquele charco, onde o coral vai, cada volta que a cobra dava, virava as voltas dos igarapés. Aí a coral foi se transformando em grande, foi aumentando o tamanho dela, conforme aumentava a cobra o rio aumentava, cada curva que ela fazia, transformava as curvas dos rios cada vez maiores.

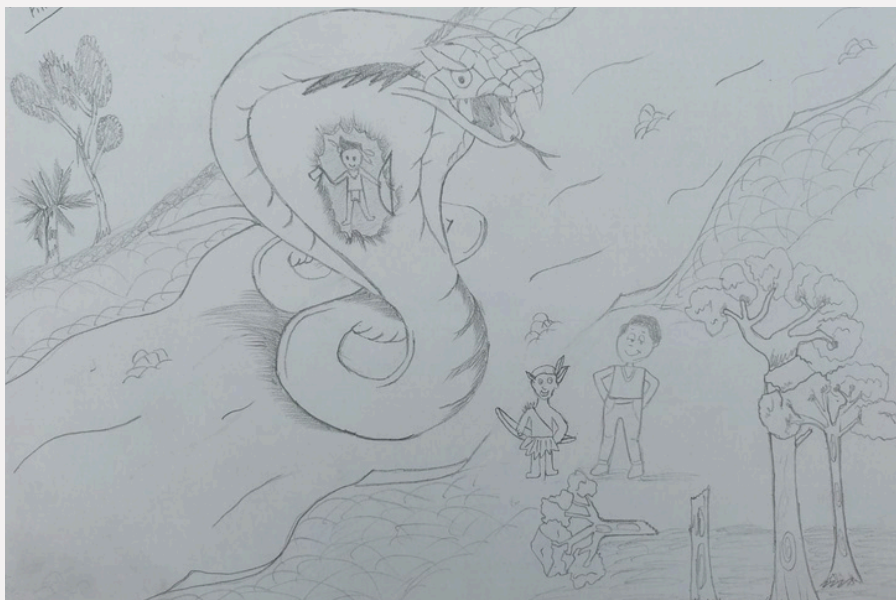
Quanto mais a cobra aumentava, mais trabalho a turma tinha para matar ela. Tentaram matar ela e não conseguiram, botaram armadilhas de todo jeito. Chegou numa posição que diz que eles acharam a itã (concha de água doce), pegaram essa concha enterraram no igarapé do Ituxi, tentaram obstruir a passagem, mas a cobra coral passou por cima do pau que tinha próximo. A itã não deu jeito. Agora a água nesse local passa por baixo e por cima. Por isso, aqui em Lábrea, tem um lugar onde o rio se dividiu em dois.

No verão a água ficava passando por baixo e no inverno por cima, cada canto que a cobra passava os rios iam se fazendo, assim foi feito o Rio Purus e outros rios. Quando foram achar um meio para matar a cobra, ela já estava no mar, acharam ela. Durante esse tempo a população estava trabalhando para arranjar um meio para matar, porque a cobra tinha levado o companheiro, o mestre que ajudava eles.

Até que acharam, acharam aquela arirambinha (pássaro que gosta de como peixe na espera) meio vermelhinha, só vive mais concentrada, aquilo era um pajé. Acharam a arirambinha com as trairinhas moquinhadas, viram o pássaro com um biquinho afiado, aquilo era arpão, como uma arma. Perguntaram para ariramba: você rapaz, será que você poderia dá um jeito de arpoar aquele bicho para nós matar, que levou o nosso companheiro, o nosso mestre.

A arirambinha disse: rapaz, eu não tenho o poder para nada, mas com essa arma dá para você fazer isso. Foram lá experimentar. A cobra estava lá boiada, os que estavam no seco escutavam barulhos, escutavam batia de ferro, trabalhava de machado, aquela danação lá, era dentro da cobra, levaram o rapazinho, a gente vai experimentar arpoar (atirar um arpão, jogar uma lança). Então a arirambinha arpoou e segurou, gritaram pela moçada, vamos lá, vamos matar essa cobra. Mataram. Vamos puxar para o seco, vamos puxar para o seco.

O povo Apurinã puxou errado e não conseguiu. Venceu o tempo deles, dos Apurinã. Então veio outra turma, agora de brancos, a turma dos brancos amarrou o bicho, contava um, dois, três já, e todo mundo fazia força igual, assim puxaram o bicho pra praia. E agora, como é que nós vamos fazer?. Antes de encontrarem meio para cortar a cobra, abriu uma porta. E o homem que estava engolido saiu, cumprimentou o povo e tal, chamou todas as nações, Apurinã, Paumarí, Jamamandí, Jarawara, e outros.



Desenho de Francisco Filho

Tsura priorizou os indígenas: vocês têm prioridade. Desembarcou, puxou tudo para fora da cobra, todo o material que hoje existe machado, terçado, motor, barco, grande, barco pequeno, arma, fuzil, metralhadora, todo tipo de arma, tudo já tinha lá, priorizou os indígenas. Vocês têm prioridade, escolham o que vocês quiserem aqui para governar a vida de vocês.

Dizem que o Apurinã chegou lá e disse: eu vou logo escolher o meu. Saiu pegando e foi em grupo, pegaram o motor de centro, rabeta, o motor de ferro, mas os outros disseram, não rapaz, esse aqui é muito pesado, não tem quem carregue, vamos deixar, vamos procurar outras coisas. Foram escolher e acharam o remo, esse aqui é bom. Tinha cada tanjão (arma) de ferro e os barcos de ferro, madeira, tudo tinha.

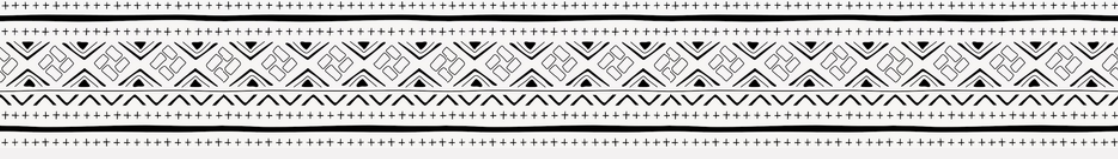
O Apurinã escolheu a casca de jutaí (árvore que tem uma casca grossa, essa casca retirada da árvore e, é utilizada nas comunidade indígena como canoa, pequena embarcação). Esse aqui é bom, porque se eu me enganchar (encaixar) levo para qualquer lugar, junto com o remo. A arma, ele pegou o arco e disse, esse é bom. Quando pegou armas de ferro achou muito pesado. Eu quero esse arco e flecha que são maneiros.

Poxa vida, assim ficou. O indígena só governa arco, flecha, casca de jutaí, depois que ele viu que o Apurinã não estava com nada.



Depois Tsura chamou os brancos. Os estrangeiros escolheram logo aquelas máquinas pesadas, é arma pesada, as canoas grandes, os barcos grandes de ferro, as armas de ferro. Por isso hoje eles são donos disso, eles governam isso.

Imagem: Árvore Jutaí
Fonte: Tecnologia e Floresta



Jesus ficou desgostoso com os indígenas Apurinã e disse, vou largar eles de mão, agora vou embora, mas vou botar uma escada para quem quer subir. Ele foi para o pai e, ao chegar lá, deixou uma ordem. Quando alguém precisasse da ajuda dele, podia ir até lá, subir pela escada. Aí não parava de ir gente, até que o pai disse, desse jeito não vai dar certo, o povo vai subir e não vai morrer ninguém, preciso de uma maneira de mudar esse povo, senão isso vai até quando?. Preciso que alguém morra para que eles desocupem o lugar para outras gerações. Então o pai cortou, derrubou a escada e a escada do céu virou o cipó jabuti (espécie de cipó cheio de curvas encontrado na floresta). Aí ficou só a palavra, quem precisasse dele podia chamar por ele pedindo ajuda.

6. O PAJÉ APURINÃ DE ACORDO COM A NARRATIVA DO SENHOR JOSÉ INÁCIO

O pajé é um indígena de grande importância para a comunidade, ele faz com que a comunidade se sinta mais protegida contra ataques de doenças ou “pode se tornar um inimigo”. Nessa parte da cosmologia percebe-se a dificuldade que os indígenas da comunidade teriam que passar para que pudessem adquirir os conhecimentos de um pajé.

Diante desta cosmologia, de um mundo cheio de mistério, vem junto o pajé, o mundo dos Kusanaty que não deixa de ser uma parte de nossa cultura. A maioria dos entrevistados não sabem dizer se ainda existe pajé no povo Apurinã. Diante das entrevistas realizadas vou descrever um pouco esse mistério.



Imagem: Indígenas, Terra e Água
Fonte: CFEMEA

Segue a narrativa de José Inácio Apurinã:

“Eu não tenho conhecimento, assim, ao vivo, mas eu tenho por informação de histórias que meu pai contava, quanto à espiritualidade que o pajé trabalhava. Hoje eu não tenho nenhum conhecimento mais de que tenha um pajé Apurinã, porque meu pai contava muita história de pajé Apurinã e muita história de tudo. Inclusive meu avô era pajé. Não vi mais aqui em canto nenhum a história que meu pai contava. Ele contava que o pajé tem uma espiritualidade que ele consegue com a natureza. Ele (o pajé) passa por uma transformação, ele passa por um processo de estudo também, com a natureza. De preferência tem que ser solteiro, não pode ter namorada, relacionamento. Ele vai ter só o professor dele, outro pajé, aí ele vai ter um lugar reservado no mato, ele vai para o mato, lá é feito um banquinho para o cara que vai ser pajé. Quem faz todo esse processo é o professor dele, o pajé velho, o anterior. Ele faz um banquinho de um rolo de pau ou um girauzinho (uma área que fica fora da casa feito de madeira, palmeira) pra ele se sentar, ele leva água e folha pra mascar, essas duas coisas. A folha é chamada de kapupara (planta). Ele vai estar lá o dia todo, coloca um pouco na boca e fica remoendo aquilo. É só ali naquele canto, sem sair, só escutando. O que ele pode fazer é beber uma água”.

Nessa parte da história cosmológica percebe-se o início de escolha e dificuldade que um dos indígenas da comunidade teria que passar, para que se pudesse conseguir adquirir os conhecimentos de um pajé. Observando tudo que estava ao seu redor.

“Ele é aconselhado para que qualquer remorso que sentir, ouvir, não olhar. Então ele vai ficar ali, do jeito que o professor dele deixou, vai estar lá, vai estar só mastigando aquela folha. Caso ele escute algum barulho atrás, tem que mastigar bem as folhas, pode mastigar. Vai aparecer, uma personagem. A personagem aparece, quem é essa personagem? Segundo a história de meu pai, que era a história do meu avô, que ele contava para o meu pai, se ele olhar para trás e quando ver o remorso, ele vai se deparar com a onça, mas se ele ficar na posição que o mestre deixou ele ali, quando ele passar para a frente dele, ele vai estar neutro. Então ele vai falar com ele na língua Apurinã. Vão conversar, ele se apresenta como um enfermo, pede para o aluno lá curar ele. O aluno responde, ‘eu não sei de nada, eu não sei de cura nenhuma, eu não entendo o negócio de cura’. O professor fala, você tá bom de fazer uma cura. O personagem fala para o garoto: ‘eu tenho um problema tal e tal. Eu sei que você cura essas coisas’. O cara fica por ali enrolando e ele diz, ‘não, eu sei que você sabe. Se você não quiser me curar, eu sei que você sabe. Você quer ver? Faz isso aqui’. Ele ensina o rapaz. No que ele mexe a boca, diz que a coisa sobe nele, em forma de uma pedra. Então diz para o jovem pajé, ‘isso é uma pajelança’. Aquilo ali é o espírito justamente da onça, que vai ter o poder dele fazer as coisas com aquele mistério”.

O antropólogo Francisco Apurinã (2019, p. 138) já havia registrado em sua pesquisa que:

Como é afirmado em inúmeras narrativas indígenas, recontadas por muitos etnógrafos em seus trabalhos, os animais antigamente falavam. Contudo, devo dizer que muitos deles continuam falando – isto é, se é que posso chamá-los de animais, uma vez que eles, tanto quanto os kusanaty, na verdade vivem em regime de permanente metamorfose, ora se apresentando como gente, ora como animal. Mesmo depois de sua fase vital enquanto gente, os kusanaty continuam vivendo em corpo de animal, porém com os mesmos poderes de antes, e mantendo a mesma relação com sua aldeia. E quando me refiro aos “bichos da mata”, a menção é aos muitos animais que um dia foram gente e hoje conseguem atingir as pessoas com graves doenças; suas vítimas mais comuns são as crianças, por serem as mais vulneráveis.

Então ele recebe aquela pedra, o doente vai olhar e dizer, você disse que não sabia, mas você é o tal. Você tirou essa doença de mim, você tem conhecimento. Parabéns para você. O jovem fala, onde eu jogo isso aqui?. O professor fala, não jogue. Use para você, guarde para você.

O jovem pajé colocou a pedra no busto (abdome) para que pudesse realizar novas curas. Ele encalca aquela pedra e some-se, ele se despede e já vai embora. Isso, ele vai fazer por várias vezes durante o mês. Passado já um mês, terminou o mês naquele processo.

Em outro mês, já entra com outro processo, ele vai ficar naquele mesmo canto, com aquela cambuquinha (tijela feita de barro), com um pouquinho d'água, com aquelas folhas, é o mesmo ritmo que ele estava lá. Ele só vai para casa, no final da tarde, vem de manhãzinha, trazido pelo professor, ele chega lá, senta-se, e passa o dia lá, só mastigando aquela folha, já se passou o mês.

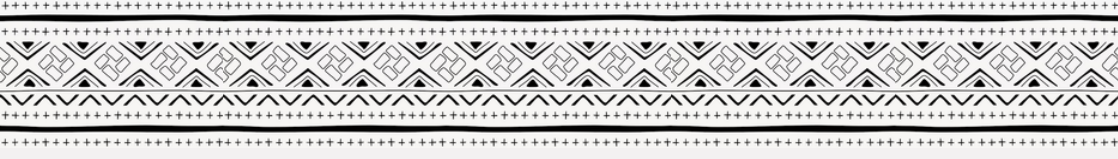
Ele entra no outro processo, ele vai ficar lá, mas tem outra instrução, é aconselhado pelo mestre. O mestre diz, olha, você vai ficar aqui. A história é essa, não vai se assombrar com nada, não se assuste, porque se você se assustar, você não funciona, você tem que ter coragem. O pajé velho diz, agora não vai vir mais nada por trás de você, não vai vir mais nada assim. Você vai ouvir de longe. O que vier, você não tenha medo. Seja firme aqui nessa folha, bota água, bota na bochecha e mastiga bem. Porque é uns animais que vão vir, tá bom?. Ele fica lá, já passados alguns dias, cinco dias em diante do mês que ele começou.

O novo pajé vai estar lá e vai escutar o latido de cachorro, como se estivesse correndo atrás de algo. Ele se apressa para fazer espuma daquela folha que ele está mastigando também. Porque se ele não se importar com aquilo, aqueles animais, aqueles cachorros, pode se transformar em animais diferente e devorar ele, quanto mais ele mastiga e se esfregar com aquela água, com aquela folha nas mãos, o bicho vai vir. Quando os cachorros vêm, o jovem vai estar naquele processo, ele não se apavora.

Os cachorros, quando chegam, em vez de querer tragar ele, eles se embriagam com aquela folha e aquela água. Ele não pode pegar nele porque ele está mastigando também, o cheiro daquela folha não deixa o bicho ferir ele. Então todos eles ficam embriagados ali, sem efeito. Logo depois lá vêm o dono gritando, pouco depois ele chega. Chega em forma de pessoa.

Ele fala com ele. Pergunta o que ele está fazendo. Ele está ali curtindo só a vida e tal. Não, eu sei que você está fazendo alguma coisa aqui. Eu ando lutando pela vida, o jovem responde. O homem fala, eu estou cheio de problemas, de doença, eu estou doente e você vai ter que me curar, você está no processo de aprendizado. Ele responde para aquela imagem de pessoa, então tá.

A imagem em forma de pessoa se apresenta de novo, eu estou doente e tal, não sei o que é, dói em todas as partes do meu corpo. O pajé jovem vai e mete a boca de novo. Quando ele mete a boca, a pedra some de novo, que até engasga, ele joga fora. A imagem fala, ah, você é bom curador, sempre estarei vindo. O pajé velho fala, esse espírito vai ficar durante o mês todo, o segundo mês, vai estar vindo outro, cada um tem características diferentes. Um tem o cabelinho duro, o cabelo duro e o bigode duro, que é o símbolo da onça, é o timbre da onça, porque a onça tem o bigode duro, vem o outro com a carinha chata.



O que vem primeiro é a carinha chata, nariz não é afilado e tal, não tem barba, não tem nada. Ele vai curar ele, vai chupar a pedra, do mesmo jeito que fez com o primeiro. O velho pajé fala, guarda a pedra como você. Isso aqui é sua defesa. Isso é pra quando alguém for atingir você.

Nessa transformação do novo pajé, tinha todo um ritual, todas aquelas pedrinhas que eram retiradas serviam como proteção, ninguém batia nele porque se você batesse nele, aquela arma dele era uma defesa.

Segundo na língua do branco, na língua portuguesa, aqueles instrumentos que ele estava utilizando ali, se for retirado dele pode enfraquecer ele. Meu pai contava uma história, que ele cansou de ver, é uma pedrinha do tipo breu de jatobá. Meu pai falava isso, pois bem, é dizer que é idêntico àquilo lá, lá dentro, ele bota assim no claro, vê idêntico ao ratinho, aquilo é a onça. É justamente que ele vai ter aquele espírito de onça, que é uma das defesas dele. É de onde ele vai buscar as curas, as ideias, vai enfrentar as coisas mal através dos espíritos. Espírito que está ali dentro.

O outro é uma pedra do mesmo jeito, transparente, diz ele que ele só vê um fiapinho dentro, que é o timbre da sucuriju (cobra). Então ele vai ter aquilo. Caso ele tenha problema de doença de cima da terra, ele entra com o processo da onça. E se for coisa de água, ele entra com o processo da cobra. Então ele vai buscar a cura do povo dele, vai buscar na água, ele vai buscar na terra. Essa história que meu pai contava sobre a questão do pajé. Muitas vezes ele estuda todo processo, ele estuda até três meses. Ele fica separado da família. Estudando meses, ele não permanece mais em casa, porque ele já é aquele povo lá do mundo espiritual.

O meu pai disse que o meu avô saía, via ele até em até certo ponto, depois ele sumia, só escutava ele achando graça, dando risada, mas vai lá que você não sabe onde ele tá. Então, essa é a história que meu pai contava.

Ele ainda contava que, para que voltasse de novo, o pajé deixava uma buzina, assim, de bambu. Por exemplo, se você precisa da presença dele amanhã, você deveria pegar o buzina um dia anterior e buzinava, dava três buzinadas. No outro dia, cedinho, você escutava do jeito de um trovão, um estrondo, todos tinham que estar preparados. E quem vai se preparar para pegar ele, de preferência tinha que ser jovem, solteiro, que não tenha contato com mulher. Ele já vem preparado com material dele, tá lá o rapé, o canudo, o aruazinho (vasilhame que fica com rapé) dele lá, tá lá.

Ele deixa a casa e vai embora sozinho, antes do sol sair. Meu pai contava que olhava assim pro caminho de onde ele foi. Depois lá vinha ele, parecendo aqueles caras quando estão bêbados, cambaleando. Chegava, abria o portão e entrava.

Quando ele ia saindo, dois jovens tinham que pegar ele, enquanto um pegava o outro assoprava um canudo cheio de rapé, assoprava na venta dele depois soltava, outro pegava e assoprava no outro buraco da venta dele, o pajé arreia (caia no chão), passa alguns minutinhos, enterrava os pés, sentava e pedia água para beber, ele falava que não trazia nada, mas ele trazia só que ninguém vê quando ele vem chegando, ninguém vê, mas muitas vezes ele traz maracujá, caju na mão, ele só é de boa com quem ele quiser, ele dá os cajús para turma dele chupar.

Essa história do pajé que meu pai contava. História que eu tenho conhecimento. Quando o pajé está preparado ele é assim, três meses ele não fica em casa, ele fica mais lá floresta. Quando ele chegava, ele perguntava para a esposa o que o pessoal está querendo, porque ela mandou chamar ele, porque só ela tem autorização para mandar buzinar. Ele perguntava, quem foi que mandou me chamar? Ela vai e responde, o fulano está doente, ou então, nós estamos passando muita necessidade, nós estamos com fome e nós não temos comida.

Ele fala, tá bom vamos dá um jeito, cadê o pessoal da comunidade?', ela responde, estão por aí. Chama eles para podermos conversar, para saber o que realmente eles querem. Alguém comenta, ah, meu tio, nós queremos comer, nós estamos com fome, nós não temos mais rango, nós queremos comer peixe. O pajé fala, então tá bom, daqui a pouco você vai lá na beira do rio, olha lá como é que tá a situação. De vez em quando o cara vai lá e observa quem tem peixe fazendo tchum, tchum, tchum, tchum, no meio do igarapé. Tem um peixe pegando na espuma do rio (quando o peixe está boiando fica na superfície da água). O pajé diz, vocês então podem mariscar. Quanto menos se espera, aparecem os matrinxãs e todos pegam esse peixe à vontade.

Os rapazes convidam todos da comunidade, vamos lá, o pajé fala, pode pegar o peixe que quiser, enche, abastece a comunidade. Ele só interessa por um pedaço de matrinxã muquinhada, só o que lhe interessa, o restante podem comer. Do mesmo jeito, se por acaso a turma disser, hoje nós queremos comer carne. Ele responde, vocês que sabem, vocês têm coragem de enfrentar a caça, as queixadas?. Os rapazes respondem, ah, nós temos. Então tá bom, daqui a pouco vão lá no aceiro, vocês escutam lá o que tá acontecendo, a hora que vocês ouvirem alguma coisa, as queixadas, não tenham medo, só atirem para matar, não vão atirar adoidados que eles não são brabos.

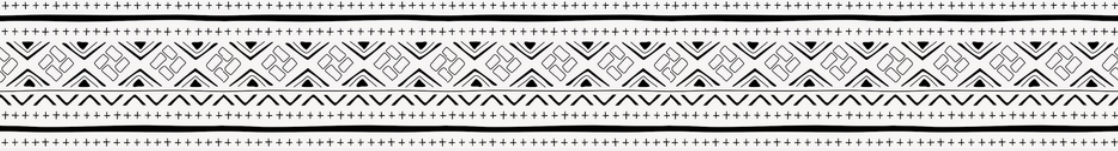
Os armados foram lá, atiraram o tanto que eles quiseram, mataram alguns. O pajé perguntou, vocês atiraram em quantos?. Um deles respondeu, eu atirei em um mas não encontrei. O pajé explicou, fica quieto, amanhã você vai e o seu porco vai estar caído, você pega a trilha deles e vai lá, tem uma passagem. O pajé indica tudo, tem uma madeira lá, um pau velho caído, você olha firme, à direita, à esquerda, tem um pau de sapopemba (parte da raiz de uma árvore, com protuberâncias a depender do tamanho da árvore), um galho de pau. Ele dá todo o detalhe, chega lá, tá lá o seu porco, pode buscar. Agora quando o cara atira e não feriu o porco para matar, ele diz, não vá não, que ele vai embora, ele vai ficar bom. Então esse é o processo que eu sei do indígena Apurinã que era pajé na época, que hoje eu não vi mais isso, segundo essas histórias. Eu não vi mais.





Desenho de Francisco Filho

Em seu relato, os membros da comunidade mencionaram que o pajé tinha a função de cura e, para isso, precisava se preparar na floresta com seu mestre espiritual. Esse treinamento envolvia um profundo relacionamento com as plantas medicinais e com os espíritos da floresta, os quais conferiam ao pajé o poder de cura. Langdon (1996), em seus estudos sobre o xamanismo na Amazônia, descreve o pajé como uma figura mediadora entre o mundo físico e o espiritual, sendo capaz de atravessar dimensões para buscar conhecimento e auxílio dos espíritos.



Muitas vezes, o pajé realiza longos períodos de preparação na floresta, onde entra em contato com plantas medicinais e com os espíritos que o guiam. Segundo Viveiros de Castro (2014), o xamanismo amazônico pode ser definido como a habilidade de certos indivíduos de cruzar deliberadamente as barreiras corporais e adotar a perspectiva de subjetividades de outras espécies. Para os Apurinã, o kusanaty é compreendido como um ser dotado de habilidades que lhe permitem viajar pelos quatro cantos do mundo, seja em seu próprio corpo ou no de outro ser vivo, podendo ser visto ou não, tanto em vida quanto em espírito, em estado de vigília ou de sonho (Apurinã, 2019).

Ele detém os códigos e técnicas necessários para se comunicar e interagir com os espíritos, humanos e não-humanos. Seus poderes são considerados ilimitados, tornando-o a figura mais importante entre os Apurinã (Apurinã, 2019).

7. CONTRIBUIÇÕES DOS SABERES INDÍGENAS PARA O MUNDO DOS BRANCOS

Escrever este livro paradidático foi uma experiência emocionante por saber que estarei contribuindo juntos com as (os) colaboradoras (es) para divulgar o conhecimento do nosso povo. Pode-se perceber que a cosmologia do povo Apurinã ultrapassa as barreiras de um novo conhecimento da vida, a história narrada por cada participante, e a minha, está entrelaçada com o tempo nas comunidades e convívio dos ribeirinhos. Nossa cultura por mais que tenha sofrido com a interferência dos brancos, vem se estruturando e se adaptando com a sociedade, pode-se aqui enfatizar que cada etnia tem uma cultura diversificada, não se pode afirmar que todos têm os mesmos conhecimentos. Os povos indígenas têm uma gama de histórias e conhecimentos a serem valorizados pela população não-indígena.



Aqui os colaboradores compartilharam valiosas contribuições e deixam uma mensagem importante para aqueles que não pertencem à sua cultura.

José Inácio nos alerta que *“os saberes indígenas podem contribuir em todas as áreas do universo: meio ambiente, saúde, pesquisa da ciência”*.

João Baiano e Francisco Marques nos ensinam que *“o uso de plantas medicinais pode contribuir para bem estar dos brancos, e que podem produzir vários tipos de remédio para nossa saúde”*.

Enfatizando a importância do respeito às tradições indígenas, ressaltando que a diversidade cultural enriquece a sociedade como um todo. Assim deixam uma mensagem:

Que os brancos entendam que nós indígenas somos ser gente, iguais a eles. Que cuidamos da floresta e dos rios, para que não vem acabar em futuro. Tenham respeito a nosso povo que a milhares de ano cuidado sem agredir a natureza (João Batista da Silva, 76 anos).

Que o homem branco entenda que nós indígenas somos ser humanos, iguais a eles. Com mesmo direito democrático em todas as áreas da vida (Francisco Marques, 62 anos).

Uma vez escutei um deputado falando sobre os direitos dos indígenas, sobre alguns artigos que os brancos não poderiam tirar. Nem o artigo 231 e nem o 232 da Constituição Federal porque os indígenas só tinham direitos a esses dois artigos, e os brancos mais de 300 artigos, então era bom que os brancos respeitassem esses artigos que dão direito aos indígenas. (José Inácio da Silva, 68 anos).

Que eles respeitem o pouco da cultura que ainda existe nos povos indígenas. Que respeite nossos direitos, cultura e a natureza (Maria Elza, 69 anos; Maria Batista Apurinã, 56 anos e Angelita Feliciano, 64 anos).

As falas são um chamado para que os não indígenas aprendam com esses saberes milenares, ao invés de destruí-los.

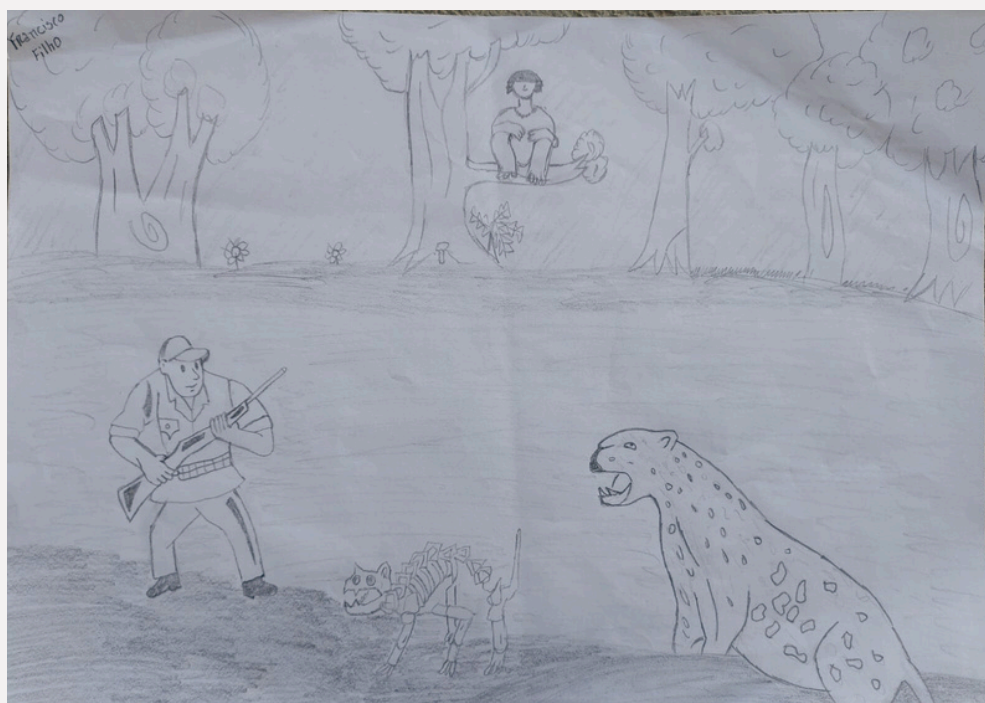
O homem é capaz de destruir a história que traz a realidade de um mundo ainda desconhecido pela sociedade. Sobre a origem da vida até hoje buscamos de fato entender, temos várias teorias. A ciência e a religião buscam trazer esse conhecimento, vendo cosmologia ou espiritualidade dos povos originários, parece que estamos navegando, sonhando e chegando mais próximo do que queremos e, ao mesmo tempo tão distante de compreender de fato nossa existência. Então estamos convivendo em mundo cosmológico.

A narrativa Apurinã, como parte da sua cosmossociologia, oferece um universo que vai além das perspectivas do saber, característica da sociedade ocidental, ela integra a natureza, a espiritualidade e as relações humanas. Ao trazer essas narrativas para o contexto da EPT, cria-se a oportunidade para que os estudantes e educadores compreendam o princípio da omnilateralidade, que propõe o desenvolvimento integral do ser humano em suas dimensões intelectual, prática, ética e cultural. Essa abordagem permite desconstruir o eurocentrismo, incentivando uma educação inclusiva que equilibre saberes técnicos e tradicionais, promovendo valores como reciprocidade e respeito, fundamentais para uma sociedade mais justa e sustentável.



*Nada se destrói diante de um olhar da natureza
Tudo se constrói diante do olhar da natureza
O homem destrói seu próprio habitat
A natureza constrói esse habitat de tantas riquezas
Onde pode viver tantas biodiversidades,
Se a natureza é destruída
Tudo pode se tornar um dilúvio
sem conhecimento do tamanho da destruição.*

Antonio P. Sobrinho



Desenho de Francisco Filho

REFERÊNCIAS

APURINÃ, Francisco. **O Mundo dos Kusanaty e a Cosmologia Apurinã**. Campos, v. 17, n. 2, 2016.

APURINÃ, Francisco. **Do licenciamento ambiental à licença dos espíritos os “limites” da rodovia federal BR 317 e os povos indígenas**. 2019. 228 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

APURINÃ, Francisco. Um olhar sobre o cosmos a partir da perspectiva indígena e as consequências da fricção entre os humanos e os não humanos. **Emblemas**, v. 17, n. 1, 14 - 35, jan. – jun. 2020.

ARROYO, Miguel Gonzalez. A Educação Profissional e Tecnológica nos interroga. Que interrogações? **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, v. 3, n. 1, p. 5-18, 2019.

FRIGOTTO, G. & CIAVATTA, M. (2012). Trabalho como princípio educativo. In: Salete, R., Pereira, I. B., Alentejano, P. & Frigotto, G. (Org.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 748-759

IBGE. **Lábrea População**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/labrea/panorama>. Acesso em: 05/05/2022.

ILUSTRAÇÃO de Jaidier Esbell. Disponível em: <https://xapuri.info/mundo-xamanico-apurina-parte-i/>. Acesso em 17/01/2025.

ILUSTRAÇÃO de Eron Teixeira. Disponível em: <https://olimpiareisresque.blogspot.com/2014/06/os-ninhos-do-japiim.html>. Acesso em 17/01/2025.

IMAGEM do Rio Purus. Disponível em:
<https://pt.aguasamazonicas.org/bacia/bacias-principais/purus>. Acesso em 17/01/2025.

IMAGEM de Comunidade Ribeirinha. Disponível em:
<https://1000dias.com/ana/comunidades-amazonicas/>. Acesso em 21/01/2025.

IMAGEM de Seringueira. Disponível em:
<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/ciclo-da-borracha.htm>. Acesso em 21/01/2025.

IMAGEM de Lábrea. Disponível em:
<https://portaldoamazonas.com/municipio-de-labrea-a-princesinha-do-purus-no-amazonas/>. Acesso em 19/12/2024.

IMAGEM de rodovia de Lábrea. Disponível em:
<https://idesam.org/estudo-mostra-impactos-da-br-319-em-municipios-do-amazonas/>. Acesso em 20/01/2025.

IMAGEM de Medicina Indígena. Disponível em
<https://bvsmms.saude.gov.br/projeto-promove-reconhecimento-da-medicina-indigena-no-brasil/>. Acesso em 20/01/2025.

IMAGEM de Macaco Parauacu. Disponível em:
https://www.mundoecologia.com.br/animais/macaco-parauacu-caracteristicas-nome-cientifico-e-fotos/#google_vignette. Acesso em 20/12/2024

IMAGEM de Pássaro Cancão. Disponível em:
<https://www.portal.zoo.bio.br/media539>. Acesso em 21/01/2025.

IMAGEM de Fruta Pitomba. Disponível em:
<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ser-saude/pitomba-conheca-os-beneficios-e-a-origem-da-fruta-1.3128447>. Acesso em 21/01/2025.

IMAGEM de Indígenas, Terra e Água. Disponível em <https://comin.org.br/wp-content/uploads/2022/12/SPI-2023-423x375.png>. Acesso em 21/01/2025.

IMAGEM de Árvore de Jatobá. Disponível em: <https://www.tecnologiaefloresta.com.br/2016/06/30/jatoba/>. Acesso em 21/01/2025.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Povos indígenas do Brasil: Línguas**. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/L%C3%ADnguas#Troncos_e_fam.C3.ADLias. Acesso em: 11/12/2024.

RIBEIRO, ECS; SOBRAL, KM; JATAI, RIP. **Omnilateralidade, politécnica, escola unitária e educação tecnológica: uma análise marxista**. I JONGG – JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ANTONIO GRAMSCI / VII JOREGG – JORNADA REGIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ANTONIO GRAMSCI . Fortaleza CE: Universidade Federal do Ceará : 1 – 11 p. 2016.

SOUZA J, J. **Marx e a crítica da educação: da expansão liberal democrática à crise regressivo-destrutiva do capital**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

TASSINARI, Antonella M. I. Sociedades Indígenas: introdução ao tema da diversidade cultural. In: SILVA, Aracy L. da; GRUPIONI, Luiz D. B. **A Temática Indígena na Escola**. Brasília: MEC/MARI/ UNESCO, 1995.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Araweté: os deuses canibais**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo Viveiros de. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, v. 2, p. 115-144, 1996.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo Viveiros de. O nativo relativo. **Mana**, v.8, p. 113-148, 2002.



O trabalho **EDUCAÇÃO INCLUSIVA: Contribuições do povo Apurinã para a Educação Profissional e Tecnológica**, de Antônio Pereira Sobrinho, Lediane Fani Fêlzke e Sandra A. F. Lopes Ferrari está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional.